



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Jonas Jandson Alves Oliveira

FUTEBOL, PERFORMATIVIDADE E NEOLIBERALISMO: reconfiguração identitária
do Manchester United diante do mercado

São Cristóvão - SE

2019

JONAS JANDSON ALVES OLIVEIRA

FUTEBOL, PERFORMATIVIDADE E NEOLIBERALISMO: reconfiguração identitária
do Manchester United diante do mercado

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Vanderlei Zacchi

São Cristóvão - SE

2019

JONAS JANDSON ALVES OLIVEIRA

FUTEBOL, PERFORMATIVIDADE E NEOLIBERALISMO: reconfiguração identitária
do Manchester United diante do mercado

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras.

São Cristóvão, 25/02/2019.

Professor e orientador Dr. Vanderlei José Zacchi
Universidade Federal de Sergipe

Professora Doutora Simone Batista da Silva
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Professor Dr. Paulo Roberto Boa Sorte Silva
Universidade Federal de Sergipe

Para Gessé, Chiquinho e Sandra

Imaginar que o futebol possa ter tetos, orçamentos, só gastar o que gerar, é mais ou menos fazer como um dia fez John Lennon, ao pensar um mundo sem guerras e religiões, em paz.

Juca Kfourì

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Gessé e Chiquinho, tanto quanto à minha tia Sandra por comporem o tripé de sustentação que me permitiu chegar até aqui.

Sou grato também à minha companheira Paloma Israely pelo suporte acadêmico e, sobretudo, por estar sempre presente ainda que distante fisicamente.

Este trabalho não poderia ser concretizado sem o apoio direto do meu orientador, professor Dr. Vanderlei José Zacchi, que me proporcionou imenso crescimento intelectual e pessoal ao longo de dois anos de aulas, leituras, orientações, reuniões, debates, conversas, trocas de e-mails e boas risadas.

Obrigado também aos membros da banca examinadora, professor Dr. Paulo Roberto Boa Sorte Silva e professora Dra. Simone Batista da Silva, por aceitarem o convite para avaliação desta dissertação e pelas contribuições para sua melhoria. Estendo também o meu apreço aos comentários e sugestões dados pela professora Dra. Marlene de Almeida Augusto de Souza, quando o esboço deste trabalho foi submetido ao exame de qualificação.

Por fim, deixo meus agradecimentos aos colegas de turma e do grupo de orientandas e orientandos do professor Vanderlei Zacchi, assim como aos colegas de trabalho no Instituto Federal de Sergipe pelas sugestões para a pesquisa e o suporte emocional que me concederam.

RESUMO

No primeiro semestre de 2017, o Manchester United, time mais rico do mundo na atualidade (BBC, 2018), oficializou uma parceria com uma organização não-governamental do Reino Unido chamada *Stonewall*. O foco da união visava o desenvolvimento de campanhas e ações em prol da causa LGBT no âmbito do futebol e buscava ainda a ampliação dessa atuação para *Premier League*, a primeira divisão do campeonato inglês. Este trabalho almeja analisar como a performatividade influencia os traços identitários que o clube cria e reconfigura ao longo do tempo. A escolha desse cenário teórico para o desenvolvimento da pesquisa lida com a perspectiva de Pennycook (2014), embasado pela filósofa Judith Butler, para quem a performatividade configura-se como uma característica de uma virada somática que atingiu as ciências sociais e a linguística aplicada. O objetivo maior desta dissertação é a análise de processos que levam essa equipe, um modelo de gestão dentro e fora do campo para outros times ao redor do globo, a não mais se amparar numa identidade pré-formada, sendo esta performada no dia a dia e dialogicamente intermediada pelos discursos vigentes. De modo mais específico, investigo a entrada do clube inglês em ações voltadas para políticas de gênero. Exploro, sócio-historicamente, a ascensão ao patamar de clube/empresa em que se encontra atualmente através de produções bibliográficas como fonte de teorização e a análise documental de fontes jornalísticas escritas, imagéticas e audiovisuais oriundas do *website* do Manchester United, assim como de versões *online* de tabloides e periódicos esportivos brasileiros e estrangeiros. Ao longo do trabalho demonstro como o clube se modificou e busca afirmar uma nova identidade recorrendo à manutenção de uma boa imagem aos olhos sociais sem se desvincular de sua agenda neoliberal.

Palavras-chave: Futebol. Performatividade. Neoliberalismo. Manchester United. LGBTQI+

ABSTRACT

In the first semester 2017, Manchester United, the current richest team in the world (BBC, 2018), has officialized a partnership with a Non-governmental Organization from The United Kingdom called Stonewall. The focus of this alliance aimed at the development of campaigns and actions on behalf of the LGBT cause in the framework of football and it also searched for broadening of this acting to Premier League, the first tier of the English championship. This work seeks analyzing how performativity influences the identitary traces that the club creates and reconfigures throughout time. The choice of this theoretical scenario for the development of the research deals with the perspective of Pennycook (2014) based on the philosopher Judith Butler, to whom performativity sets as a characteristic of a somatic turn that attains the social sciences and the applied linguistics. The main objective of this dissertation is the analysis of processes that take this team, a model of management inside and outside the pitch for other clubs around the world, to no longer sustain itself in a pre-formed identity, being it performed daily and dialogically intermediated by the current discourses. More specifically, I investigate the accession of the English club in actions related to the gender policies and exploit, socio-historically, its rise to the threshold of a club/company in which it is these days through bibliographical productions as the source of theorization and documental analysis of written, imaged and audiovisual documental sources from the website of Manchester United, as well as from the online versions of Brazilian and foreign sport tabloids and newspapers. Throughout the work I demonstrate how the club has modified itself and searches to affirm a new identity resorting to the maintenance of a good image towards the social view without getting rid of its neoliberal agenda.

Keywords: Football. Performativity. Neoliberalism. Manchester United. LGBTQI+

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	ASPECTOS METODOLÓGICOS	13
2	PERFORMANCE E PERFORMATIVIDADE	16
2.1	A OFICIALIZAÇÃO DA PARCERIA: PERFORMATIZANDO A NOVA IDENTIDADE DO MANCHESTER UNITED	21
3	A FIXAÇÃO DAS IDENTIDADES DE GÊNERO.....	29
4	MANCHESTER UNITED: UMA EMPREITADA NEOLIBERAL.....	57
4.1	A TRANSNACIONALIZAÇÃO DO MANCHESTER UNITED.....	63
4.2	O MANCHESTER UNITED ENTRE O CÉU, O INFERNO, O LOCAL E O GLOBAL... ..	68
4.3	GLOCALIZAÇÃO E NEOLIBERALISMO: O LUGAR DA TORCIDA.	80
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
	REFERÊNCIAS	103

1 INTRODUÇÃO

Entender o futebol como um microcosmo da sociedade não é mais uma novidade e muito se comenta nos diversos espaços nos quais esse tema circula sobre a sua dimensão para além de um simples jogo. O improviso numa jogada, um drible desconcertante, um gol marcado nos acréscimos da etapa final são alguns dos inúmeros cenários de imprevisibilidade que permeiam o universo futebolístico e permitem que a lógica seja quebrada para que um time de menor expressão possa sair vencedor de um confronto contra um clube com maior torcida, recursos econômicos e cuja camisa carrega o peso da tradição.

Um olhar por esse aspecto permite uma relação ainda mais direta entre esse esporte e os aspectos da vida diária. Práticas, crenças e verdades inquestionáveis ocupam seu lugar no âmbito social sem que se saiba ao certo de onde surgiram, como se estabeleceram e através de quais processos assumiram a condição absoluta que ostentam na contemporaneidade. Os grupos que se amparam nesses pilares gozam de privilégios que lhes permitem manter uma posição dominante. Em uma analogia com o futebol, é possível estabelecer uma relação com as divisões traçadas por federações nacionais para organizar seus respectivos campeonatos. De modo geral, já que há raros casos de exceção, como no campeonato argentino, as principais competições de clubes ao redor do mundo contam com um número igual ou inferior a 20 participantes em seu grupo de elite. As demais equipes são distribuídas, respectivamente, em divisões inferiores numa distribuição diretamente proporcional ao nível de relevância que ocupam no cenário nacional. Quanto menor o grau de significância de um time para o universo futebolístico, menor é a divisão que ocupa e mais clubes precisará enfrentar para atingir o acesso a um quadro superior. Em países como o Brasil, onde a concentração de renda e os níveis de riqueza da população são distribuídos de maneira desigual, a divisão das classes sociais se assemelha bastante ao processo de inclusão dos clubes nos torneios que disputam, como acabo de descrever. Semelhante ao dilema em torno da disputa “a vida imita a arte ou a arte imita a vida?”, o futebol segue como um laboratório para a vida em comunidade e, por consequência, carrega as suas mazelas. Tal qual clubes considerados “pequenos”, os grupos minoritários também dispõem da possibilidade de atingir sua “redenção”. Alguns como o Íbis

Futebol Clube, do estado de Pernambuco, localizado no nordeste brasileiro, aceitam a condição de inferioridade que lhes são atribuídas e fazem dela sua política de sobrevivência, a sua identidade. Outros, como a Chapecoense, da cidade homônima de Santa Catarina, anseiam pertencer ao grupo dominante, ascendem de uma divisão à outra e podem ser abraçadas pelos membros da elite quando se espelham no seu modelo de gestão. Há ainda casos como o do São Caetano, no interior paulista, que emerge rapidamente, se mantém durante um certo tempo entre seus diferentes, mas logo é levado de volta ao ostracismo.

Embora os exemplos dos três clubes citados no parágrafo anterior pareçam trazer um olhar desesperançoso sobre uma mudança de paradigma, o aspecto que destaque nessas três observações é voltado para o estado de dependência que essas equipes carregam em relação ao setor de elite que lhes servem de exemplo. O nível de sucesso que esses times podem ou não atingir gira em torno da aprovação e reconhecimento de um grupo que se mantém intocável. Em alguns momentos, grandes nomes do futebol são rebaixados para divisões inferiores por diversos problemas dentro e fora do campo, mas, apesar do trauma que essa frustração venha a causar, tais equipes ainda conservam o *status* de nobreza que carregam como uma característica essencial ligada a um passado glorioso repleto de títulos e acontecimentos que ocupam a magnitude de mitos fundadores. A repetição desses fracassos, por outro lado, pode representar um abalo ainda maior na identidade desses clubes. O temor de ser reduzido ao grau do seu polo opositor, o clube de menor expressão que agora flerta com a divisão de elite e cobiça a vaga que historicamente lhe pertence, se torna algo constante.

Similitudes entre os acontecimentos que abordo aqui e a vida para além do futebol não devem ser vistos como simples coincidência. Um bom exemplo para visualizar essa relação está centrado na Inglaterra. O país europeu com larga tradição colonial exerceu e ainda exerce poder sobre várias outras nações, tanto ex-colônias como aliados ideológicos e econômicos. É à coroa inglesa também que se associa a invenção do futebol. O fraco desempenho de sua seleção nacional ao longo dos anos, principalmente em copas do mundo, é um fator que limita a aceitação da Inglaterra como uma grande potência mundial nesse esporte. O *English Team* tem sido há muito superado por países que apresentam índices inferiores ao seu em aspectos que vão desde a economia a indicadores

de qualidade de vida. Em uma comparação direta entre os inventores do futebol e a realidade brasileira, é viável afirmar que o Brasil tem sido, ao longo da história, um caso de exceção à regra no sentido futebolístico, ou seja, embora apresente números abaixo da média quando se trata de benefícios à população, o país sul-americano ocupa até hoje posição de supremacia quando o assunto é o esporte bretão, sendo o único pentacampeão mundial. Além disso, ao contrário da Inglaterra, onde os clubes têm proprietários e visam antes de tudo obter lucros, no Brasil ainda perdura o modelo de gestão em que sócios dos times assumem o seu comando.

É diante desse diálogo de interdependência entre sociedade e futebol que um fato recente desperta minha atenção. No primeiro semestre de 2017, o Manchester United, time mais rico da atualidade (BBC, 2018), oficializou uma parceria com uma organização não-governamental do Reino Unido chamada *Stonewall*. O foco da união, segundo o anúncio assinado pelo clube e a ONG, visa o desenvolvimento de campanhas e ações em prol da causa LGBT¹ no âmbito do futebol. Almeja ainda a ampliação dessa atuação para a *Premier League*, a primeira divisão do campeonato inglês – alguns clubes do País de Gales são integrados à competição – de futebol. Apesar de não haver entre pesquisadores, ativistas e representantes das políticas de gênero uma visão definitiva e uníssona acerca da sigla que engloba os grupos inseridos nessas causas, há uma ampla aceitação atualmente do acréscimo das letras Q (*queer*) e I (intersexuais) ao acrônimo LGBT (CARVALHO–et al., 2016). Insituições governamentais brasileiras, por exemplo, adotam, assim como Manchester United e *Stonewall*, a sigla LGBT para tratar de questões do âmbito da diversidade (GONÇALVES, 2018). A adoção de novas letras é diretamente proporcional às novas nomeações que grupos ocupantes das linhas de abjeção de gênero recebem. Ao restringir-se em usar apenas as 4 letras de uma nomenclatura que já está sob revisão e ampliação, tanto o clube como a própria ONG atuante em questões dessa causa optam pela manutenção de um viés que

¹ Ao longo desta dissertação, a sigla LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros) será intercambiada com o acrônimo LGBTQI+. A primeira será usada quando fizer referência ao meio pelo qual as questões de gênero e sexualidade têm sido encaradas pelas corporações e o mercado em si, a segunda destaca a minha posição enquanto autor deste trabalho.

tende a neutralizar a importância que a linguagem exerce na inclusão ou exclusão de pessoas (MENEZES DE SOUZA, 2011).

O contato entre as duas instituições não surgiu de maneira isolada, sendo, na verdade, apenas uma das condições de uma iniciativa maior. O *TeamPride*² consiste em um conglomerado de empresas atuantes em ramos diferentes do mercado, mas que através de um trabalho integrado pretende ampliar suas influências para a área com a qual a *Stonewall* está envolvida. Entre algumas³ das marcas vinculadas a essa coalizão estão AON e Adidas. A primeira é prestadora de serviços em consultoria de benefícios enquanto a segunda é uma das maiores empresa do ramo esportivo do mundo⁴, ambas patrocinam o clube em questão. Uma nota divulgada pelo próprio Manchester United, em seu *website* oficial, oferece noções gerais sobre o acordo entre as duas partes e fornece subsídios para aprofundamentos acerca dessa medida.

Neste trabalho, almejo discutir como a performatividade, vinculada à filosofia da linguagem, direciona os traços identitários que o clube cria e reconfigura ao longo do tempo. A escolha desse cenário teórico para o desenvolvimento da pesquisa lida com a perspectiva de Pennycook, influenciado pela filósofa Judith Butler, para quem a performatividade “pode ser compreendida como o modo pelo qual desempenhamos atos de identidades como uma série contínua de performances sociais e culturais em vez de expressão de uma identidade anterior” (PENNYCOOK, 2014, p. 80). Nesse trajeto, os clubes de futebol, principalmente aqueles centrados no continente europeu, como é o caso do Manchester United, e que exercem maior influência sobre outros times ao redor do mundo, inclusive do Brasil, remodelam suas identidades tendo o mercado financeiro como um termômetro das posições que devem assumir no cenário global.

2 A palavra *pride* é uma referência ao orgulho LGBT.

3 O TeamPride é composto em sua totalidade por Manchester United, Adidas, Aon, Aviva, Visa, Sky, Ebay, Premier League, O2 e Barclays: <https://www.stonewall.org.uk/teampride>.

4 De acordo com a revista Forbes Brasil, a Adidas ocupava o terceiro lugar entre as marcas esportivas mais valiosas do mundo em 2016: <http://forbes.uol.com.br/listas/2016/10/10-marcas-esportivas-mais-valiosas-do-mundo/>.

1.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O desenvolvimento desta dissertação se ampara em produções bibliográficas como base de teorização e na análise documental (GIL, 2008) de fontes jornalísticas escritas, imagéticas e audiovisuais oriundas do *website* do Manchester United, assim como de versões *online* de tablóides e periódicos esportivos brasileiros e estrangeiros. Os materiais analisados foram publicados entre o primeiro semestre de 2017, período em que o Manchester United firmou a parceria com a Stonewall, e o fim de 2018 quando esta dissertação esteve em produção.

Os temas a serem tratados no decorrer da pesquisa lidam com as questões LGBTQI+, e de outras identidades subjacentes, de modo a perceber como o Manchester United engloba em sua performatividade ações que lhe permitem reivindicar uma nova forma de estar no mundo sem necessariamente estar com ele (MENEZES DE SOUZA, 2011) – o que requer uma conscientização social e crítica que transpõe a noção individual, passando a ser também interferida pelo coletivo ao redor – e o papel que sua conduta neoliberal desempenha nessa trajetória. A compreensão de neoliberalismo que perdura ao longo dessa dissertação se aproxima, portanto, da visão compartilhada pelo sociólogo David Harvey. Para o autor, o termo em questão abrange um pensamento político-doutrinário capaz de homogeneizar estruturas de comportamento por meio de ações de desregulação e terceirização de responsabilidades sociais para corporações, organizações não-governamentais e os próprios indivíduos, trazendo na base de sua formulação o ideal de liberdade (DUBAL, 2010).

A fim de organizar estruturalmente o texto, escrevo, a princípio, um breve histórico das noções de performance e performatividade desde o primeiro estudo sistematizado em que essas ideias foram mencionadas até percursos mais recentes pelos quais tais noções têm transitado. Na sequência, tendo em vista que o Manchester United usou seu *website* para divulgar ao público um acordo de ação conjunta com a *Stonewall*, abro uma sub-seção para entender os fundamentos desse acordo a partir do texto divulgado pelo próprio clube. Nesse ponto, a equipe começa o processo de reconfiguração identitária para se adequar às demandas neoliberais do mercado e aos discursos que ressoam na atualidade.

Na seção 3, trago de maneira mais esmiuçada o acordo entre Manchester United e *Stonewall* ao ponto de tornar-se perceptível como tal união atua de maneira performativa na manutenção de identidades de gênero (LGBT). É nesse momento também que argumento a insuficiência do ideal de respeito à diversidade como garantia de acesso aos variados contextos da vida em sociedade. Ainda nessa seção, ao perceber a Inglaterra como uma grande potência mundial e a sede do clube Manchester United, julgo interessante a manutenção de um jogo de deslocamento espacial capaz de reconhecer a nação e o time ora como parte de contextos globais, devido à amplitude de abrangência que ocupam no cenário internacional, e em outros momentos como inseridos em ambientes locais que se voltam para situações passíveis de questionamentos no seu microuniverso.

Ao longo do texto irei sempre retomar o diálogo com outros lugares, principalmente aquele de onde falo, o Brasil, numa perspectiva de análise que privilegia a ideia de “ler, se lendo” (MENEZES DE SOUZA, 2011), ou seja, à medida em que avanço nas discussões envolvendo o Manchester United, me volto também para o contexto no qual estou inserido a fim de perceber semelhanças, incongruências, discrepâncias e outras possibilidades de leitura que confrontem o contexto em que me insiro. Para tanto, tomo como princípio norteador da minha escrita a seleção de materiais de leitura escritos em língua portuguesa e inglesa para manter o contato direto entre o meu espaço, aquele ocupado pelo Manchester United e outros que por ventura venham a surgir num mundo globalizado onde o inglês funciona como língua internacional, apropriada por vários locais ao ponto de não pertencer a falantes nativos (SIQUEIRA apud JORDÃO, 2014).

Os textos e documentos analisados neste trabalho encontram um canal de aproximação através da Linguística Aplicada. O viés que adotarei para minhas análises é permeado pela noção de Indisciplina (MOITA LOPES, 2014) e Transgressão (PENNYCOOK, 2014), que remete a uma não-limitação à linguística pura. Assim, transito em outras áreas do conhecimento como a filosofia, a sociologia, os estudos culturais e a comunicação social para perceber intersecções com a linguagem que expandem o leque de abordagens em torno da reformulação identitária do Manchester United e suas conversas com outras

instituições, como a sua parceira *Stonewall* e outros clubes de futebol pertencentes ao seu cenário local e ao âmbito global.

Por fim, explico na seção 4 como o clube inglês transitou de uma identidade de classe mais bem fundamentada para uma identidade neoliberal travestida de progresso e aproximação com debates acerca da diversidade. Nesse sentido, o percurso identitário do clube se confunde com o de seus torcedores e sua trajetória converge/diverge de ideais construídos sócio-historicamente por eles. Analiso nesse cenário como os recursos multimodais do *website* da equipe podem ser lidos de uma forma que impute em seus torcedores a assimilação de ideias e comportamentos com os quais o Manchester United busca se associar na atualidade. Nesse momento, as contribuições da gramática do design visual de Kress e Van Leeuwen (2006) me deram subsídios para manter as análises sob a égide do que tratei no parágrafo anterior.

O objetivo maior desta dissertação é a análise de processos que levam o Manchester United, um modelo de gestão dentro e fora do campo para outros times ao redor do globo, a não mais se amparar numa identidade pré-formada, sendo esta performada no dia a dia e dialogicamente intermediada pelos discursos vigentes (PENNYCOOK, 2014). De modo mais específico, investigo a entrada do clube inglês em ações voltadas para políticas de gênero e exploro sua ascensão ao patamar de clube/empresa em que se encontra atualmente.

2 PERFORMANCE E PERFORMATIVIDADE

Os primeiros registros sobre a noção de performatividade vieram à tona a partir dos estudos do filósofo inglês John Austin. No livro *How to do things with words*, traduzido para o português como *Quando dizer é fazer*, Austin (1990) assume, a priori, a língua em seu caráter estrutural. Segundo o autor, o enunciado “está chovendo” pode ser assumido como verdadeiro ou falso, o que lhe confere uma função constativa. Em contrapartida, em situações nas quais o enunciado se encaminha para a concretização daquilo que declara, há a existência de um performativo (LOXLEY, 2007).

No entanto, Austin argumentou que não bastava enunciar algo para que um performativo fosse concluído em sua integridade:

vamos concentrar nossa atenção em um detalhe já mencionado de passagem - a questão das "circunstâncias adequadas". Apostar não é, como já assinalei, simplesmente proferir as palavras "Aposto... etc.". Com efeito, alguém poderia dizer tais palavras e mesmo assim poderíamos discordar de que tivesse de fato conseguido apostar. Para comprovar o que acabo de dizer basta, digamos, propor a nossa aposta após o término da corrida de cavalos. Além do proferimento das palavras chamadas performativas, muitas outras coisas em geral têm que ocorrer de modo adequado para podermos dizer que realizamos, com êxito, a nossa ação. Quais são essas coisas esperamos descobrir pela observação e classificação dos tipos de casos em que algo *sai errado* e nos quais o ato - isto é, casar, apostar, fazer um legado, batizar, etc. - redunde, pelo menos em parte, em fracassar. Em tais casos não devemos dizer de modo geral que o proferimento seja falso, mas malogrado. Por esta razão chamamos a doutrina das *coisas que podem ser ou resultar malogradas*, por ocasião de tal proferimento, de doutrina das *infelidades* (AUSTIN, 1990, p. 30, grifo do autor, tradução nossa).

O que o filósofo entende por felicidade de um performativo diz respeito a uma série de condições necessárias para que uma celebração tal qual um casamento, por exemplo, seja efetivamente concluída. Nessa situação específica, a presença de uma autoridade devidamente legitimada assim como de testemunhas que comprovem a veracidade e estrutura padrão do ritual que está acontecendo são, segundo ele, essenciais para um performativo feliz. Outro fator relevante para atingir tal condição é a intenção das pessoas envolvidas ou, nas palavras do próprio autor:

(y. 1) Nos casos em que, como ocorre com freqüência, o procedimento visa às pessoas com seus pensamentos e sentimentos, ou visa à instauração de uma conduta correspondente por parte de alguns dos

participantes, então aquele que participa do procedimento, e o invoca, deve de fato ter tais pensamentos ou sentimentos, e os participantes devem ter a intenção de se conduzirem de maneira adequada, e, além disso, (y .2) devem realmente conduzir-se dessa maneira **subsequentemente** (AUSTIN, 1990, p. 31, grifo nosso, tradução nossa).

Os casos em que a condição acima, assim como outras listadas pelo autor, não eram cumpridas passariam então a configurar os casos que “tornavam o proferimento um desacerto, e o ato intencionado nulo e vão, e como tal, sem surtir qualquer efeito” (AUSTIN, 1990, p. 38). Adiante, em seu texto, o filósofo concentra seus esforços na apresentação de situações nas quais os performativos não devem ser levados a sério, ampliando dessa forma os casos de nulidade em torno deles. As falas de um ator no palco ou a leitura de um poema, assim como qualquer representação de caráter ficcional, dão a tônica do distanciamento que Austin estabelece em relação às *performances*, visualizadas por ele estritamente no sentido teatral e vinculadas a características que fazem paródias da realidade. Na citação acima, ao mencionar o aspecto subsequente de um performativo para que venha a ser aceito como feliz, o autor lança os primeiros indícios sobre a possibilidade de reprodução de todo e qualquer enunciado, algo que será reiterado por ele na continuidade do livro. A ação, semelhante a de um “parasita”, a partir da qual ele organiza a justificativa para não considerar a seriedade dos performativos anteriormente mencionados, recebe o nome de *estiolamento*. Sobre esse conceito, Loxley admite não haver em *Quando dizer é fazer* um confronto com o que corresponderia ao “‘mundo real’, como se o não ser sério desses enunciados fosse vinculado à ausência de algum tipo de substância ontológica” (LOXLEY, 2007, p. 15). Essas lacunas deixadas por Austin abrem espaço para releituras de sua obra, dentre as quais as considerações feitas pelo filósofo francês Jacques Derrida, que impulsionaram novas possibilidades de assimilação e questionamentos em torno da performatividade.

A principal crítica de Derrida, com relação ao tratamento concedido por Austin aos performativos, diz respeito àquilo que o filósofo inglês encarou como não-sério. Sua argumentação se ampara na seguinte pergunta:

Seria possível que um enunciado performativo fosse bem-sucedido se sua formulação não repetisse um enunciado ‘codificado’ ou iterável, em outras palavras, se a fórmula que pronuncio a fim de iniciar uma

reunião, batizar um navio ou celebrar um casamento não fosse identificado em conformidade com um modelo iterável, se não fosse então identificado de algum modo como uma 'citação'? (DERRIDA, 1988, p. 18, tradução nossa).

Nesse questionamento, Derrida se vale de uma argumentação anterior proposta por ele próprio ao analisar a premissa de que a escrita funcionaria como uma forma de suprir a ausência de um interlocutor específico, de modo que através da grafia uma extensão do diálogo presencial pudesse ser representada. O filósofo refuta essa ideia ao propor uma cisão com a necessidade da presença de um receptor ou até mesmo do emissor de uma mensagem para que seu conteúdo seja efetivamente considerado linguístico. A condição iterável à qual o enunciado deve estar vinculado, segundo a indagação do excerto acima, torna explícita a ideia de que a comunicação pode se fazer na “total ausência” dos participantes do diálogo, ou seja, mesmo diante da “morte ou possibilidade de morte” (DERRIDA, 1988, p. 8) de um ou todos eles e, por conseguinte, é possível ser sustentada também em contextos diferentes. Agora, em vez de uma conexão em que a presença pode se fazer ainda que distante, há um cenário de total não-presença (MATOS, 2017) permitido pela *iterabilidade* que:

Especificamente, se refere à repetibilidade da qual unidades linguísticas devem ser capazes: um signo ou uma marca que não fosse repetível não seria um signo ou uma marca, e não poderia ser um elemento em uma língua ou um código (LOXLEY, 2007, p. 77, tradução nossa).

O olhar lançado pelo autor francês sobre os performativos não-sérios permitiram uma problematização acerca dos traços de uma filosofia essencialista no posicionamento de Austin e, conseqüentemente, abriu espaço para que interpretações posteriores pudessem ser feitas. Reivindicações no campo das identidades - identidade de gênero de maneira mais enfática - foram contempladas na obra da filósofa Judith Butler e tiveram, entre suas bases teóricas, a perspectiva da iterabilidade. Coube a Butler também uma ampliação sobre a performatividade em que as *performances* passaram a ter um grau maior de significação. No livro *Problema de gênero* (1990), a autora argumenta que a assimilação do sexo como um fator pré-discursivo é o que mantém sobre essa categoria uma visão ontológica do ser - a metafísica da substância - que se estende para o gênero, comumente associado a um construto social que permite a identificação de um sujeito enquanto masculino ou feminino. Assim, o sexo,

regulado por uma matriz heterossexual que reivindica uma originalidade biológica do ser, seria determinante do gênero que por sua vez só poderia ser assimilado dentro da lógica binária que mencionei acima (BUTLER, 2017). Nas palavras da filósofa, o ato repetitivo de chamar uma garota por este vocativo é parte de um processo contínuo que busca transformá-la naquilo ao que o termo remete. A partir daí a sua visão de performatividade ganha sentido:

Atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo [...] esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo *performativo* sugere que ele não tem status ontológico, separada dos vários atos que constituem sua realidade (BUTLER, 2017, p. 235).

É na linguagem e por meio dela que Butler questiona a visão de essência que circunda as relações entre sexo, desejo e gênero, além de evidenciar a noção de sujeito reduzido pela superfície de um corpo sem qualquer ligação contingencial com os espaços em que circula. Em sua concepção performativa, a ideia de *performance* passa a ser fundamental, deslocada do eixo da ficção defendida por Austin, para ser analisada no campo discursivo:

a ação do gênero requer uma *performance* repetida. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação...a performance é realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária – um objetivo que não pode ser atribuído a um sujeito, ao invés disso, ser compreendido como fundador e consolidar do sujeito (BUTLER, 2017, p. 242).

Através das palavras supracitadas, Butler invoca a iterabilidade quando enfatiza a necessidade da repetição dessas performances ao passo que as vincula também a uma possibilidade constante de serem violadas. Esse processo explica a necessidade de uma constante reiteração da regra vista por Derrida (1997) como a função de policiamento que envolve as *performances*. A abordagem que Butler confere à performatividade também inicia um trânsito da linguagem cujo fluxo começa a migrar da estrutura e oralização para o corpo. A Linguística Aplicada (LA) é um espaço em que esses ideais têm repercutido com grande ênfase nos domínios da linguagem, munidas por perspectivas que as colocam no patamar de Indisciplina (MOITA LOPES, 2014). A ambiguidade do

termo permite tanto um rompimento com as visões tradicionais da linguística pura, como uma ruptura de laços com a visão tradicional de LA, anteriormente associada com a mera aplicação de teorias na aprendizagem de línguas. Assim, a LA Indisciplinar se distingue pela sua capacidade de não se permitir ser delimitada por sua “área-mãe” e, conseqüentemente, se aproxima dos domínios das ciências sociais.

A performatividade é presença constante nos estudos do linguista aplicado inglês Alastair Pennycook. Sua ênfase reside nos fluxos transculturais e transgressivos envolvendo o hip-hop e os novos horizontes de uma linguística aplicada que almeja a agência atrelada à noção pós-moderna de crítica a qual sugere práticas de problematização constantes (PENNYCOOK, 2009; 2014). Suas considerações sobre essa temática se baseiam em refutações aos sistemas dicotômicos de Saussure (langue/parole) e Chomsky (competência/desempenho); ambos partem de uma fundação anterior que denota origem ou prioridade do primeiro termo em detrimento do segundo (LOXLEY, 2007). Derrida (1988) afirma que essa é uma tradição do pensamento ocidental e tem se prolongado em todas as teorizações propostas por pensadores ligados à metafísica até então. O mesmo autor sugere que o processo de *Desconstrução* consiste em promover a abertura da linguagem de modo que a atribuição de significado aos textos é “o resultado da diferença entre as palavras usadas, mais do que a referência às coisas que elas representam” (MENESES, 2013, p. 180), além de almejar ainda a desconstrução dos binarismos mencionados por Loxley (2007). A forma explorada por Pennycook para seguir na contramão dessa tendência é a virada somática das ciências sociais que concede à *performance* a possibilidade de “mudar o foco de competências internas e abstratas para implementações corporais e públicas” (2009, p. 61). O autor deixa explícita em seus textos a influência de Butler para compreender as identidades não como condições pré-formadas (dadas ou não-flexíveis), mas sim performadas (PENNYCOOK, 2004; 2009) entendendo, portanto, que as identidades são produtos da linguagem ao invés de encontrar nos indivíduos isolados seus produtores.

A próxima sub-seção adentra a parceria estabelecida entre Manchester United e *Stonewall* usando as discussões em torno de *performance* e

performatividade dispostas aqui para explorar o perfil identitário que o clube reformula e adapta para adequar sua imagem e marca a demandas progressistas que ganham mais espaço no meio ocidental atualmente.

2.1 A OFICIALIZAÇÃO DA PARCERIA: PERFORMATIZANDO A NOVA IDENTIDADE DO MANCHESTER UNITED

Algumas informações prévias sobre a parceria entre Manchester United e *Stonewall* já foram mencionadas no texto introdutório da seção 2, entre elas a menção do meio pelo qual o clube anunciou oficialmente o acordo entre as partes. A imagem abaixo reproduz a forma como a parceria foi apresentada no *website* do clube, incluindo ainda sua manchete e subtítulo:

Figura 1: Oficialização da parceria entre Manchester United e *Stonewall*



07/03/2017 11:30, Report by Communications Department

UNITED PARTNER WITH LGBT INCLUSION CHARITY

Manchester United has become the UK's first football club to partner with leading lesbian, gay, bisexual and transgender (LGBT) charity, Stonewall.

Fonte: MANCHESTER UNITED (2017)

O contraste entre o fundo branco e as cores vermelha e preta usadas nas letras do texto linguístico, as quais anunciam a união entre o clube e a ONG,⁵ faz alusão ao uniforme do Manchester United, o qual concentra, predominantemente, essas três variações. O uso das letras maiúsculas na manchete é um artifício comum nesse gênero textual. Chamo a atenção, também, para o subtítulo da matéria que destaca o Manchester United como **primeiro** clube de todo o Reino Unido a associar-se com a *Stonewall*. O uso do ordinal remete tanto à ideia de exclusividade como de pioneirismo, duas características bastante presentes nas relações de mercado como fatores de atração para o consumidor. Esse contato com o espaço mercadológico pode ser identificado nas palavras do gerente administrativo do clube que, embora apareçam escritas no *website* do Manchester United, serão entendidas aqui como “fala” (KRESS, 2003), devido às aspas usadas na matéria divulgada pelo clube para indicar a reprodução na íntegra do que foi dito abaixo:

‘O Manchester United procura sempre ser um líder em tudo o que faz, e estamos orgulhosos de sermos o primeiro clube esportivo a se juntar à TeamPride. O clube tem um compromisso em curso com a igualdade em todas as áreas e, com 659 milhões de seguidores ao redor do mundo, é sua responsabilidade mostrar apoio e reconhecimento a todos que amam esse clube de futebol’ (ARNOLD, 2017, p. 1, tradução nossa)⁶.

Os ideais de mercado do clube são reforçados na fala de Arnold a partir dos dados lançados por ele em termos de grandeza de torcida. Ao optar pelo não uso da palavra *fans* – torcedores em inglês – Arnold denota uma concepção de apoio ao clube que extrapola os limites do estádio e se expande para uma dinâmica global. O termo *followers*, por sua vez, está relacionado a seguidores, um vocábulo presente em mídias digitais para indicar pessoas que acompanham as atualizações de uma figura ou instituição em uma página de rede social. Na citação do número de adeptos que o clube tem nas suas contas *online* o dirigente faz menção à quantidade de pessoas que acompanham o clube nesses ambientes virtuais sem fazer qualquer tipo de distinção entre as páginas do time,

5 A manchete traz em inglês a frase “United associa-se a uma instituição beneficente da inclusão LGBT”.

6 Manchester United always looks to be a leader in everything it does and we are proud to be the first sports club to sign up to TeamPride. The club has an ongoing commitment to equality across all areas and with 659 million followers around the world, it is our responsibility to show support and recognition to everybody who loves this football club.

o que implica um somatório total de seguidores em todas as plataformas em que o Manchester United mantém um perfil oficial (Facebook, Instagram, Twitter e Google+, segundo o endereço eletrônico da equipe). O uso dessa estratégia mascara a possibilidade de que um único indivíduo acompanhe os perfis do time em todas essas redes sociais de modo que a informação não pode ser considerada falsa, porém é, estrategicamente, produzida para causar um efeito de impacto sobre os leitores. A reivindicação do status de liderança associada à marca Manchester United é outro ponto do seu discurso usado para ressaltar o olhar mercadológico depositado pela equipe nessa parceria, uma vez que reforça a ideia de um time posicionado sempre à frente dos demais.

As palavras do gerente executivo da equipe inglesa podem ser analisadas a partir do entendimento do que é *differánce* para Derrida (1997). Proveniente das palavras francesas *differér*, que significa postergar, e *differéce*, o equivalente à diferença em português, a *differánce* é usada pelo filósofo francês como argumentação diante da sua contestação ao pensamento moderno:

todos os metafísicos, de platão a Rousseau, de Descartes a Husserl, têm procedido dessa forma, concebendo o bem como anterior ao mal, o positivo anterior ao negativo, o puro anterior ao impuro, o simples antes do complexo, o essencial antes do accidental, o imitado antes da imitação, etc. (DERRIDA, 1988, p. 93, tradução nossa).⁷

O binarismo sobre o qual o autor se debruça no excerto acima pode ser visto em termos de linguagem como a lógica que mantém um predomínio da fala sobre a escrita. Derrida reforça que nesse âmbito há não apenas uma sobreposição fonocêntrica em que a voz se impõe como origem, mas existe um jogo falocêntrico que leva a voz daquele que profere um discurso a ser vista como de sua autoria, fruto “da sua consciência como autoridade que garante e protege a organização, intenção e legibilidade do seu texto” (CONTINENTINO, 2006, p. 28). Assim, as aspas na fala de Richard Arnold são um recurso da redação do texto quando analisado pela ótica da escrita ao passo que garantem

⁷ All metaphysicians, from Plato to Rousseau, Descartes to Husserl, have proceeded in this way, conceiving good to be before evil, the positive before the negative, the pure before the impure, the simple before the complex, the essential before the accidental, the imitated before the imitation, etc.

a citacionalidade do discurso vinculado à sua imagem. Seguindo na linha da *differánce* – julgo válido o reforço de que tal termo é capaz de abranger tanto a diferença como o adiamento aqui compreendido como a transferência de significação para a alteridade –, Derrida (1997) optou por usar a letra “a” na grafia dessa palavra. Há, nesse sentido, o intuito voluntário de criar um neologismo cuja diferenciação em relação ao vocábulo francês *differéce* é impossível de ser feita apenas através de sua pronúncia, logo, somente por meio do apelo à escrita, a ambiguidade entre elas pode ser desfeita. Dessa forma, a concepção de metafísica da presença é concebida. Nela o foco é deslocado da origem (primeiro termo que, no caso da dicotomia em questão, é a fala) para o outro, a sua alteridade (CONTINENTINO, 2006), função desempenhada pela escrita nesse caso.

Logo, surge um questionamento: Por que a união entre Manchester United e *Stonewall* não foi oficializada com uma simples entrevista coletiva (fala) do gerente executivo do clube, tendo em vista que, na atualidade, a tecnologia avançou de tal forma que um comunicado feito de maneira oral poderia abranger o mundo inteiro em tempo real e ainda assim garantir sua citacionalidade por meio de compartilhamentos em redes sociais? Em outras palavras, por que o clube recorreu à escrita quando alguns minutos de pronunciamento diante de repórteres ou até mesmo o anúncio em redes sociais poderia ser o suficiente para garantir que o vínculo entre as duas instituições estaria selado?

Aparentemente a matéria redigida para tratar de tal acordo seria um procedimento comum do departamento de divulgação do clube. No entanto, uma investida de mercado em que o time se envolveu recentemente abre a possibilidade de problematização dessa questão. O Manchester United historicamente nunca antes havia estampado em suas camisas patrocinadores que não tivessem a condição de *master* – companhia que despende maior quantia financeira para o clube e, portanto, tem o direito de exibir sua logomarca no centro do fardamento de jogo da equipe. Porém, recentemente, um acordo selado com uma empresa chamada *Kohler*, sediada nos Estados Unidos, fará dessa marca a primeira a figurar nas mangas do uniforme do time inglês. Assim como na parceria envolvendo a *Stonewall*, a assessoria do clube lançou um texto

escrito, mas, desta vez, acrescentou um vídeo⁸ em que jogadores do seu elenco aparecem em *flashes* alternados com produtos que carregam o nome do seu novo patrocinador. Além disso, um segundo vídeo⁹ envolvendo a *Kohler* traz o seu gerente executivo acompanhado de Richard Arnold numa entrevista em que ambos discutem as vantagens mútuas da negociação entre as duas instituições. Embora o uso da escrita seja frequente na divulgação de ações extracampo do Manchester United, a mudança de comportamento do clube, ao lidar com a companhia norte-americana, torna explícito um caso de exceção à regra ao gerar o deslocamento da modalidade anterior para a exploração dos recursos audiovisuais que a contemporaneidade oferece. O estranhamento, nesse sentido, não está na recorrência de textos escritos, já que em ambos os casos essa é uma presença constante. O que, de fato, demanda um olhar mais cuidadoso nesse cenário é a percepção de que, em alguns casos, o empenho pela busca de uma maior recursividade multimodal é aplicado enfaticamente por parte do *staff* do clube. Em outras situações, a redação de um texto é assimilado como suficiente para cumprir o papel informativo demandado, ou seja, é a não-neutralidade dessas escolhas que ressalta a *Differance* Derridiana.

Na sequência de seus estudos sobre performatividade, Austin (1990) se debruçou sobre a possibilidade de que qualquer enunciado poderia ser efetivamente performativo. Ao proferir a frase “está chovendo”, que na separação em constativos e performativos estaria inserida no primeiro grupo, dada a possibilidade de sua validação como verdadeira ou falsa, é aberta a condição de que tal enunciado seja reformulado de outra maneira que fuja à mera constatação de um fato como, por exemplo, em “eu confirmo que está chovendo”. Para que esta última sentença venha a ser aceita como um performativo feliz, é necessário que a ação afirmada seja verdadeira, o que permite que o filósofo inglês se afaste de uma concepção em que as duas categorias funcionem de maneira isolada e passe a considerar todo o processo

8 <https://www.manutd.com/en/news/detail/kohler-unveiled-as-man-united-principal-partner-and-shirt-sleeve-sponsor>. Acesso em: 5 abr. 2018.

9 <https://www.manutd.com/en/videos/detail/david-kohler-and-richard-arnold-discuss-man-utd-shirt-sleeve-partnership>. Acesso em: 5 abr. 2018.

de ato de fala. Essa guinada no trato para com as questões envolvendo a performatividade deu a tônica rumo a uma nova classificação criada por Austin (1990), em que os atos de fala passaram a ser classificados em três eixos diferentes. O primeiro deles, o eixo da locução, diz respeito à própria ação de enunciar diretamente vinculada ao proferimento sonoro das palavras; o segundo é a ilocução, cuja função está associada à intenção que uma pessoa tem ao enunciar algo, ou seja, aos que ela almeja atingir com esse ato de fala; como item complementar dos dois eixos anteriores ele apresentou a perlocução, que merece ser discutida a partir daquilo que diz Loxley:

Se a ilocução denota a função performada ao dizer algo, então a perlocução denota o efeito que produzi ao emitir o discurso. Então, por exemplo, ao dizer ‘tem um touro naquele campo’ eu desempenhei o efeito ilocucionário de te alertar. Ao mesmo tempo, ao dizer o que disse também performatei um ato perlocucionário: eu te deixei apavorado, ou te fiz fugir. Tanto ilocução como perlocução descrevem o que podemos chamar de pragmática do ato de fala, os tipos de função no mundo que enunciados linguísticos são capazes de atingir no próprio processo de significação e referência. Os dois termos, no entanto, denotam um senso muito diferente de pragmática: ao passo que a função do ilocucionário é atingida na enunciação do que quer que seja dito, a do perlocucionário é mais uma questão das consequências ou efeitos contingentes que podem ou não seguir a emissão de um ato de fala (2007, p. 18, tradução nossa).¹⁰

Uma das maiores preocupações de Loxley (2007), em relação aos atos ilocucionários e perlocucionários, diz respeito principalmente à importância que ele concede ao primeiro. Apesar de toda a diferenciação feita por Austin e explicada pelo próprio Loxley no excerto disponibilizado anteriormente, o autor enfatiza que a ilocução não deve ser vista como uma ação que não tem “consequências ou efeitos” (p. 19) reais, ficando submetida à imprevisibilidade de conclusão da perlocução. Numa retomada da parceria entre Manchester United e *Stonewall*, é possível agora ter uma visão mais ampla do porquê de tal

10 If illocution denotes the function performed in saying something, then perlocution denotes the effect I produced by issuing the utterance. So, for example, in saying ‘there’s a bull in that field’ I performed the illocutionary act of warning you. At the same time, in saying what I did I also performed a perlocutionary act: I scared you witless, or I made you run away. Both illocution and perlocution describe what we might call the pragmatics of the speech act, the kinds of work in the world that linguistic utterances are able to accomplish in the very process of meaning or referring. The two terms, however, denote a very different sense of the pragmatic: whereas the work of the illocutionary is accomplished in the saying of whatever is said, that of the perlocutionary is more a matter of the contingent consequences or effects that might or might not follow the issuing of the speech act.

associação ter sido efetivada por meio de uma nota oficial no *website* do clube. O discurso de administradores das duas instituições envolvidas nesse acordo para uma plateia de repórteres, e consequentemente sua reprodução nas mídias em geral, estaria ainda vinculado à fala enquanto presença, mas continuaria sendo insuficiente para o cumprimento de um **rito de passagem**. Com o texto publicado primeiramente no *website*, o Manchester United vai além do estreitamento de laços com a *Stonewall*. Na prática, tal acordo entre ambos parece ser uma consequência de uma negociação maior sobre a qual o trecho a seguir irá versar:

através da parceria, o United tornou-se um membro oficial da TeamPride, ajudando a formar opiniões, compartilhar melhores ações e influenciar comportamentos ao usar o poder do esporte para explorar a mensagem de igualdade dentro da comunidade LGBT e da sociedade de maneira mais ampla (MANCHESTER UNITED, 2017, p. 1, tradução nossa).¹¹

A coalizão *TeamPride*, sobre a qual já comentei anteriormente, é patrocinadora da equipe *Stonewall Football Club* que disputa campeonatos regionais na Inglaterra e tem membros da comunidade LGBT como seus jogadores. O que chamei de **rito de passagem** anteriormente seria então o ponto de virada que marca a inserção do Manchester United no seletivo grupo de empresas/instituições que compõem a *TeamPride* e o texto, por sua vez, seria parte do processo de oficialização dessa união.

Algo semelhante foi observado por Derrida (2002). Ao comentar a declaração de independência dos Estados Unidos, o filósofo ressalta que, no momento em que o texto foi escrito, aquele país ainda não tinha se instituído como uma nação livre em direito, de modo que o próprio ato de escrevê-la produziu o efeito que reivindicava. Ele observou ainda que o uso do pronome pessoal em primeira pessoa do plural permitiu que as pessoas que estavam à frente do movimento, assinantes da versão final do texto, convocassem também a participação de outros compatriotas cujos nomes não estavam presentes ali, mas que tinham seus anseios representados pelos “escritores da liberdade”. Uma analogia entre essa passagem e o caso envolvendo Manchester United e

¹¹ Through the partnership, United have become an official member of TeamPride, helping to form opinions, share best practice and influence behaviour by using the power of sport to harness the message of equality within the LGBT community and wider society.

Stonewall também parece coerente, ainda mais diante das palavras de seu diretor:

nós temos construído uma relação de trabalho positiva com a *Stonewall* e essa é uma ótima forma para que **aprendamos** uns com os outros e progredamos juntos conforme **nós** prosperemos em igualdade para todos nossos torcedores (ARNOLD, 2017, p. 1, grifo nosso, tradução nossa).

Assim como na declaração de independência dos Estados Unidos, uma ideia de coletividade é garantida pela palavra “nós” de modo que não só os dirigentes do clube, mas todos os seus adeptos são convidados a aderir à novidade. Isso constitui a parceria como um ato performativo em si, e a escrita (o texto) é o artifício pelo qual ela passa a existir de maneira concreta ao contemplar tanto a locução como a ilocução. A perlocução, por sua vez, é estendida a um público mais amplo que engloba desde os torcedores já ligados ao clube àqueles que se identificam com a causa LGBT e passam, desse momento em diante, a ser bem-vindos e contemplados nas ações do Manchester United. A parceria entre o clube e a *Stonewall*, entretanto, provocou resistência entre seus torcedores, assunto que abordarei com mais ênfase na última seção desta dissertação. No que concerne às atividades nas quais o clube irá efetivamente se engajar, a fim de fomentar uma autorreivindicada igualdade social, o texto divulgado pelo clube não aprofunda suas ideias abrindo espaço para questionamentos que abordo na próxima seção.

3 A FIXAÇÃO DAS IDENTIDADES DE GÊNERO

Após a conclusão do anúncio devidamente escrito e registrado no *website* oficial do clube inglês, era esperado que os meios pelos quais ocorreu a parceria entre *Manchester United* e *Stonewall* fossem elucidados. Todavia, nenhum comunicado com esse intuito foi publicado na sequência; pelo contrário, até o fechamento desta dissertação, qualquer busca feita no endereço eletrônico da equipe que incluía as palavras-chaves *LGBT*, *Stonewall* ou *TeamPride* não irão, sequer, gerar resultados encontrados. Todas as notícias disponíveis no site de buscas *Google* sobre esse assunto são datadas de 2017, o que lança dúvidas sobre a continuação do acordo entre as partes. Se antes a publicação de um texto foi responsável por selar tal aproximação, no momento, pouco se sabe sobre ela. Baseio todas as minhas análises em acontecimentos da temporada 2016/2017 do campeonato inglês, período em que o clube juntou-se a *TeamPride* que é, por sua vez, a principal fonte de informações em relação às ações concretas que incluíam a comunidade LGBT no âmbito do futebol naquele país.

O *website* da *Stonewall* dispõe de uma seção¹² inteiramente dedicada a explicar seu vínculo com a coalizão em que, primeiramente, estão dispostas as logomarcas das companhias que compõem a *TeamPride*. A única exceção é o próprio *Manchester United*, que se faz representado apenas por seus patrocinadores e pela liga à qual está associado. Posteriormente, um pequeno parágrafo elucida em que consiste a *TeamPride* e enfatiza como esse conglomerado atua em prol da comunidade LGBT. Entre as medidas que serão tomadas por ela estão inclusas contribuições financeiras, tanto para financiamento da campanha *Rainbow Laces* como investimento em ações estratégicas; além de angariar adeptos e parceiros para a campanha (STONEWALL, 2018), sendo essa última função a provável categoria na qual o *Manchester United* acabou sendo incluído.

12 A seção em questão está disponível no seguinte link:
<https://www.stonewall.org.uk/teampride>. Acesso em: 5 abr. 2018.

Figura 2: Companhias integrantes da *TeamPride*

Fonte: STONEWALL (2018)

A campanha *Rainbow Laces*, brevemente mencionada no texto introdutório desta seção, é definida pela *Stonewall* como “uma forma de todos os envolvidos no esporte mostrarem seu apoio pela igualdade e inclusão LGBT” (2018, p. 1). Apesar de estar constantemente em desenvolvimento, teve seu estopim em uma rodada – mais especificamente em novembro de 2017 - dos campeonatos das primeiras e segundas divisões de futebol e rugby na Inglaterra, quando os jogadores usaram cadarços com as cores do arco-íris em alusão à bandeira LGBT. O cadarço, assim como outros utensílios, tais quais canecas e até mesmo bandanas para cachorros, são vendidos pela *Stonewall* como parte da campanha que teve início em 2013, mas atingiu seu auge apenas ano passado após a parceria com representantes do meio esportivo dentre os quais o Manchester United foi, como destacado na sub-seção anterior, o primeiro e único time a realmente aderir à causa LGBT. O pioneirismo reclamado pelo

gerente executivo do clube inglês em relação às ações da equipe parece ter sido um diferencial nos rumos que a iniciativa tomou ao ponto de conceder ao *Rainbow Laces* a premiação de melhor campanha do núcleo esportivo em 2017 (SKY SPORTS, 2018). O problema, no entanto, é entender como a tradição reivindicada se consolidou. Hobsbawn (2008), em comentários acerca do processo de invenção de uma tradição, adverte que essa ideia é de tamanha amplitude que chega a se referir tanto a casos em que a origem de uma tradição se perde no tempo, de modo a comprometer a demarcação de sua data de fundação, como também diz respeito a situações em que elas são, de fato, inventadas e, inclusive, institucionalizadas. O talento do qual Richard Arnold dispõe para moldar seu discurso é algo já abordado e posiciona o Manchester United como uma equipe cuja referência extrapola os gramados. Assim, a liderança que ele alega estar diretamente ligada ao clube dialoga com a definição que o mesmo Hobsbawn lança sobre a tradição inventada:

um conjunto de práticas, normalmente reguladas por um conjunto de regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente: uma continuidade em relação ao passado (2008, p. 9).

O passado de glória e liderança que representa o poder do Manchester United é reforçado no presente toda vez que a quantidade de torcedores que o time mobiliza, paralelo à sua rápida adesão, em relação a outros clubes, para apoiar novas ações, campanhas e ideais que aspiram sucesso, são usados como representação de sua grandeza e simbologia. A identidade do clube é, portanto, performativamente constituída ao longo do tempo e, nesse percurso, os perfis que o time vai assumindo dependem de uma avaliação positiva por parte dos seus torcedores para que haja a garantia de uma representação massiva – em termos numéricos – garantindo ao clube a manutenção de uma posição hegemônica. Castells (2018) propõe três grandes grupos para tratar de identidades coletivas – identidade legitimadora, de resistência e de projeto – dentre as quais a primeira engloba o lugar ocupado pelo Manchester United no momento, por ser uma instituição de prestígio e influenciadora de indivíduos através de sua dominação. A segunda é formada por atores sociais em situações não prestigiadas que, conseqüentemente, fazem frente àqueles em posições

legitimadas; a última engloba atores sociais que dão origem a novas identidades as quais podem lhe conferir também novos espaços na sociedade à medida em que a transforma.

O mundo atual, no entanto, aponta para a hibridização dessas grandes categorias, de modo que permanecer estático em apenas uma delas pode acarretar a uma instituição como o Manchester United a perda do seu caráter dominante. Assim, o clube tem transitado entre a categoria legitimadora e a de projeto - embora não se comprometa com uma mudança social massiva - o que implica numa reformulação da sua identidade para atender as necessidades da globalização que, entre outros aspectos, estreita as distâncias, rompe barreiras, desterritorializa pessoas (RAJAGOPALAN, 2003) e, por conseguinte, instituições como a equipe em questão. É coerente dizer, então, que o Manchester United performatiza uma **identidade de projeção**. Só em vislumbrar uma possibilidade de redução na sua capacidade de exercer poder, caso tivesse permanecido como um clube local, o time inglês automaticamente intensifica suas ações em novos setores nos quais ainda não é hegemônico, ao passo que tenta manter o respeito que já possui nos contextos em que está estabelecido. Essa estratégia circundada por ares de conciliação entre faces opostas é uma possível explicação para sua associação a *TeamPride* e, inevitavelmente, a *Stonewall*.

Munido de interesses neoliberais que lhe permitem a manutenção do posto de time mais rico do mundo¹³, o Manchester United peca em atender à altura a nova política na qual se engaja. No tabloide inglês *The Sun*, o jornalista George Boulton escreveu uma matéria em que divulgava a campanha *Rainbow Laces* e no seu texto destacou os motivos pelos quais essa ação foi desenvolvida:

o movimento começou porque a Stonewall busca lutar contra a homofobia, bifobia e transfobia no esporte. Eles alegam que 72% dos fãs de futebol já ouviram comentários anti-LGBT em jogos para além dos últimos cinco anos. E que um em cada cinco torcedores entre 18 e 24 anos dizem que ficariam envergonhados se seus jogadores favoritos se revelassem (BOULTON, 2017, p. 1, tradução nossa)¹⁴.

13 A próxima seção irá tratar com mais detalhes sobre a política de expansão dos clubes de futebol, entre eles o Manchester United.

14 The movement began because Stonewall look to fight homophobia, biphobia and transphobia in sport. They claim that 72 per cent football fans have heard anti-LGBT remarks at games over the last five years. And that one in five 18 to 24-year-olds say they would be embarrassed if their favourite player came out.

Embora não se saiba ao certo de onde os números indicados pela *Stonewall* e citados pelo jornalista foram retirados¹⁵, não é surpresa imaginar que injúrias e xingamentos com os teores abordados realmente aconteçam num estádio de futebol. A partir dessa informação, surgem questionamentos extras sobre a parceria: como o Manchester United pensa em coibir esse tipo de manifestação no estádio? Campanhas como a Rainbow Laces, além do seu poder em termos de mercado, são eficazes em combater comportamentos homofóbicos, bifóbicos e transfóbicos?; Essas perguntas colocam em xeque a capacidade do clube para cumprir com primor as características da parceria com a *Stonewall*, o que abre caminho para que os outros personagens dessa parceria, a própria ONG e a comunidade LGBT, também tenham seu protagonismo.

O caminho de análise traçado até aqui permite uma aproximação com a noção de poder que permeia tal parceria. Conceder a uma ONG como a *Stonewall* a liderança sobre ações que inibam comportamentos hostis na esfera do gênero e convocar o apoio do Manchester United para tomar as rédeas dessa empreitada são formas indiretas de expor uma relação de verticalização das ações. O clube inglês, munido de uma estratégia de **projeção**, faz valer sua posição de dominação para conceder aos grupos LGBT o direito de acesso ao estádio. Se empiricamente essa possibilidade já existia, na prática o risco constante da injúria seria um fator de inibição do seu cumprimento. Em linhas gerais, aquilo que parecia ser uma conquista desses grupos, regida pelo intermédio da *Stonewall*, revela-se como apenas um passo a mais do Manchester United em busca da manutenção de uma imagem positiva do clube diante de uma nova configuração social em que identidades até então marginalizadas passam a reivindicar mais espaço. Torna-se imprescindível nesse momento um paralelo com o biopoder abordado por Foucault e sua evolução a partir de um regime em que a legislação sobre a morte – negação do direito ao suicídio – deu lugar a uma política que cerceava as vidas. O autor destaca que nesse percurso o capitalismo prosperou “à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento

¹⁵ Os dados disponibilizados pela Stonewall e citados pelo jornalista estão disponíveis em um vídeo sem que haja qualquer menção à fonte dos dados: <https://www.youtube.com/watch?v=oLg-27Mi0qk>. Acesso em 30 Mai. 2018.

dos fenômenos de população aos processos econômicos” (1988, p. 132). A parceria funcionaria nesse âmbito como manifestação das adaptações sofridas pelo sistema capitalista, principalmente após o período colonial. A simples assimilação do fim da dominação imperialista por parte dos grandes centros seria um erro a ser evitado, de acordo com Rajagopalan (2003), em interpretação das palavras de Edward Said (1993), uma vez que países inseridos nos grupos das grandes potências mundiais migraram das práticas de expansão para atitudes que são vendidas como altruísmo e se assemelham à função do Manchester United nessa ação.

A estratégia usada pelo clube para tentar manter controle sobre o público ao qual as portas do seu estádio se fazem abertas nesse momento tem início na heteronormatividade e se expande para a homonormatividade. O primeiro desses dois fenômenos é descrito por Miskolci como “um regime de visibilidade, ou seja, um modelo social regulador da forma como as pessoas se relacionam” (2016, p. 44-45) que, embora reconheça na atual conjuntura social uma abertura ínfima para relacionamentos homossexuais, ainda mantém os moldes dessas relações sob uma lógica de heterossexualidade compulsória. É através da heteronormatividade, então, que um perfil da homossexualidade possível e aceita é estipulado de modo a criar um novo sistema onde a regulação se faz entre os próprios membros do grupo colocado na linha da abjeção, a chamada homonormatividade. Essa informação é suficiente para tornar explícitos os pré-requisitos mínimos – se encaixar em uma identidade de gênero fixada por alguma das quatro letras da sigla LGBT - para ter acesso à política patrocinada por Manchester United e *Stonewall* em sua parceria.

Sobre essa temática, em *Corpos que pesam*, Butler (2000) joga com as ambiguidades da palavra *matter* que em inglês significa tanto o verbo “importar” como o substantivo “matéria”. Além disso, ela usa a mesma estratégia para também se debruçar sobre a ideia de assunção. Ao longo do texto, a filósofa estabelece uma relação dialógica entre o corpo enquanto matéria, logo, algo físico, e as adaptações pelas quais esse mesmo corpo deve passar sempre segundo a égide de normas sociais regulatórias às quais o formam performativamente para que então passe a ter importância aos demais grupos, principalmente aqueles que se configuram como identidades legitimadoras na

classificação de Castells (2018). A assunção, ato de assumir (a homossexualidade, por exemplo), seria um passo importante dentro desse processo que rege os corpos para a ascensão¹⁶ a um patamar mais elevado na esfera social. Na continuação do seu raciocínio, Butler (2015) estipula que todas as vidas humanas dispõem de um grau de vulnerabilidade inato passível de aproximá-las ou distanciá-las da morte. Esse grau de vulnerabilidade, chamado por ela de precariedade, é medido por condições que elevam a possibilidade de apreender vidas dignas de serem vividas tais como acesso a condições de saúde, moradia, bem-estar, relações interpessoais de afetividade e papel desempenhado em sociedade. Através desse percurso, a autora estabelece uma relação entre precariedade e luto, sendo este último o elemento capaz de indicar o peso que um corpo assume diante de outros corpos.

Sendo assim, Manchester United e *Stonewall* optam por usar a sigla LGBT para estreitar suas relações e, dessa forma, definem quais corpos são passíveis de serem englobados em sua política de inclusão e acesso, que, em tese, promove a diversidade, e simultaneamente apontam quais vidas são dignas de luto. As escolhas feitas por ambos em seus discursos e ações automaticamente excluem corpos que fujam ao binarismo sustentado pelas letras em questão, ao passo que elevam os corpos contemplados pelo liberalismo *queer*, modalidade que dá à homonormatividade ares de relação intrínseca com as práticas neoliberais e abre espaço para demandas que se aproximam de práticas heteronormativas, como a união estável entre casais homossexuais e a inserção LGBT em nichos de mercado. Nesse cenário, os grupos que se distanciam dessas características são mantidos em posições marginalizadas (BROWN, 2013). Logo, a garantia de acesso livre ao âmbito esportivo é demarcada por fronteiras delimitadas pela inteligibilidade:

Gêneros inteligíveis são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou

16 Há nessa ideia de assunção uma referência direta a ascensão divina cristã.

“efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual (BUTLER, 2017, p. 44-45).

A concepção de inteligibilidade, como explicada no trecho acima, ativa as possibilidades de identidades alcançadas e atribuídas (SUÁREZ-OROZCO, 2004). As primeiras são frutos de conquistas por meio da luta dos próprios grupos interessados e surgem a partir de conflitos e confrontamentos até que, segundo a lógica de *Differánce* de Derrida (1997), a alteridade se sobrepõe e parte do meio externo o reconhecimento do nível de pertencimento que um indivíduo reivindica em relação ao grupo com o qual se identifica, ou seja, a identidade alcançada exige de quem a busca um sentimento de pertença (SUÁREZ-OROZCO, 2004). Cabe aqui também o conceito sustentado pelo filósofo francês, de complementaridade, que, no entendimento de Zacchi, “requer mais que a coisa em si: algo que a preceda e se prolongue para fora dela” (2016a, p. 123). Tal suplementação, no caso da parceria entre o clube inglês e a ONG, se constitui no momento em que há o reconhecimento por parte de um grupo dominante de que o seu exterior é responsável por demarcar os pontos de intersecção entre seus membros e as bordas que não devem ser transpostas. A identidade de gênero nessa perspectiva nunca é atingida em sua integridade por estar sempre atrelada à performatividade (PENNYCOOK, 2009), mas é, no entanto, determinada e emerge num percurso de fora para dentro em que os grupos são interpelados a se reconhecerem segundo aquilo que lhes é associado. Em outras palavras, a identidade atribuída lida com a ideia de imposição (SUÁREZ – OROZCO, 2004). Com base nessa fundamentação, a passabilidade - grau de assimilação e enquadramento que os indivíduos de um grupo apresentam em relação às características pertinentes a um outro núcleo identitário para que sejam aceitos como um de seus membros (SUÁREZ-OROZCO, 2004) - é um dos principais fatores que irá determinar quais pessoas poderão ser abraçadas no estádio após a parceria Manchester United/*Stonewall*. Em outras palavras, quanto mais os corpos forem inteligíveis – capazes de serem assimilados por uma concepção binária de gênero - mais chances terão de serem bem-vindos em arenas de futebol.

A abertura receptiva aos novos torcedores, no entanto, é um fator distante de atingir uma unanimidade. As retaliações desses corpos por parte dos grupos não-marcados é algo que permanece sob condição iminente de acontecer e,

inclusive, encontra razão de existir amparada na tradição do que se aplica ao ato de torcer. Essa afirmação pode ser sustentada por estudos desenvolvidos exatamente com o intuito de analisar a construção da masculinidade nas arenas onde os jogos são realizados, porém através de uma inversão de foco que deixa o gramado em segundo plano e deposita sua ênfase naquilo que pode ser extraído das arquibancadas. Bandeira (2010), por exemplo, propôs estudar tais relações no cenário de um dos clássicos mais acirrados do futebol brasileiro, o Grenal¹⁷, e destacou o seguinte trecho de uma das canções cantadas pela torcida gremista na qual o rival Internacional é citada:

Eu só quero vencer lá no chiquero/ Que se foda a torcida do Internacional/ Vamo Grêmio, com força vamo em frente/ É o que pede a gente uma vitória a mais/ Passam os anos, passam os jogadores/ Geral está presente não para de apoiar/ Por isso eu quero cantar/ Grêmio de coração/ Eu te sigo a toda parte/ Tu és sempre o campeão/ Inter te conhecemos/ Grêmio não é como tu/ Colorado é tudo puto/ Vai tomar no cu” (2010, p. 350-351).

Adiante o mesmo autor publicou um novo trabalho em parceria com Seffner no qual volta a usar os cantos das torcidas no Grenal como base para sua pesquisa: “Atirei o pau no Inter (Grêmio) / e mandei tomar no cú / macacada (gremista) filha da puta chupa rola e dá o cú/ Ei, Inter (Grêmio), vai tomar no cú/ Olê Grêmio (Inter), olê Grêmio (Inter) (CANTO DAS TORCIDAS DE INTERNACIONAL E GRÊMIO apud BANDEIRA; SEFFNER, 2013, p. 253)”¹⁸.

Em ambos os casos, a identificação dos sujeitos como torcedores seja de um ou do outro time não está ligada apenas ao desempenho dos clubes em campo, não envolve o desempenho técnico ou tático, muito menos perpassa a história deles ou de seus ídolos. De fato, a construção do que é ser gremista ou colorado engloba, sobretudo, não estar aliado ao outro, ou seja, não compactuar com comportamentos que são característicos do grupo do qual se destoa. Tanto o primeiro como o segundo canto trazem referências a práticas sexualizadas, que de maneira ordinária, parecem transparecer atitudes ameaçadoras de um acordo tácito de masculinidade inviolável; caso contrário, o infrator pode ser associado ao grupo desviante e recebe a alcunha de abjeto, “algo pelo que

¹⁷ O termo Grenal surge da fusão entre os nomes dos dois principais clubes de futebol do estado do Rio Grande do Sul, Grêmio e Internacional.

¹⁸ Nessa citação as palavras Inter e Grêmio podem ser intercambiadas uma vez que o mesmo canto é usado por ambas as torcidas.

alguém sente horror ou repulsa como se fosse poluidor ou impuro, a ponto de ser o contato com isso temido como contaminador e nauseante” (MISKOLCI, 2016, p. 43). Os exemplos trazidos do futebol brasileiro lançam ainda mais dúvidas sobre possíveis acontecimentos com os quais Manchester United e *Stonewall* poderão ter que lidar a partir do compromisso que agendaram; além dos conflitos envolvendo gênero, outras dimensões, tais quais classe social e raça, são categorias paralelas que podem interferir diretamente na forma como os torcedores se manifestam nas arquibancadas seja entre grupos afins, rivais ou até mesmo com relação aos atletas em campo. Outro caso também ocorrido no estado brasileiro do Rio Grande do Sul, mais uma vez envolvendo os apoiadores do Grêmio, pode dar subsídios para ampliar essa questão.

No ano de 2014, em uma partida válida pela copa do Brasil, o então goleiro da equipe do Santos, Mário Lúcio Duarte Costa, mais conhecido como Aranha, deu uma entrevista ao final da partida na qual demonstrava sua indignação e revolta por ter ouvido insultos racistas, ao longo do jogo, oriundos da torcida gremista. Naquela ocasião, um vídeo divulgado pelos canais de televisão e também disponibilizado nas mídias digitais flagrou uma torcedora da equipe gaúcha proferindo a palavra “macaco” em referência ao jogador santista. O caso ganhou grande proporção na época e resultou na exclusão do Grêmio daquele campeonato. A referida torcedora, ao prestar depoimento em uma delegacia de Porto Alegre, confessou ao delegado Cleber Ferreira ter realizado o ato de fala:

Ela admitiu que estava no local e que disse aquelas palavras. Mas negou que tenha intenção racista. Segundo ela, ‘foi no embalo da torcida. Há hinos, músicas que falam ‘macaco’ na torcida do grêmio. Todos estavam falando e ela falou também. [...] Os cânticos da torcida citam macaco. Ela disse isso. Que todos cantavam isso e ela cantou também. Mas negou a intenção de ofender o goleiro do Santos (UOL, 2014, p. 1).¹⁹

Após relatar seu descontentamento com os dizeres direcionados a si, o goleiro mostrou-se ainda aliviado por nada de mais grave ter acontecido. Com esse depoimento, o jogador parece ter deixado no ar a possibilidade iminente de que o efeito locucionário desse ato de fala (chamá-lo de macaco) pudesse ter

¹⁹ Uma reportagem sobre o caso pode ser vista no link a seguir:
<https://www.youtube.com/watch?v=ZM36stIjMM>.

ido além do seu efeito ilocucionário (aparentemente fazer uma injúria racial ainda que negado pela torcedora) e incitado uma perlocução (causar no atleta a sensação do risco de uma agressão física proveniente dos torcedores gremistas). No entanto, a partir dessa premissa um questionamento surge: seria necessária a consumação do ato de violação física para constatar uma agressão?

Butler (1997) contesta que a dimensão linguística da linguagem é insuficiente para representar todos os aspectos das interações sociais, de modo que, em certas situações, o apelo à noção de corporeidade é a estratégia capaz de ilustrar o alcance de um ato, como, por exemplo, quando alguém diz “as ofensas que ouvi me atingiram como um soco no estômago”. Recorrer ao corpo para abranger a totalidade do ato de fala é, portanto, uma forma de romper o abismo que há entre ilocução e perlocução, pois “a ameaça inicia a ação pela qual o cumprimento do ato ameaçado pode ser atingido” (BUTLER, 1997, p. 11)²⁰.

Assim, em analogia com o caso ocorrido na partida da copa do Brasil, o discurso de ódio se sustenta não na necessidade da intenção da falante em ser racista, como previu Austin no início de sua argumentação. Na verdade, o conceito de *Uptake*, trazido pelo filósofo na continuidade de seus estudos, é que vem à tona nesse momento. Segundo Ottoni, *Uptake* tem a ver com a ideia de apreensão e permite o entendimento de que, uma vez enunciado, um ato de fala já não está mais vinculado ao seu nível constativo. A consequência disso é que apenas a esfera performativa é levada em consideração para garantir que “há o reconhecimento entre os interlocutores de que algo está assegurado, de que o ‘objetivo ilocucionário’ foi realizado através de sua ‘força’” (1998, p. 81). O *uptake*, portanto, permite o deslocamento da ideia de intenção para a recepção por parte do interlocutor.

Um caso ocorrido nos Estados Unidos, em 1992, é usado por Butler (1997) como argumentação para entender a complexidade do ato de fala, intencional ou não, porém ainda vinculado à possibilidade de incitação de ódio e violência. Naquela oportunidade, um homem branco queimou uma cruz em frente à casa de uma família negra remetendo a um ritual da *Ku Klux Klan*.

20 The threat begins the action by which the fulfillment of the threatened act might be achieved.

Quando o caso foi levado ao tribunal, a suprema corte assimilou o ato do rapaz como liberdade de expressão, o que confere a essa interpretação uma visão meramente constativa da linguagem. Diante do discurso proferido pela torcedora para o delegado, é possível perceber que o caso ocorrido no Brasil se assemelha com aquele investigado pela filósofa, porém se sobressai graças à inclusão de um novo elemento: a ação coletiva. Ao associar seus dizeres com o coro entoado por um grupo maior, a fã do Grêmio convoca o poder da identidade coletiva, assunto de interesse do sociólogo belga Guy Bajoit:

Cada um reconhece em certas pessoas traços, dos quais conhece a valorização social positiva (ser jovem, ser rico, ser belo, estar de boa saúde, ser branco...), que ele possui também e não tem, portanto, receio de os mostrar (grupo de pertença positiva), ou então não os possui mas queria possuir (grupo de referência positiva), e identifica-se com eles, isto é, valoriza positivamente esses traços e procura mais ou menos ativamente estabelecer laços de solidariedade com essas outras pessoas. Inversamente, cada um reconhece em certas pessoas traços socialmente desvalorizados, que não possui e não procura possuir (grupo de referência negativa) ou que também possui mas queria esconder (grupo de pertença negativa), e diferencia-se deles, procurando então evitá-los ou fugir deles. Como mostrou Tajfel, estas identidades colectivas constituem-se afinal pela singular percepção das semelhanças e diferenças mais pequenas (2006, p. 151).

A construção da identidade coletiva do que é ser gremista passa, segundo as falas elencadas acima, pelo total conhecimento do que as pessoas desse grupo não são. Entre essas negações está principalmente o Internacional, mas também qualquer outro adversário que não contemple as referências positivas das quais Bajoit (2006) tratou. Diante de seus próprios dizeres, talvez a torcedora do Grêmio não tivesse ainda percebido os precedentes que abrisse nessa situação. Seria possível que ela sentisse sua integridade física ameaçada se um dia precisasse passar sozinha entre um grupo de torcedores do Internacional trajando uma camisa do tricolor gaúcho? De onde viria a razão para esse eventual medo? Além da sua identidade gremista, sua identidade coletiva feminina poderia ser atribuída a ela nesse momento hipotético? Essas são algumas das questões que evidenciam a necessidade de se enxergar a performatividade não como ação de um sujeito isolado cujo início estaria na deliberação de um ato, “mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (BUTLER, 1993, p. 2). Esse discurso, por sua vez, deve ser entendido na sua totalidade, o

que implica visualizar o corpo como parte integrante do processo, como reivindica Pennycook (2009) ao acionar a virada somática da sociologia, que atingiu também a Linguística Aplicada, para compreender a linguagem em um trânsito que parte agora do exterior (performance) para confrontar a competência (interior) que passa a ser vista como algo dependente do contexto e de seus efeitos, que, por sua vez, são contingenciais.

Uma aproximação entre a categoria de raça e a de gênero pode ser feita nesse diálogo, tomando como exemplo mais uma vez o Brasil. Durante a copa do mundo de 2014, a diversidade cultural esteve em destaque no país. As bases dessa diversidade podem encontrar no prefixo multi- uma base de sustentação. Segundo Monte Mór (2017), é através do multiculturalismo que se pode confrontar uma visão de mundo monocultural incapaz de lidar com toda a demanda cultural que o meio social proporciona e acaba por normatizar as práticas desse contexto. Ela ressalta, todavia, os pontos críticos do multiculturalismo entre os quais a institucionalização das ações é um dos destaques. De volta ao cenário da copa de 2014, a cada tiro de meta se ouvia um coro oriundo das arquibancadas preenchidas pela torcida mexicana. Os torcedores da seleção daquele país usavam a palavra “puto”, termo pejorativo em espanhol direcionado a homossexuais, em referência aos goleiros dos times adversários. A FIFA cogitou punir a federação do México por homofobia, mas voltou atrás da decisão após ouvir depoimentos como o do próprio guarda-redes reserva da equipe, Fernando Talavera, que, em uma entrevista ao EXTRA (2014), explicou o significado da expressão. Segundo ele, “puto” seria uma redução da palavra *putozin* cujo valor semântico em Nahuatl, língua local, exprime o desejo de que o oponente conclua o chute de reposição de bola de maneira pífia.

Se em 2014 houve a absolvição, a reincidência do grito na copa da Rússia em 2018 foi o suficiente para que a FIFA, mais uma vez, interviesse na ação da torcida e multasse a federação mexicana sob alegação de homofobia. No Brasil, o grito em questão também se tornou um hábito e se consolidou como um dos legados mais efetivos do evento. No entanto, uma adaptação ao idioma português foi feita e, em vez do grito de “puto”, ouve-se “bicha” nas arquibancadas dos estádios de grandes clubes da primeira divisão do

campeonato brasileiro. Mais uma vez, o ato não se encerra na enunciação sonora do termo, mas é, principalmente, através do corpo que toda a performance se consolida. Os braços erguidos, estendidos e trêmulos apontam na direção do goleiro ao passo que o ensaio para o que vem a seguir é evidenciado pelo som gutural de um grito preso – oooooohhhhhh - na iminência de ser ecoado²¹. Após a cobrança do tiro de meta, o coro uníssono de “bicha” é então efetivado e os membros superiores o acompanham num movimento que lembra o percurso de um machado prestes a decepar o que estiver adiante. Ao analisar as imagens produzidas pelo Movimento dos Sem Terra para autorrepresentação, Zacchi destacou que objetos como a bandeira do grupo e facões, utensílios utilizados por seus membros na labuta e ressignificados para simbolizar também sua luta, não podem ser desvinculados de “conotações fálicas” (2016a, p. 161). Um elemento adicional nessa análise reside no fato de que em ambos os casos os instrumentos em questão são empunhados por figuras masculinas. Também no cenário aqui analisado, essa associação não pode ser descartada diante do teor da verbalização feita (o grito de “bicha”), o movimento corporal que o segue e a superioridade numérica de indivíduos do gênero masculino no ambiente do estádio de futebol.

O fato é que, novamente, o corpo é retomado como parte do processo performativo. De volta ao contexto da parceria Manchester United/*Stonewall*, o clube inglês, assim como a FIFA, poderia pensar em alguma medida retaliativa para fazer valer o multiculturalismo que assume e evitar que manifestações afins ocorram em *Old Trafford*, seu estádio, ou qualquer outro espaço ligado à *Premier League* e demais competições com as quais se envolva. É exatamente nesse estágio da discussão que o pensamento de Butler retoma o lugar de fala representado aqui pelas considerações de Loxley:

Certamente, se o discurso sexista, racista e homofóbico é tão impiedosamente constitutivo quanto tem sido implicado, então as proibições do Estado podem parecer ser a única forma pela qual tal performativo poderia ser interrompido ou detido. Como Butler destaca, contudo, tais proibições podem parecer inconfortavelmente similar aos tipos de medidas repressivas e disciplinares incitadas contra gêneros e sexualidades ‘desviantes’ e ‘anormais’ (2007, p. 131).²²

21 Um exemplo dessa performance pode ser visto através do seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=OrQgsoAR4PI>.

22 Certainly, if sexist, racist and homophobic discourse is as remorselessly constitutive as has been implied, then the state prohibitions might seem to be the only way in which such

Uma intervenção dessa magnitude por parte do Manchester United atenderia, portanto, a uma demanda de peso punitivo aos indivíduos que não assimilassem a nova política do clube e, simultaneamente, os convocaria a também aderir ao engajamento aos seus ideais. Embora não caiba ao time o *status* de representante governamental como um gestor dos incômodos que o acordo venha a escancarar, há exatamente nesse fator uma elevação do caráter neoliberal da parceria, já que é um marco comum desse fenômeno a transferência de poderes do estado para corporações e organizações não-governamentais (ALMEIDA, 2015a) retratadas aqui, respectivamente, pelo time de futebol e a *Stonewall*. Isso significaria, portanto, que não há, senão por meio de intervenção estatal, possibilidade de escapar à regulação performativa? Para Butler (1997), é mais uma vez a iterabilidade Derridiana o aspecto capaz de fazer diferença nessa relação. Se as injúrias usadas nos estádios por torcedores que visam atingir os seus opositos só se sustentam diante da garantia de citacionalidade desses discursos, é também por meio da repetição diferente que a chance de reverter a citação (LOXLEY, 2007) ganha sentido, garantindo a possibilidade de uma ação contrária ao discurso de ódio emitido por um grupo específico. Essa é a forma pela qual emerge o *queer* como medida alternativa que permite agência e resistência à interpelação. Nas palavras de Miskolci:

O queer, portanto, não é uma defesa da homossexualidade, é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha de abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo (2016, p. 25).

Por mais que, em sua concepção, as construções de sentido em torno do ser *queer* encontrem nas questões de gênero sua principal fundamentação, ao longo dos anos, essa terminologia passou a atingir outros setores da vida em sociedade e pode, atualmente, englobar vários grupos marginalizados que anseiam por maior visibilidade e garantia de direitos. No livro *Who sings the nation-state*, Butler e Spivak (2007) dialogam sobre questões que cercam o estado-nação em um mundo globalizado. Nessa obra, a filósofa norte-americana

performativity could be interrupted and arrested. As Butler points out, however, such prohibitions can look uncomfortably similar to the kinds of disciplinary and repressive measures urged against 'deviant' and 'abnormal' genders and sexualities.

utiliza Hanna Arendt para fundamentar a ideia de que, ao atingir o *status* de pertencimento coletivo representado pelo pronome “nós”, um indivíduo se filia ao grupo daqueles que comungam de igualdade de direitos em uma determinada sociedade. Para exemplificar o seu ponto, Butler cita o caso dos imigrantes ilegais nos Estados Unidos e suas manifestações ao longo do ano de 2006. Em um dos diversos atos que ocorreram no país naquele ano, um, em especial, chamou sua atenção: em uma reunião pública nas ruas de Los Angeles, imigrantes de origem hispânica cantaram o hino americano em espanhol, e, na mesma época, um videoclipe do hino foi gravado por artistas desse grupo étnico também na língua latina e disponibilizado no canal de vídeos online *YouTube*. Essa atitude por parte dos imigrantes rendeu comentários inclusive do então presidente dos Estados Unidos, George Bush, que rebaixou as manifestações ao comentar que o hino nacional deveria ser cantado somente em inglês. Butler destaca que, nesse patamar, o que levaria o “eu” a ser aceito como “nós” (um integrante da nação), em primeira instância, seria o domínio da língua falada pela maioria; o inglês, embora seja predominante, não é o idioma oficial daquele país, segundo sua constituição, ficando ao critério de seus estados a definição da (s) língua (s) a ser (em) adotada (s). Logo, a regulação performativa capaz de determinar a linha de abjeção nessa situação teria início através da linguagem. Na sequência do seu raciocínio, Butler frisa que entre as palavras de ordem entoadas pelos manifestantes estava a frase “*somos iguales*”²³, o que lhe permite chegar a duas interpretações do evento: a rua assumiu função de lugar emergente para ações e grupos não-legitimados; a busca por igualdade não significa, necessariamente, o aumento das condições de homogeneidade que permeiam o espaço social.

A análise das manifestações de imigrantes nos Estados Unidos permite um diálogo direto com as condições propostas pelo Manchester United ao oficializar a parceria. Como já tratei anteriormente nesta dissertação, o uso do pronome na primeira pessoa do plural é, inclusive, uma das estratégias do gerente administrativo do clube inglês para oficializar o acordo. O encaixe nos padrões binários da inteligibilidade de gênero assumiria neste contexto o papel desempenhado pela língua inglesa no exemplo concedido por Butler. Enquanto

²³ Traduzido como “somos iguais” para o português.

no evento de 2006, a reivindicação era feita por imigrantes, agora o grupo excluído carrega a bandeira da lógica *queer*; a rua, lugar de fala dos hispânicos, é capaz de servir também aos anseios daquelas pessoas que não foram englobadas no direito ao livre transitar pelos jogos da Premier League, mas é, sobretudo, no próprio estádio de futebol onde suas vozes podem ser ouvidas com mais ênfase. No campo da sociologia, David Meyer é um dos defensores da ideia de oportunidade política. Segundo o sociólogo, acordos envolvendo coalizões como a *TeamPride* são chances para que mobilizações em torno de questões de caráter secundário alcancem políticas ainda mais abrangentes do que aquelas que permitiram a unificação de esforços das partes interessadas. A fim de explicar como essa transição de interesses ganha terreno, Meyer diz:

Organizadores habilidosos moldam suas demandas para mobilizar outras, assim como para servir a uma agenda ideológica. Ativistas dos direitos animais, por exemplo, com uma ampla agenda que inclui o fim do consumo de carne e todos os tipos de experiências com animais descobrem que mobilizam apoio e solidariedade com maior amplitude ao focar em modelos usando casacos de pele e cientistas que fazem experimentos com animais domésticos (2004, p. 139).

As considerações acima abrem espaço para cogitar o papel desempenhado pela *Stonewall* no acordo. É possível que a campanha *Rainbow Laces* seja apenas o primeiro passo dado pela ONG a fim de atrair parceiros cujas marcas são consolidadas no mercado, visando a uma contínua expansão de suas ações para outras causas ligadas às pautas de gênero e que, inclusive, atendam aos grupos que foram deixados à margem na fase inicial da união. Tal estratégia se assemelharia àquilo que propõe Pereira (2012), quando advoga em prol de uma política de negociação de gênero no espaço escolar. Embora o contexto aqui discutido seja distinto do ambiente analisado pela autora, os conflitos envolvendo uma hierarquia masculinizante perduram na atmosfera do futebol assim como nas instituições de ensino. Nesse viés em que se propõe uma abordagem mais branda em torno das políticas de gênero, a horizontalidade das relações permite acionar a premissa foucaultiana de que o poder não é detido por um determinado grupo exclusivamente, mas, sim, exercido nos diversos cenários da vida social (PEREIRA, 2012) já que numa perspectiva menos radical as relações institucionais são mantidas, porém concessões e conquistas são passíveis de serem atingidas, ainda que em ritmos imprevisíveis.

Novamente o Brasil, mais especificamente no estado do Rio Grande do Sul, se assume numa posição de destaque nesse debate em uma breve volta no tempo para visualizar o universo futebolístico na década de 1970, época em que as questões de gênero não gozavam da mesma abertura que o pensamento da época atual proporciona. Se recentemente as movimentações nas arquibancadas do Grêmio ocuparam as páginas de jornais e o *feed* de notícias de redes sociais, por conta de atos de cunho sexista, homo/bi/transfóbico e racista, há mais de 40 anos foi exatamente o surgimento da primeira torcida autointitulada gay no país que mexeu com a fixidez da identidade coletiva dos torcedores tricolores. A Coligay, fusão do nome da boate porto-alegrense Coliseu com a palavra gay referente ao público que o estabelecimento recebia, surgiu em uma era em que o Internacional caminhava para a consolidação de sua hegemonia como principal time do estado. O grupo surgiu a partir de uma inquietação do seu fundador, Volmar Santos, ao perceber o quanto os torcedores estavam “desanimados” durante as partidas do time gaúcho e foi, como é possível perceber em Pinto (2017), com esse propósito de levar mais descontração ao estádio que a Coligay passou a ocupar as arquibancadas gremistas. O autor relata em seu trabalho matérias jornalísticas e entrevistas nas quais a referida torcida é representada com teor cômico, como se fosse um adereço a mais para garantir o entretenimento do espetáculo. Ele também destaca a ação performativa desempenhada pelo grupo que se apropriou de palavras como “bicha”, antes endereçadas aos seus membros por outros torcedores, para intimidar árbitros após tomarem decisões que prejudicassem o Grêmio. Essa característica presente na ação da torcida foi detalhada no livro de Gerchmann (2014) e renderam comentários de Pinto:

Essa necessidade de aceitação junto ao grupo estabelecido aparece também na importância que o livro dá ao fato da torcida ter um comportamento “irrepreensível” e no esforço feito para mostrar-se capaz de ser autônoma, independente de recursos do time – outra prática de torcer na qual a Coligay se distinguia das torcidas “oficiais” (2017, p. 51).

A reflexão exposta no fragmento anterior remete ao período de ditadura militar em que a Coligay existiu e foi responsável pelo elevado grau de vigilância que a torcida despertou nas autoridades brasileiras à época. O seu diferencial em relação às demais torcidas organizadas foi também o principal fator que a

levou a ter a benção do presidente tricolor. Ao contrário daquelas, a Coligay não solicitava auxílio financeiro dos dirigentes gremistas e arcava com todos os seus custos; o único pedido feito ao mandatário da equipe foi um espaço reservado no estádio do clube para estocarem os utensílios necessários para “animar” a torcida durante as partidas. Percebe-se, nessa relação, a predominância de um pensamento heteronormativo que regia as ações da Coligay e lhes concedia o direito de existir à medida que seus membros se mostrassem “merecedores” da confiança do *establishment*, além de reforçar o aspecto caricato e jocoso geralmente associado a homossexuais nas representações midiáticas. Logo, a “animação” levada pela Coligay ao espaço do jogo é encarada como uma característica natural de homossexuais.

Esse fato remete à diferenciação entre performatividade e performance que Pereira (2012), ao interpretar Butler, insiste em frisar. As ações representadas por esta última são apenas um recorte de um acúmulo histórico que nunca ocorrem fora da primeira, o que enfatiza a necessidade de visualizar a performance não como um episódio, mas como um ato (BUTLER, 2017). Apesar da manutenção de uma relação desigual de poder, a Coligay conseguiu avançar de um estágio em que era preterida pelos próprios gremistas e associada com uma iniciativa do rival Internacional visando “difamar” sua reputação (PINTO, 2014) para um modelo que inspirou a fundação de grupos com anseios semelhantes, como a FlaGay e forneceu as bases para coletivos afins que reivindicam visibilidade e participação no futebol brasileiro atualmente (PINTO; ALMEIDA, 2014) tais como Palmeiras Livre, Galo *Queer*, Cruzeiro Maria, Bambi Tricolor, Gaivotas da Fiel, Queerlorado (torcida do Internacional, rival do Grêmio) e, principalmente, Grêmio *Queer*, uma torcida diretamente relacionada com o legado deixado pela Coligay, extinta ainda na década de 1980.

Ainda que realizar demandas políticas não tenha sido o propósito primordial da Coligay, sua participação nesse campo social ocorreu de maneira contingencial e reiterou aquilo que Judith Butler percebeu no caso do hino nacional dos Estados Unidos cantado em espanhol. A ação coletiva desses torcedores gaúchos surgiu e progrediu às bases da epistemologia de

performance (LANKSHEAR; KNOBEL, 2006; 2005), entendida aqui, de acordo com a visão de Takaki, como:

a capacidade de produzir conhecimento pelo fazer. Fazer este que vem acompanhado de situações novas, surpreendentes e que exigem negociações e ações rápidas gerando novos conhecimentos. Essa epistemologia implica lidar com um espaço-tempo momentâneo em que o encontro com a diferença é reinterpretado. Sem alguma forma de identificação e de interpretação, o passo subsequente pode ficar comprometido (2017, p. 30).

As manifestações nos dois casos forçam a reinterpretação da diferença pelos grupos dominantes, como menciona Takaki acima, tendo em vista que a ambos não foi concedido o direito ao manifesto de seus anseios e a visibilidade que reivindicam é nutrida pela necessidade de angariar o seu terreno sem que haja nesse trajeto um fim, ou sequer um meio, concreto (COLLIN, 1994). Seguem, portanto, munidos da práxis sem saber ao certo onde irão chegar, constroem o percurso enquanto o percorrem. Desse momento em diante, a diferença, antes visualizada a partir de barreiras limítrofes que separavam os grupos hegemônicos do exterior que os ameaçam, é ressignificada. A suplementação Derridiana volta à tona para explicitar que o risco eminente da “contaminação” pelo contato com o que está na parte externa é, de fato, um fator intrínseco ao grupo. Em outras palavras, há a transformação do que Bhabha (1998), em comentário acerca do Estado-nação, chama de fronteira exterior em finitude interior; o fora a ser evitado esteve sempre dentro e integra a sua contraparte. Há nessa relação a base articulada para uma política da diferença, assunto que desperta o interesse de estudiosos de várias áreas. Opto aqui por adentrar nesta discussão a partir do olhar de um historiador que estuda a relação entre diferença, igualdade e desigualdade e justifico minha escolha com base no argumento de que a performatividade rege as performances amparada em um movimento contínuo que vai se fixando num caminho traçado por acontecimentos e ações sócio-históricas.

Diferença, igualdade e desigualdade são exatamente os três vértices que compõem o triângulo semiótico usado por Barros (2006; 2016) para explicar a construção histórica da diferença e da igualdade na história das civilizações humanas. A figura 3 traz a representação imagética da explanação feita pelo historiador.

Figura 3: Triângulo semiótico da igualdade

Fonte: BARROS (2016)

O próprio título usado por Barros denota a sua maior preocupação em explicar, a partir da diferença, como se atinge o patamar de igualdade numa sociedade. A distribuição das três categorias e a forma como estão ligadas nesse triângulo seguem a explicação dada por ele de que igualdade e diferença ocupam posições de horizontalidade para situá-las em planos opostos e são relacionadas por uma linha vazada como forma de indicar a impossibilidade de intercâmbio entre elas. Igualdade e desigualdade, por seus turnos, são opostas em posição vertical e conectadas por uma linha bilateral em referência à possibilidade de deslocamento de uma condição para a outra. A justificativa apresentada por seu idealizador para organizar a disposição das três categorias nesse esquema é apresentada abaixo:

Distintamente da oposição por contrariedade que se estabelece entre Igualdade e Diferença, a oposição entre Igualdade e Desigualdade é da ordem das contradições. As contradições são sempre circunstanciais, enquanto os contrários opõem-se ao nível das essências. As contradições são geradas no interior de um processo, têm uma história, aparecem num determinado momento ou situação, e pode-se dizer que os pares contraditórios integram-se dialeticamente dentro dos processos que o fizeram surgir. Por seu turno, os contrários não se misturam (amor e ódio, verdade e mentira, igual e diferente), e dessa forma fixam muito claramente o abismo de sua contrariedade. Logo veremos que essa distinção entre contrários e contradições tem suas implicações, embora no momento isso possa soar como filigrana semiótica (BARROS, 2006, p. 200).

O autor lança mão da oposição binária para explicar o porquê de igualdade e diferença estarem em polos opostos, relegando-as ao plano das essências. Na continuação dos seus estudos tomando, essa temática como base, o historiador escreveu em trabalho subsequente alguns exemplos que elucidam a sua concepção da iminente possibilidade de inversão de polos na

relação entre Igualdade e Desigualdade. Ele compara um homem rico a um homem pobre e argumenta que, diante das situações contingenciais pelas quais os dois venham a passar, seus graus de riqueza podem fluir por estágios gradativos até que uma efetiva troca de papel venha a ocorrer. Esse raciocínio dialoga diretamente com a dicotomia do turista e do vagabundo proposta por Bauman (1999) para explicar os movimentos diaspóricos na pós-modernidade em uma visão negativada da globalização. Nela, o turista é associado ao movimento livre, ao deslocamento sem fronteiras, à vida cosmopolita que rompe as barreiras do tempo e espaço, devido ao alto poder financeiro do qual dispõe. No entanto, esse espaço é estriado (DELEUZE; GUATTARI, 1997), precisa ser medido, o que denota um maior controle das ações que se associam às performances e são restringidas pela dinâmica capitalista. Aos vagabundos resta a possibilidade do deslocamento não por prazer, mas por necessidade, já que seu poder aquisitivo é deficitário. Nesse grupo, o espaço é liso, “marcado apenas por ‘traços’ que se apagam e se deslocam com o trajeto” (DELEUZE; GUATTARI APUD ZACCHI, 2016a, p. 77) e conecta seus membros ao sabor do *devenir*, ao refazer dos caminhos de maneira performativa. Na leitura de Bauman, o sonho do vagabundo é ser o turista que, por sua vez, teme ser rebaixado ao patamar de vagabundo. Apesar de temê-lo, o turista sabe da necessidade de sua existência para que tenha parâmetros do lugar que ocupa e venha a se distinguir daquilo que o aflige.

Zacchi (2016a) observa o surgimento do caipira na sua relação com o espaço e o situa no meio termo entre os indígenas que alisam o território como legítimos nômades e os grandes latifundiários que usam os cercados para estriá-lo e se tornarem sedentários. Assim, o caipira é um migrante que, em alguns momentos, alisa o espaço para em outros colocarem-lhe estrias num movimento que flui de um ponto a outro. O público LGBT é visto pelo Manchester United, então, como um grupo de “vagabundos” que aspiram ser aceitos pelos turistas e, uma vez que atendam aos critérios definidos por estes, poderão também alisar o espaço estriado, ainda que temporariamente, num percurso que se assemelha ao do caipira.

Quando olhado por esse ângulo, a figura geométrica proposta por Barros apresenta um raciocínio coerente, porém falha na explicação simplista e

universalizadora da qual se vale para contrapor Igualdade e Diferença. Restringi-las ao campo das essencialidades é uma negligência às relações identitárias pertinentes às categorias em debate. Sua fundamentação para sustentar essa opinião está amparada na fala adiante:

Não existem, por exemplo, gradações entre Homem e Mulher. Do ponto de vista cultural – considerando-se a sexualidade como nova opção sexual – também não estaremos diante de uma nova mediação entre homem e mulher, mas sim uma nova diferença. Rigorosamente falando, ninguém é mais homem ou mais mulher. Biologicamente, se é uma coisa ou outra. Culturalmente, mesmo que possam ou devam ser admitidas algumas outras categorias, não se pode dizer que um homem é mais homossexual que o outro ou que uma mulher é mais lésbica do que outra. Uma mulher será considerada lésbica, homossexual ou bissexual (BARROS, 2006, p. 204).

Há alguns pontos críticos na argumentação do historiador. Começo analisando a sua concepção de sexualidade vinculada ao binômio Homem/Mulher. Como já explicado em outros momentos ao longo deste trabalho, a disposição em polos coloca, segundo a lógica da *Différance* Derridiana, o primeiro termo em ascensão normativa, enquanto o seu par é o abnormal. Para Silva, é exatamente no ato de fixação de uma identidade como norma que um grupo identitário pode amparar sua hierarquia e defendê-la como “natural”:

A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas (2000, p. 83).

Fundamentado pela heterossexualidade compulsória, Barros (2006) admite o sexo biológico como fator decisivo para a orientação sexual. Assim, o historiador tende a assimilar que meninos com aspectos femininos e meninas com aspectos masculinos seriam homossexuais por se aproximarem das características do sexo oposto, numa simples inversão de gênero. O que Butler (2009) argumenta, portanto, é que essa visão implica uma manutenção da heterossexualidade já que uma garota, cujos atributos a aproximam culturalmente de um garoto, necessariamente sentiria desejo por outras garotas, sendo o mesmo raciocínio válido para garotos. A concepção de Barros (2006) está centrada na visualização do sexo enquanto substância capaz de representar a si própria, assimilada por Butler como “um truque performativo da

linguagem e/ou discurso, que oculta o fato de que ‘ser’ um sexo ou um gênero é fundamentalmente impossível” (2017, p. 46). Quando comenta as possibilidades de orientação sexual de uma mulher e as amplia para as possibilidades de homossexualidade e bissexualidade, o historiador acaba por cometer o equívoco de confundir, restringir e determinar gênero, sexo e orientação sexual assumindo-os como campos interdependentes de uma relação causal (BUTLER, 2017). As ressalvas abertas por ele carregam a aparência de uma ampliação das identidades de gênero, mas no fim as fixam uma vez mais sob a ótica heterossexual seguindo a linha oposta do que diz Butler:

As correlações entre identidade de gênero e orientação sexual são, na melhor das hipóteses, turvas: não se pode prever, com base no gênero de uma pessoa, qual identidade de gênero ela terá e qual ou quais direções do desejo essa pessoa, ao final, levará em consideração e seguirá [...] Ainda que uma pessoa aceitasse como não sendo problemático indicar quais são as características ‘femininas’ e quais são as ‘masculinas’, isso não acarretaria que o ‘feminino’ é atraído pelo ‘masculino’ e o ‘masculino’ pelo ‘feminino’. Isso só se daria se compreendêssemos o desejo a partir de uma matriz exclusivamente heterossexual. (2009, p. 100).

A dinâmica desse processo torna explícita a necessidade de representação da qual a identidade e a diferença carecem, trata-se de uma relação de poder que, segundo Silva (2000), permite à identidade a capacidade de ser definida por aqueles que têm o poder de representá-la.

A última informação do parágrafo anterior torna inevitável a pergunta: quem representa a identidade LGBT na parceria entre Manchester United e *Stonewall*? A resposta para essa questão permanece aberta e quiçá venha a ser respondida ao longo dos próximos eventos e ações organizadas em conjunto pelas duas instituições. Até o momento há apenas indícios de que essa representação não será feita a partir de uma política da diferença cujas características podem ser distintas de políticas de diversidade a partir do quadro seguinte no qual a luta pró-homossexualidade é confrontada com a agência *queer*.

Quadro 1: Diversidade x Diferença

	Homossexual	<i>Queer</i>
Regime de verdade	Binário hetero-homo	Normal – anormal
Luta política	Defesa da homossexualidade	Críticas aos regimes de normalização

Perspectiva	Diversidade	Diferença
Concepção de poder	Repressora	Disciplinar/controle

Fonte: MISKOLCI (2016)

Uma retomada de informações disponíveis na figura 1 permite perceber a presença da *hashtag all red, all equal* na camisa do Manchester United. O lema “todos vermelhos, todos iguais” norteia o teor multicultural da campanha que segue o novo modelo de economia global chamado de Império (HARDT; NEGRI, 2001) no qual “a soberania passa a ser composta por uma série de organismos nacionais e supranacionais, unidos por uma lógica única” (ZACCHI, 2016a, p. 182). Clube e ONG se unem numa luta que se aproxima da defesa da homossexualidade, descrita no quadro 1, e sua inclusão no futebol, tendo em vista principalmente os lucros oriundos do *Pink Money*, expressão usada pelo mercado para se referir ao público *Gay*. Nessa perspectiva, a diversidade se sobressai em relação à diferença e encobre as relações conflituosas que compõem o espaço social, nesse caso específico, necessariamente vinculado ao estádio de futebol e suas adjacências. A tolerância, princípio básico dessa política, mantém os grupos minoritários sob a égide daqueles que ocupam a posição de identidade hegemônica e fiscalizam até que ponto as negociações entres eles podem acontecer e quais serão as novas fronteiras a serem respeitadas. Sobre tal dinâmica de relações, Lopes expressa um comentário que dialoga com o que trouxe à tona anteriormente quando recorri a Monte Mór (2017) para falar da institucionalização das ações numa visão multicultural:

Muito se fala sobre inclusão, sobre a possibilidade de conviver com diferenças e aprender a respeitá-las. É o pensamento que está na base de uma visão multiculturalista das sociedades contemporâneas, a qual, em certos casos, se restringe à mera representatividade numérica de diferentes culturas em um espaço tendencialmente homogeneizador e, em última instância, redutor da diferença. Diante de tal quadro, é possível mesmo concluir que o reconhecimento da diversidade cultural do mundo não tem implicado, necessariamente, o reconhecimento da diversidade epistemológica do mundo (LOPES, 2013, 164).

Ao longo de sua defesa de uma política da diferença, o autor reivindica reiteradamente o argumento de que o conflito é um fator implícito a uma política que pretende emergir a partir da diferença. É salutar, no entanto, compreender, nessa perspectiva, a concepção conflituosa como algo dissociado de ação

violenta para aproximá-la, em contrapartida, de questões ideológicas e identitárias. Para Lopes (2013), é através do conflito que as condições de privilégio concedidas a um determinado grupo em posição dominante podem ser confrontados e abrir espaço para a mudança. A máxima de que todos são iguais passa a dar lugar a uma visão ontológica de pluralidade que enxerga na diferença um fundamento básico para distinção – sou isso também por não ser aquilo – e que encontra na linguagem a possibilidade de se tornar um produto influenciado pela cultura e o meio social (SILVA, 2000). Enquanto Manchester United e *Stonewall* se “unem” e dialogam em torno de atividades que atendam a interesses comuns de ambas as instituições, os públicos, em defesa dos quais os dois alegam estar, são visualizados de maneira unificada como se compartilhassem de anseios em comum, o que reitera uma essência sobre as diversas realidades que integram a sigla LGBT e os demais grupos que o próprio acrônimo invisibiliza. Por outro ângulo, ainda que o investimento do clube inglês nessa parceria surja da necessidade de inserção de um novo nicho na sua atuação mercadológica, o simples fato de que esse acordo tenha vindo a ser oficializado é suficiente para ilustrar uma mudança de pensamento ou, como o próprio Lopes (2013) sugere, uma abertura, ainda que discreta, para a diversidade epistemológica. As divergências que venham a surgir nesse processo não são limitadas a uma base especulativa da opinião pessoal, mas encontram numa genealogia histórica, intermediada por relações de poder, a aparência de naturalidade. Como então migrar de um contexto centralizador da verdade para um novo paradigma em que o conflito tenha seu espaço de existência assegurado?

Mudanças contextuais implicam a necessidade de uma permanente reavaliação da validade das verdades construídas localmente. Conhecimentos há tempos tidos como válidos e, portanto, verdadeiros, podem já não mais o ser atualmente. E isso só pode ser de fato verificado nas práticas concretas que envolvem sujeitos que sabem e coisas que se sabem, que já se sabiam, ou que estão a-saber. Pensar o conflito como ponto de partida significa ainda, e fundamentalmente, abandonar a idealização do consenso, condição final que viria aplinar as diferenças sob a retórica do “concordamos em discordar”. Concordar em discordar implica, normalmente, a indisponibilidade para a mudança, a tendência em simplesmente “respeitar e tolerar o diferente” e deixar as coisas como estão. Mas quem tolera se arroga o direito de tolerar (BROWN, 2006), o que na prática significa manter-se em posição de superioridade epistemológica. Ora, tal postura difere essencialmente do que acreditamos ser o diálogo entre quem

realmente escuta. O diálogo entre quem realmente escuta implica um olhar profundo para a localidade radical dos saberes, para o locus de onde se enuncia, enfim, para o contexto do contexto. Mais ainda, implica desenvolver a capacidade de ouvirmos a nós mesmos escutando (SOUZA, 2011) – refletir sobre o modo como construímos conhecimento e por que estamos pensando da forma como estamos pensando (LOPES, 2013, p. 167).

Tratar a homossexualidade como homossexualidade e não mais como homossexualismo – o foco da minha observação aqui se concentra no sufixo – ismo, cujo uso implica a associação com males para a saúde física e/ou mental - não configura uma mera mudança de termo estabelecida de maneira espontânea. Desde que a Organização Mundial de Saúde passou a não mais considerá-la uma patologia, muitos avanços nas políticas de gênero foram alcançados. O fato é que nem sequer a sua retirada do quadro de doenças reconhecidas internacionalmente foi uma concessão, mas sim uma conquista. Ascender ao direito de ser tolerado foi, a priori, um passo gigantesco diante das circunstâncias anteriores, e as mudanças de concepções de uma época para outra parecem ilustrar bem o exercício de reflexão constante do qual o fragmento acima trata, mas evidenciam, sobretudo, o papel determinante do contexto e das suas incertezas no que está por vir. O deslocamento, de um centro universalizado em direção às margens, dá vazão ao conceito de verdade fraca trazido por Lopes (2013). Enfraquecer a verdade não se trata de anular o teor de veracidade sobre os fatos ou muito menos desconsiderá-los. Entender a fraqueza deles, todavia, consiste em apreender seu grau de interpretação o qual é diretamente proporcional ao *locus* de enunciação (BHABHA, 1998) de seus grupos. Hoje, Manchester United e *Stonewall* rogam a si próprios o direito de narrar os percursos da parceria e do público LGBT nos estádios de futebol da Inglaterra; em países como o Brasil, torcidas com demandas afins também galgam seus espaços. Somente através dos próximos acontecimentos e das intempéries às quais elas estão submetidas é que será possível visualizar a dimensão que o futebol venha a atingir nas políticas de gênero regidas pela ação performativa. Não desconsidero, assim como Moita Lopes (2013), a importância que um acordo da magnitude do que foi traçado entre Manchester United e *Stonewall* desempenha para a consolidação do acesso de grupos em posição de resistência a locais que têm lhes sido historicamente negados. Apesar disso, reforço que é através do reconhecimento da diferença e da necessidade de

manutenção dos conflitos que vislumbro uma mudança significativa do atual patamar.

4 MANCHESTER UNITED: UMA EMPREITADA NEOLIBERAL

Embora o propósito maior desta dissertação permeie as mudanças pelas quais o Manchester United vem performando ao longo do tempo e como isso reconfigura a identidade do clube, não é viável perceber esse processo como algo recente. A visualização do futebol como um meio em que práticas neoliberais se difundem com facilidade é algo que remete à década de 1970, quando uma crise do petróleo abalou as estruturas do capitalismo e desencadeou uma mudança na sua estrutura: de uma produção massiva, para a inserção no meio cultural (SANTOS, 2015). Além dessa revitalização em termos de estrutura, houve a emergência de um clamor em prol do distanciamento do estado de políticas intervencionistas na economia. Essa é uma característica diretamente vinculada à imagem da primeira-ministra inglesa Margareth Thatcher, que liderou o país entre 1979 e 1990. Ações como a privatização de estatais e a criação de um grupo internacional com as oito maiores potências do mundo (G8) marcaram o período e respingaram no convívio social como um todo, inclusive no futebol. Foi nessa época que os clubes, até então visualizados como propriedades de seus torcedores, começaram a se abrir para ações lucrativas, o que culminou, na virada do século, em um oligopólio de dominação continental. Formado por times da Holanda, Itália, Alemanha, Espanha, Inglaterra, França e Portugal, o chamado G14 marcou um período em que cada vez menos os interesses de torcedores e dirigentes convergiam (DUBAL, 2010).

Ainda na década de 1970, além do neoliberalismo, a globalização também adentrou ao espaço futebolístico. A eleição do brasileiro João Havelange para o cargo de presidente da FIFA, entidade máxima do futebol mundial, quebrou a tradição anterior de manter sempre europeus no seu comando. O principal fator para essa ruptura foi a grande quantidade de votos oriundos dos continentes americano e africano recebidos pelo candidato. Esse evento, uma representação do deslocamento espacial e da transgressão de barreiras característicos da globalização, abriu as portas para uma nova era no futebol. A contratação de jogadores estrangeiros passou a se tornar uma prática corriqueira entre clubes europeus e os dois continentes mencionados acima foram alguns dos maiores exportadores dessa “mercadoria”, uma vez que o livre comércio típico das

práticas neoliberais atingiu também os atletas e os transformou em objetos (FAVERO, 2009). A chegada de Havelange ao cargo máximo da FIFA trouxe consigo várias filiações de países do mundo inteiro e conferiram ao futebol um lugar na “culturalização da economia” (ROWE apud SANTOS, 2015). A terceira fase do capitalismo, segundo Santos (2012), é capitaneada pelas ações neoliberais e assemelha os clubes de futebol a empresas. Consequentemente, eles estampam suas marcas, como explica o teórico, para quem “uma mesma mercadoria será incapaz de ser comercializada por outra idêntica que teve a capacidade de agregar determinados valores simbólicos que atraem os consumidores, cada vez mais dispostos a pagar pela marca estampada” (2015, p. 93).

Os consumidores mencionados por Santos (2015) são, em outras palavras, os fãs que o Manchester United busca agregar à sua marca como parte do processo de mudança de identidade. Uma das medidas explícitas tomadas pela equipe inglesa para desvincular-se de uma atuação limitada ao campo esportivo foi a mudança no seu escudo: outrora o brasão trazia as palavras *Football Club* (clube de futebol) na parte inferior e, atualmente, carrega apenas o nome da cidade seguido da alcunha que lhe distingue do rival Manchester City (DUBAL, 2010). Além dessa ação interna, as aproximações entre futebol e veículos midiáticos inauguradas nas gestões concomitantes de Havelange/Thatcher²⁴ tornaram o United um produto cultural (BOLAÑO, 2008 apud SANTOS, 2015). Assim, ao ceder seus direitos de imagem para canais de TV, o clube acabou conferindo a terceiros o controle sobre o espetáculo, e estes, em seguida, também proporcionam a empresas a possibilidade de patrocinarem as competições. O efeito de sucessivos repasses colabora para a formação de uma audiência específica, uma vez que as grandes companhias de televisão podem optar por transmitir os jogos em sinal aberto ou em canais de *pay-per-view*. A primeira alternativa é frequentemente utilizada em escala local e se vale do apelo popular que clubes como Manchester United possuem no país. Ao

24 No governo de Margaret Thatcher, várias medidas de combate às ações de Hooligans, grupos de torcedores ingleses que ficaram marcados pelo uso da violência nos estádios, foram tomadas e implicaram na atração de um novo público – mulheres e membros da classe média/alta – aos estádios (ALMEIDA, 2015a). Essas políticas difundidas no fim dos anos de 1980 impulsionaram o surgimento da Premier League, primeira divisão inglesa, na primeira metade da década seguinte (LEONCINI, 2001).

mesmo tempo, tal medida visa contemplar os torcedores de classes socioeconômicas mais baixas, para quem os preços dos ingressos das partidas no estádio se tornaram mais árduos de arcar. A segunda opção é um subsídio para transpor a marca do clube para além de seu território e atingir os torcedores que moram fora do continente europeu²⁵. Em ambos os casos, os fãs que dispõem de um poder aquisitivo maior são beneficiados, o que gera revolta entre os menos favorecidos e mais longínquos torcedores do time que, em seu turno, resistem ao vê-lo transformar-se cada vez mais em uma simples máquina de lucro.

Autores como Leoncini (2001) se debruçam sobre a trajetória de sucesso de gestão do clube e defendem a ideia de que na Inglaterra os times de futebol sempre atuaram como empresas. Logo, o Manchester United não seria uma exceção. A afirmação do autor toma como base o fato de que a participação ativa de torcedores nas decisões da instituição, através do direito ao voto e injeção de investimentos do seu próprio orçamento na manutenção e desenvolvimento da equipe, tem sido desde sua fundação um fator comum. Isso lhes concedeu durante anos a sensação de serem os reais proprietários do clube. E assim era, até que duas passagens traumáticas da história da equipe marcaram a sequência de sua saga. Os investimentos de um microempreendedor local do ramo de cervejaria permitiu ao United a construção do seu estádio, *Old Trafford*, mais tarde bombardeado durante a segunda guerra mundial. Essa informação torna explícita a forma peculiar como os dirigentes da época agiam; de maneira passional ou ainda por uma questão de ego, abriam mão de parte dos seus lucros para impulsionar as ações do time para o qual torciam. As mazelas do conflito, que tinha a Inglaterra como uma das protagonistas na luta contra os regimes nazifascistas, resultaram em prejuízos ao patrimônio do Manchester United. Os déficits desse período só começaram a ser amenizados com a chegada de Matt Busby ao comando da equipe.

25 A Sky Sports é atualmente a maior detentora dos direitos de transmissão dos jogos da *Premier League*. Ambas são parte da *TeamPride*, o conglomerado ao qual o Manchester United se associou após oficializar a parceria com a StoneWall. No Brasil, o canal de TV por assinatura ESPN é responsável pelos direitos de transmissão das partidas. Mais informações estão disponíveis no endereço a seguir: https://maquinadoesporte.uol.com.br/artigo/premier-league-vende-parte-dos-direitos-de-tv-por-quantia-milionaria_33956.html. Acesso em: 10 nov. 2018.

Na liga de futebol inglesa há uma tradição, principalmente entre grandes clubes, de se contratar mais do que meros treinadores. Os responsáveis pela gestão da *performance* esportiva dos atletas, naquele país, atuam como *managers*²⁶; além de cuidarem do desempenho técnico/tático dos jogadores e da escalação dos 11 iniciantes e seus respectivos suplentes, também são responsáveis pela aplicação do capital financeiro destinado à formação de elenco. Esse é um hábito que, de acordo com Leoncini (2001), começa a se instaurar a partir de Busby, ex-jogador do Manchester e, posteriormente, convidado a assumir a função de *coach*. Munido de sua experiência anterior como esportista, o técnico reivindicava uma mudança na hierarquia administrativa do time, de modo que as decisões pertinentes ao jogo em si fossem tomadas pela comissão técnica e jogadores em vez de serem impostas de cima para baixo pelos diretores.

A autonomia peculiar concedida a Matt Busby deu a ele liberdade para buscar parcerias econômicas que pudessem alavancar o potencial do clube na montagem de um grupo forte e capaz de reverter essa condição em ganhos expressivos de títulos. O nome escolhido pelo gerente foi o de Willie Satinoff, negociante de Manchester cuja vida foi perdida no segundo episódio trágico que acometeu o time já num cenário pós-guerra. O avião que transportava a equipe inglesa no retorno à sua cidade sede, após a classificação inédita para a final da copa europeia, precisou fazer uma aterrissagem em Munique para reabastecimento de combustível. Por conta de uma forte nevasca, ao tentar nova decolagem, a aeronave acabou colidindo e acometendo a vida de oito membros do elenco, além de outros passageiros. Busby se feriu na fatalidade, mas sobreviveu e continuou no comando do clube por alguns anos adiante. Apesar do teor apocalíptico do acidente, o Manchester United se tornou mundialmente conhecido após esse episódio²⁷ (LEONCINI, 2001). Apenas um dia após o

26 A função de manager é também explorada por jogos eletrônicos como o Football Manager (LIMA, 2014), PES e FIFA (AZEVEDO, 2014) que buscam aproximar **situações** reais de jogo ao contexto dos videogames, simulando, assim, **situações** que envolvem a própria gestão de elenco, finanças e problemas internos que permeiam o futebol.

27 Um fenômeno semelhante aconteceu em 2016 com o time brasileiro Chapecoense. O clube conquistou uma inédita classificação para a final da copa sul-americana contra o Atlético Nacional da Colômbia e, quando viajava para o país do adversário, onde jogaria a primeira partida da decisão, o avião fretado em que jogadores, comissão técnica e jornalistas se encontravam se chocou com uma formação rochosa numa área de difícil acesso. A dimensão do acidente repercutiu mundialmente e despertou uma onda de solidariedade aos

ocorrido, Louis Edward, um comerciante, que há um certo tempo cogitava uma associação com o clube, foi empossado no cargo de diretor.

É com a difusão do seu nome após o acidente e a chegada de Edwards que o Manchester United inicia o que Leoncini (2001) chama de reputação. Essa ideia consiste na unificação de uma gestão de sucesso entre lucros e resultados dentro de campo. Todo o processo neoliberal, destacado acima, em torno da organização política da Inglaterra, e estendida ao futebol na gestão Havelange, repercute nesse período em que o novo diretor estabelece uma parceria com Matt Busby no comando da equipe. Enquanto um cuidava dos problemas extracampo, o outro montava um *dream team* ao se beneficiar do pensamento da época que aboliu a lógica do salário mínimo pago aos jogadores. A dinâmica da livre iniciativa permitiu um fluxo maior de atletas e aumentou o abismo entre clubes com grande poderio de investimento e aqueles de orçamento menor. O acidente aéreo acabou por enaltecer o nome do Manchester United no cenário global, mas o clube ainda tinha na gestão esportiva seu grande trunfo, como explica Leoncini:

Os principais legados de Busby (que permaneceu no Manchester United durante toda sua carreira como treinador) são: associar a “marca” Manchester a um jogo vistoso e consolidar uma estrutura eficiente de formação de talentos capaz de passar de geração para geração esse estilo de jogo (2001, p. 96).

A transição para o sucesso do clube em termos empresariais veio apenas na continuidade da gestão Edwards, já na figura de seu filho Martin. As dívidas acumuladas pelo seu pai, ao longo do tempo no comando financeiro do Manchester United, colocaram em risco os negócios da família. Como destaca Leoncini (2001), Martin, ao contrário de Louis, não era um aficionado pela imagem construída em torno do time lendário da era Busby e visualizava a equipe como uma fonte de renda, numa linha oposta à dos dirigentes à moda antiga. Diante da situação de prejuízo no balanço das contas, ele deu o passo

sobreviventes e família das vítimas. Na sequência, a Chapecoense, que já despertava a simpatia de muitos torcedores brasileiros pelos resultados que vinha angariando em campo, passou a ocupar uma posição de “segundo time” entre os fãs de futebol do país e ganhou notoriedade internacional. Mais informações estão disponíveis no link: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/11/aviao-com-equipe-da-chapecoense-sofre-acidente-na-colombia.html>. Acesso em: 12 nov. 2018.

inicial para o que viria a modificar a forma como o Manchester United iria se portar no meio futebolístico. O mesmo autor destaca que o clube foi o segundo entre os ingleses a lançar ações na bolsa de valores, o que permitiu a participação pública na gestão e repartição de lucros do time (oriundos de bilheteria, repasse de direitos de transmissão pela TV, venda de produtos licenciados). Esse dado coloca mais uma vez à prova o pioneirismo reivindicado pelo atual dirigente Richard Arnold em torno da história do Manchester e aproxima ainda mais essa narrativa da noção de tradição inventada (HOBBSAWN, 2008), abordada numa seção anterior. No entanto, embora a sua adesão à bolsa de valores tenha vindo apenas 8 anos após o Tottenham Hotspur de Londres ter tomado essa estratégia, o Manchester foi o primeiro caso de sucesso nesse tipo de empreitada (PRONI; LIBANIO, 2016). A política thatcheriana que coibiu a violência nos estádios e exigiu mudanças em suas estruturas como um resultado do chamado relatório Taylor²⁸, abriu caminho para que o clube, já no formato de uma empresa com acionistas, investisse no uso do seu estádio como uma fonte de lucro para além dos dias de jogo. A chamada arena multiuso (LEONCINI, 2001) permite ao United lucrar ao longo do ano com a concessão do espaço para shows, além da fixação de restaurantes, shoppings e museus nas suas dependências. Martin conseguiu, assim, reverter seus problemas financeiros, promover lucros para si (e os demais acionistas) e conciliar os avanços extracampo com ótimas campanhas dentro do gramado. O equilíbrio entre resultados e ganho financeiro manteve a relação entre diretoria e torcida estável, apesar da crescente gentrificação²⁹ da marca Manchester United. Novos acontecimentos modificaram esse patamar e deram as bases para consolidar a transnacionalização do clube, principal característica da nova identidade empresarial que o Manchester United carrega e tema abordado na próxima sub-seção.

28 Uma rigorosa fiscalização liderada pelo governo após os ataques de *Hooligans* e acentuada quando a superlotação do estádio de Hillsborough gerou uma tragédia de grande proporção. As grades que separavam a torcida do gramado cederam com o amontoado de pessoas e resultou em um pisoteamento em massa. Mais informações sobre o relatório e o acontecimento no estádio da cidade de Sheffield podem ser encontradas em Leoncini (2001) e Proni e Libanio (2016).

29 O termo e suas implicações serão tratados em detalhes na sequência do texto.

4.1 A TRANSNACIONALIZAÇÃO DO MANCHESTER UNITED

Os acontecimentos descritos na seção anterior encaminharam o Manchester United para uma lógica de gentrificação. O termo, primeiramente usado por Glass (1964 apud Oliveira, 2015), aponta para um processo de revitalização e ocupação do espaço urbano de modo que áreas então habitadas pelas camadas mais pobres da população passam a ser continuamente tomados por construtoras e empresas do ramo de arquitetura e urbanismo que, por sua vez, reestruturam a configuração desse ambiente de modo a atrair camadas mais abastadas da população.

No futebol, a gentrificação ocorre, portanto, quando os torcedores oriundos da classe operária começam a ser substituídos por “consumidores dos estratos mais elevados da sociedade” (ALMEIDA, p. 11, 2015b)³⁰. No caso do Manchester United, o ápice dessa transformação ocorreu em 2005, quando o clube inglês foi vendido para o magnata americano Malcom Glazer, também proprietário de uma equipe inscrita na Liga de Futebol Americano em seu país. À época, destaca Dubal (2010), vários torcedores aderiram aos protestos e boicotes aos patrocinadores do clube sugeridos pela Associação Independente dos Torcedores do Manchester United (IMUSA). Mais tarde, muitos deles romperam em definitivo os laços com o clube inglês e formaram o FC United, uma espécie de nova versão do Manchester United, porém administrado pelos apoiadores da comunidade que não se via representada pela nova identidade do clube e suas ações de bastidores.

A venda do Manchester para o investidor americano teve participação direta de Ed Woodward, que atuou como corretor no processo de negociação e, posteriormente, foi convidado a participar da gestão do time. Após a aposentadoria do lendário *manager* Alex Fergurson, que comandou o Manchester United por 26 anos, e a saída de David Gill da sua chefia executiva, a família Glazer atribuiu a Woodward a função de vice-presidente. Sua gestão,

30 Um fenômeno semelhante pode ser visualizado também em outros setores da vida em sociedade. No Brasil, o recorrente investimento em camarotes, por parte da iniciativa privada, retira do carnaval de rua o seu caráter popular em grandes centros como Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

iniciada em 2013, é, até aqui, marcada por dois extremos: os resultados pífios em campo e o sucesso cada vez maior em termos de lucro. No que concerne ao desempenho, a primeira temporada do novo administrador gerou dúvidas sobre os torcedores que permaneceram em apoio ao United. Especulações de contratações de grande magnitude que envolviam nomes como Cristiano Ronaldo, Robert Lewandowski e Cesc Fabregas não se concretizaram e, ao final da janela de transferência, apenas aquisições modestas foram feitas. Na temporada 2016/2017, a chegada do famoso técnico português José Mourinho³¹ e dos jogadores Paul Pogba, Romelu Lukaku e Alexis Sánchez reforçaram as esperanças de títulos, mas ainda não reergueram a imagem do Manchester United como um dos gigantes europeus e mundiais.

As rivalidades com os demais clubes, por outro lado, têm se acentuado para além das conquistas de troféus. Em uma matéria publicada no jornal britânico *The Telegraph*, Jim White diz que “em Old Trafford, sob o comando dos Glazers, tudo é focado no presente, não no futuro”³² (2017, p.1). O artigo traz ainda críticas ao sistema de wi-fi do estádio que, segundo ele, apresenta falhas de sinal que atrapalham o trabalho dos jornalistas. Além disso, várias comparações com os domínios de Arsenal e Tottenham, ambos de Londres, e o do rival City são lançados como forma de minimizar o posto ocupado pela arena do Manchester United na atualidade. Menos de um ano após os comentários negativos, uma reforma em Old Trafford já era cogitada para torná-la o maior palco de partidas de futebol do continente³³. Essas informações, atreladas ao que foi dito anteriormente sobre contratações de atletas, convergem para o que Almeida (2015a) chama de transnacionalização dos clubes de futebol: uma sistemática “desterritorialização cultural” (p. 8) iniciada ainda pela mídia

31 Durante a escrita desta dissertação, o técnico português foi demitido após o acúmulo de resultados inexpressivos e alguns desentendimentos com um dos principais jogadores do atual elenco, o meia francês Paul Pogba. Mais informações estão disponíveis em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/jose-mourinho-e-demitido-do-manchester-united.ghtml>. Acesso em: 27 dez. 2018.

32 At Old Trafford, under the Glazer ownership, everything is focussed on the present not the future. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/football/2017/12/06/countrys-best-stadium-tired-old-trafford-now-showing-age/?fbclid=IwAR2eBWI46EQIqikZ1thq6ble69ArVidPv5h1pL1hdSnFAC9xGMNH6s3BvIA>. Acesso em: 25 nov. 2018.

33 Mais informações sobre os planos para a reforma de Old Trafford podem ser lidas aqui: <https://www.independent.co.uk/sport/football/premier-league/manchester-united-old-trafford-stadium-expansion-plans-latest-news-a8301156.html>. Acesso em: 25 nov. 2018.

televisiva quando expande a imagem desses times para além de seus territórios e atinge seu apogeu quando os mesmos clubes são vendidos para empresários sem qualquer tipo de vínculo anterior com a instituição.

Entre os jogadores desejados e contratados pela gestão Woodward – assim como o técnico Mourinho – todos carregam como característica em comum o fato de não terem nascido em território britânico. Basta uma simples busca no *website* oficial do clube para confirmar como a transnacionalização se faz presente também na montagem do elenco. Na atual temporada, o time conta com 29 atletas no seu *First Team*, equipe masculina profissional, dentre os quais apenas 8 jogadores nasceram na Inglaterra. Alguns dos 19 jogadores restantes já residem no país há tempo suficiente de terem adquirido nacionalidade local. De acordo com as regras da *Premier League*, 17 estrangeiros são permitidos por clube. Uma possível redução no limite de não-ingleses para 13 atletas por time foi colocada em debate devido ao *Brexit*, a saída do país bretão da União Europeia, porém a proposta não prosperou³⁴. A figura 4, a seguir, retrata as variações na imagem de apresentação usada pelo Manchester United em seu website nas temporadas 2016/2017³⁵, período em que a parceria com a ONG *Stonewall* foi anunciada, e explora a questão da transnacionalização pela qual o clube passa:

Figura 4 - Layout do website do Manchester United na temporada 2016/2017

34 Mais informações disponíveis aqui: <https://www.dailymail.co.uk/sport/football/article-6415103/Premier-League-clubs-REJECT-FAs-Brexit-plan-reduce-number-foreign-players.html>. Acesso em: 25 nov. 2018.

35 Nas ligas europeias, ao contrário do Brasil, a temporada de competições nacionais e internacionais inicia ao meio de um ano e acaba no ano seguinte.



Fonte: MANCHESTER UNITED (2017).

Percebo que em ambas as variações, jogadores do Manchester United estão dispostos um ao lado do outro com expressões sérias. Dotado de informações prévias, consigo listar nominalmente cada um dos atletas e suas respectivas nacionalidades tanto na primeira fileira quanto na segunda: Wayne Rooney (Inglaterra), David De Gea (Espanha), Paul Pogba (França), Zlatan Ibrahimovic (Suécia), Anthony Martial (França); enquanto na segunda sequência estão Juan Mata (Espanha), novamente Paul Pogba (França), Romelu Lukaku (Bélgica), Victor Lindelof (Suécia), Henrikh Mkhitaryan (Armênia) e Nemanja Matic (Sérvia). A escolha dos jogadores para posarem nas fotos por si só já é um argumento considerável para representar a transnacionalização do clube, mas, além disso, as diversas opções de línguas em que os internautas podem acessar ao site (cantos superiores direito das imagens), bem como a presença de três patrocinadores de nível internacional no canto oposto, efetivam a identidade de um clube desterritorializado.

O fotógrafo responsável pela primeira imagem não sabia, mas ao final da temporada 2016/2017, Wayne Rooney – único inglês entre os 11 jogadores representados e ídolo da história recente do Manchester United – deixaria o clube para jogar novamente pelo Everton, equipe que o revelou. Rooney é o primeiro jogador disposto na fileira que, por sua vez, se encerra com a presença do jovem Martial, de origem francesa, mas revelado pelas divisões de base do Manchester United. Numa leitura mais subjetiva, um jogador lendário e uma jovem promessa ocupam as margens da fileira cujo centro traz o cobiçado e recém-contratado meia francês Paul Pogba como um prelúdio de um novo ciclo

que estaria por vir. A segunda imagem ratifica a ideia de viver o presente, uma vez que desloca o próprio Pogba um pouco mais para a margem e conduz ao meio do cenário Romelu Lukaku e Victor Lindelof, duas aquisições que a equipe havia acabado de fazer. Nessa nova configuração, apenas estrangeiros foram fotografados e lançam sobre o aspecto visual do endereço oficial do time na internet mais uma conotação transnacional.

Na linha oposta, todavia, segue o elenco feminino de futebol do Manchester United. Composto por 21 atletas e com apenas 3 estrangeiras - todas elas nascidas na Escócia, país que compõe o Reino Unido, que também engloba a Inglaterra - a equipe feminina é a tática para reestabelecer o elo de identificação entre o clube e a cidade. Na subseção 2.1, mencionei que a empresa americana Kohler se tornou o primeiro patrocinador a estampar sua marca na manga da camisa do Manchester United. Numa entrevista concedida ao núcleo de imprensa do próprio clube, David Kohler, diretor geral da companhia, abordou a temática do futebol feminino:

Achamos que é uma oportunidade fantástica e única para nossa empresa associar-se com o Manchester United porque isso vai elevar nossa marca em uma escala global e tudo que nós apoiamos [...] de fato, senti que o Manchester United é muito especial, é a maior franquia esportiva do mundo [...] é realmente uma incrível marca global para se associar [...] achamos que o Manchester United também é muito focado em dar um retorno e ser uma força para o bem no mundo e, usando nossas capacidades e administração junto com o Manchester, achamos que podemos fazer grandes trabalhos ao redor do mundo com propósito social. [...] O time feminino foi um fator decisivo [...] é muito importante para o futuro e importante para todos os nossos associados como nós realmente abraçamos a diversidade, a inclusão e a excelência em todos os níveis (KOHLER, informação dada em uma entrevista, 2018, tradução nossa)³⁶.

A fala do novo patrocinador reforça o discurso do dirigente Richard Arnold em torno do papel significativo que o Manchester United, encarado como uma empresa, representa em todo o mundo. Ele também retoma o caráter solidário

36 We think it's an amazing and unique opportunity for our company to partner with Manchester United because it will elavate our brand in a global scale and everything that we stand for. [...] really felt that Manchester United is so special its the most popular sport's franchise in the world [...] it's really an incredible global brand to be associated with...we think Manchester United is also very focused on giving back and being a force for good in the world and using our capabilities and stewardship together with Manchester we think we can also do great work around the world that has social purpose. [...] The women's club was the deciding factor [...] it's so important for the future and important to all of our associates as we really we embrace diversity, inclusion and excellence at all levels.

que a parceria com a Stonewall deixa transparecer. A ânsia por dar um retorno social diante de suas ações aproxima ainda mais essa relação daquilo que o neoliberalismo patrocina quando afasta do Estado a necessidade de agir nas reduções de desigualdades e atribui a instituições essa responsabilidade. Tais investidas institucionais acabam se travestindo de caridade, mas, em vias efetivas, pouco fazem para modificar situações de desigualdade. Em contrapartida, naquilo que concerne aos interesses pessoais do Manchester United, o novo patrocinador permite que o time atue em duas vias distintas simultaneamente. Ao passo que consolida sua expansão como uma franquia em mercados internacionais, o clube pode ainda dialogar com o local onde está inserido ao tentar investir em um novo nicho de atuação. O lançamento de um time de futebol feminino, iniciativa recente e, como alega Kohler, decisiva para garantir um acordo entre as partes, concede ao clube inglês a chance de adentrar ainda mais aos debates da atualidade, que praticamente exigem as ações de empresas em torno de temáticas como gênero e diversidade, ao mesmo tempo em que resgata os *Mancunians*³⁷ para perto de si. É esse jogo de glocalização que abordarei na seção seguinte.

4.2 O MANCHESTER UNITED ENTRE O CÉU, O INFERNO, O LOCAL E O GLOBAL

Há 13 anos o maior rival do Manchester United, o Manchester City, lançou uma campanha publicitária chamada *Our City*, numa tentativa de explorar a seu favor a revolta de torcedores locais com a venda do seu oponente aos empresários americanos. O título dessa propaganda explora o duplo efeito do mesmo nome sendo usado para se referir ao município inglês e ao clube que a promove, de modo que sua leitura pode ser feita também em duas vias: nossa cidade ou nosso time. Entre as ideias difundidas nesse investimento, segundo as investigações de Edensor e Millington (2008), está a vinculação da imagem do Manchester City como o verdadeiro representante dos *Mancunians* em

37 Moradores de Manchester.

detrimento do rival United, retratado como uma empresa com interesses globais e totalmente desvinculado da classe operária que um dia já representou.

Uma década após essa campanha, o próprio City foi vendido a um xequê árabe e passou a incorporar o grupo de times transnacionais que criticara anteriormente. A mudança de patamar financeiro requer dos clubes que ocupam esse cenário uma repaginação na sua identidade a fim de ampliar seu poderio para o mercado internacional sem perder a credibilidade que já conquistou no seu território. Tais características podem ser supridas, no âmbito social, pelo que Giulianotti e Robertson entendem por glocalização:

o uso sociológico de Glocalização destaca a simultaneidade ou co-presença tanto de tendências globalizantes quanto particularizantes na globalização; isto é, os processos comumente interconectados de homogeneização e heterogeneização (2007, p. 134, tradução nossa)³⁸.

A coexistência de fenômenos de naturezas divergentes é por si só um fator que implica conflito. A glocalização encontra no confronto aos valores locais, a partir de noções culturais oriundas de outros espaços, um embate que não se mantém indiferente ao futebol e que tem nas novas tecnologias uma ponte para a transição entre os aspectos globais e locais. Quando oficializada a ação conjunta entre Manchester United e Stonewall, um acontecimento do mundo virtual tomou uma proporção maior do que se imaginava. Um torcedor do Manchester United respondeu ao comunicado lançado pelo clube em sua página oficial no *Twitter*, demonstrando seu repúdio à associação feita com a ONG em questão:

Figura 5- Resposta do Bolton ao torcedor do Manchester United

38 Sociological usage of glocalization highlights the simultaneity or co-presence of both universalizing and particularizing tendencies in globalization; that is, the commonly interconnected processes of homogenization and heterogenization.



Fonte: MANCHESTER EVENING NEWS (2017)

O jornal local *Manchester Evening News* trouxe em uma matéria de março de 2017 a publicação do clube inglês de menor expressão Bolton Wanderers. No texto, um torcedor do United afirmava preferir torcer pelo clube da cidade homônima, situada na região metropolitana de Manchester, a ter de consentir com o que, segundo ele, consistia em “imoralidade”. A não aceitação da sociedade entre o Manchester United e a Stonewall, assim como a revolta por tal decisão ter partido diretamente dos diretores do clube sem consulta aos seus torcedores, levou esse fã à conclusão precipitada de que encontraria refúgio no rival de porte inferior, atualmente disputando a segunda divisão inglesa, liga em que ocupa as últimas posições da tabela. A prerrogativa de que a condição precária ocupada pelo Bolton automaticamente lhe confere um posicionamento sociopolítico mais aproximado aos valores tradicionais amparados nas glórias do passado – ideal que pode ser levado adiante para novas gerações e mantê-las saudosistas até mesmo diante de épocas que não viveram – foi frustrada. Isso ocorre no momento em que quando a pessoa por trás do perfil oficial do Bolton afirma preferir não ter adeptos que se oponham a pautas de gênero e inclui um ícone em alusão à bandeira LGBTQI+ atrelado ao texto linguístico.

A ideia difundida por esse torcedor não é unânime, por se tratar de um tema controverso, e nem sequer representativa da opinião comungada por outros torcedores do United. Em contrapartida, não pode ser visualizada como mera ação individual, já que lida com questões que transpassam o jogo, e,

também não pode ser aceita como uma manifestação sem difusões favoráveis entre outros adeptos do clube inglês. O evento descrito acima imediatamente reverbera a afirmação estabelecida por Castells (apud Zacchi, 2016a) de que nas mídias digitais há a coexistência de culturas do eterno e do efêmero. “Eterna porque abrange expressões culturais passadas e futuras, e efêmera porque fornece acesso à informação e à percepção de acordo com os impulsos do consumidor ou com as decisões do produtor” (ZACCHI, 2016a, p. 192). As relações de tempo e espaço são afetadas por esse processo, o que permite que pessoas tenham acesso a conteúdos que reitem suas crenças ao mesmo tempo em que são transpostas para além das suas barreiras geográficas e mantenham contato, ainda que virtualmente, com a diferença. A ação disseminada pelo Bolton é resultado, ao passo que também resulta, de um movimento mútuo de influência e influencição, um conjunto de práticas compartilhadas cujo precursor não pode ser precisamente apontado. No que diz respeito à discussão em torno de gênero, por exemplo, essa relação de influência/influencição está presente numa reportagem disponibilizada, no ano atual, pelo site esportivo brasileiro *globoesporte.com*³⁹. Lá é destacada a ação em conjunto entre times da *Premier League* e a própria Stonewall no ato chamado *Rainbow Laces*, já mencionado neste trabalho.

Na matéria, o Manchester United é mencionado apenas na reprodução de uma mensagem lançada no *Twitter* oficial do clube, enquanto os rivais Arsenal e Liverpool recebem grande destaque por suas ações no campo da diversidade. Ao Liverpool é creditada, inclusive, a organização de um torneio de futebol com atletas da comunidade LGBTQI+. Uma busca no site da Stonewall permite descobrir uma aproximação entre o clube e a ONG:

O Liverpool FC assinou para se tornar um Campeão da Diversidade Stonewall, tornando-se o primeiro time da Premier League a se juntar ao programa (...) Como um campeão da diversidade, o Liverpool FC receberá consulta especializada e aconselhamento de um dos gerentes de conta-cliente da Stonewall. Juntos eles irão revisar políticas, práticas e treinamento de pessoal atuais e trabalhar em mudanças necessárias para garantir que o clube é um espaço em que

39 A matéria está disponível no link a seguir: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/premier-league-se-destaca-com-campanhas-de-combate-a-lgbtobia-no-futebol.ghtml>. Acesso em: 09 dez. 2018.

todos podem ser eles mesmos (STONEWALL, 2017, tradução nossa)⁴⁰.

O comunicado emitido pela Stonewall traz à tona a expressão “primeiro time da Premier League” para selar a sua associação ao Liverpool. O mesmo recurso já havia sido utilizado por essa ONG quando o Manchester United oficializou sua entrada na coalizão *TeamPride*, algo abordado na sub-seção 2.1 desta dissertação. Na seção 3, ao explorar as implicações dessa parceria e suas incongruências, não encontrei elementos suficientes que explicassem os meios pelos quais o clube passaria a intervir efetivamente em questões de gênero no meio futebolístico. O trecho citado anteriormente, no entanto, permite elucidações. O programa lançado pela ONG e que teve a inserção do Liverpool traz, ao contrário do que se passou com o United, mais detalhes sobre as ações da parceria, sendo o torneio de futebol organizado pela equipe um ponto concreto dessa iniciativa. Nesse momento, a Stonewall se apresenta, explicitamente, segundo a égide da oportunidade política como pensou Meyer (2014) – também explicado na seção 3 - e amplia sua atuação através de várias sub-iniciativas dentro da mesma categoria, o que lhe proporciona a criação de um leilão de “primeiras vezes” a cada programa novo inaugurado.

A identidade pioneira que o dirigente do Manchester United procura afixar à imagem do clube não remete, necessariamente, ao ato literal de ser o precursor de uma ação, mas aos recorrentes marcos de mudança de comportamento que seu clube agrega ao meio esportivo. Enquanto o Liverpool investe em ações de gênero de dimensões concretas e realça suas características locais (**primeiro clube** a aderir a um programa da Stonewall), o Manchester United, através da coalizão *TeamPride*, anterior ao programa em que o Liverpool é o dominante, não se importa em apresentar-se como uma empresa global que abre as portas para a inserção dos demais clubes do seu

40 Liverpool FC has signed up to be a Stonewall Diversity Champion, becoming the first Premier League Club to join the programme. (...) As a Diversity Champion, Liverpool FC will receive expert consultation and advice from one of Stonewall's Client Account Managers. Together they will review current policies, practices and staff training and work on changes needed to ensure the club is somewhere that everyone can be themselves. Acesso em: 09 dez. 2018.

local (times da primeira divisão inglesa e o próprio Bolton) e servir de referência para clubes de outros locais (como o Brasil).

Até meados da primeira década do século XXI, perdurava na Inglaterra o fenômeno *Anyone But United*⁴¹ (BRICK, 2001 apud EDENSON; MILLINGTON, 2008), uma ideia difundida pelos torcedores de outros times que viam essa instituição como a maior representante da commodificação no futebol. Atualmente, ao menos entre rivais e outras equipes ao redor do mundo, essa crença tem se esvaziado diante da assimilação do Manchester United como exemplo de administração esportiva. Seguindo esse raciocínio, portanto, o Manchester United não só acompanha como assume as rédeas dos movimentos de transição que ocorrem no futebol e nos esportes em geral. O colunista Alex Webb, da empresa de mídia voltada para os negócios Bloomberg, assina um texto em que alerta os torcedores para uma nova tendência entre os clubes-empresas da modalidade em questão. Em seu raciocínio, ele chama a atenção para o risco de estagnação nas estratégias de obtenção de lucros entre equipes esportivas através de práticas já consolidadas como vendas de camisas, transmissões de jogos em canais de *pay-per-view*, consórcios para sócios-torcedores e uso das arenas como espaços multiusos, elementos discutidos até aqui. A negociação de produtos licenciados pelos clubes, a propósito, é um dos temas mais destacados na sua fala:

as estratégias de marketing esportivo tradicionais terão que mudar. Antes era bom o suficiente para as marcas pagar dezenas de milhões de dólares para estampar suas logomarcas sobre uma camisa e gozar do efeito brilhante dos laços emocionais do clube com seus torcedores. Felizmente, esses torcedores iriam então, uma semana depois, até uma loja e comprariam o produto – deixando o time fora da transação (WEBB, 2018, p. 1, tradução nossa).⁴²

A observação feita por ele é válida, em partes, no que concerne ao Manchester United. Embora seja o time de futebol mais rico do mundo em receita anual, o clube inglês está no mesmo patamar de grandes clubes como Barcelona e Real Madrid em termos de avaliação de valor no mercado financeiro, sendo

41 Qualquer um, menos o United.

42 The traditional sports marketing business will have to change. Once it was good enough for brands to stump up tens of millions of dollars to plaster their logo across a jersey and enjoy the halo effect of the team's emotional bond with its fans. Hopefully, those supporters would then go into a shop a week later and buy the product — with the team cut out of the transaction.

ainda superado pelo Dallas Cowboys numa pesquisa da revista Forbes que envolve beisebol, basquete e as duas modalidades de futebol - a que se joga ao redor do globo e sua variante americana (WEBB, 2018). Se nessa escala a venda de camisas não é a única, nem mesmo a principal fonte de renda do Manchester United, tampouco pode ter sua importância reduzida, ainda mais quando a retomada da identificação com o seu local está em jogo. Um exemplo disso está no modelo lançado pelo Manchester United para seu material de jogo nas partidas como visitante na temporada 2018/2019. Esse é, a propósito, outro artifício criado pelos clubes para lucrar, uma vez que tais uniformes são usados em raros momentos ao longo das competições e corriqueiramente fogem ao padrão de cores que historicamente representam a equipe. O modelo em questão pode ser visualizado abaixo na figura 6:

Figura 6 - Camisa de visitante do Manchester United para a temporada 2018/2019



Fonte: MANCHESTER UNITED (2018).

O colunista Jake Lambourne, do jornal britânico The Sun, noticiou o lançamento do novo kit na cor rosa como uma homenagem pensada pela Adidas,

fornecedora de material esportivo do United, e o próprio clube ao antigo jornal local chamado *Football Pink*. O tal periódico era lançado aos sábados logo após a rodada de futebol, impresso em papel rosado, e trazia notícias tanto do United como do *City*, até que, em 2000, passou a ser publicado às segundas-feiras e finalmente teve sua produção encerrada sete anos mais tarde (LAMBOURNE, 2018). Ao passo que tenta retomar uma aproximação com os *Mancunians*, essa ação, inevitavelmente, se torna oportuna, tendo em vista que o ingresso na coalizão *TeamPride*, apenas uma temporada antes, ampliou o repertório do clube para o contexto do *Pink Money* (seção 3).

Como ressaltou Webb (2018) em sua análise, as empresas que produzem as vestimentas dos clubes encontram nesse tipo de ação de *marketing* uma indústria lucrativa ao explorar a imagem do seu patrocinado. Se, por um lado, o Manchester United não extrai dessas vendas uma fatia do lucro além do que a Adidas já repassa por definições de contrato; por outro, as decisões feitas em co-participação com a transnacional de origem alemã tentam recuperar o poder de influência do clube no seu entorno. A mesma estratégia utilizada pelo patrocinador foi aplicada nesta temporada ao Clube de Regatas do Flamengo no Brasil. Diante da manutenção do modelo tradicional rubro-negro como uniforme oficial e a predominância da cor branca no kit reserva, o time brasileiro apresentou uma terceira camisa na cor azul em alusão às praias do Rio de Janeiro⁴³. Real Madrid, Bayern de Munique e Juventus completam o grupo de times de futebol que também tiveram acrescentados aos seus uniformes alguma alteração nas tonalidades usuais. As cinco equipes citadas compõem o catálogo principal da Adidas no futebol não só pelo potencial para ganhar títulos, mas, sobretudo, pelo poder de atração das massas que cada um deles têm em seus respectivos países. Além desse denominador comum, o fato de estarem todos vinculados à mesma empresa os apartam de decisões tomadas de maneira unilateral, os aproximando pela manutenção de um linguajar afim. Esse processo de apartamento do controle sobre o próprio caminho a ser seguido dita a tônica do que chamei de *influenciação* e é através dela que o Manchester United e seus pares vão difundindo e assimilando ideias progressistas que lhes permitem se

43 Mais informações sobre o uniforme podem ser lidas aqui:

<https://extra.globo.com/esporte/flamengo/flamengo-divulga-terceiro-uniforme-na-cor-azul-em-alusao-as-praias-do-rio-22911078.html>. Acesso em: 12 dez. 2018.

abrir para outros mercados consumidores e que, por diversas vezes, esbarram em limitações com características variadas, tais como questões contratuais e culturais.

Se ações movidas pelo seu patrocinador afastam o clube inglês de uma certa autonomia sobre seus lucros, seus gerentes encontram em outros caminhos formas de burlar essa lógica. Esse movimento também foi visualizado por Webb:

marketing digital proporciona a oportunidade para que times se lancem no meio da venda de um serviço ou produto. Não é simplesmente sobre usar um website ou um aplicativo para vender mais camisas ou bonés de beisebol aos torcedores. É sobre transformar o time em uma plataforma, uma forma de conectar marcas a clientes, da mesma forma que o Facebook Inc. e a Alphabet Inc. já fazem. (2018, p.1, tradução nossa)⁴⁴

A nova configuração no *layout* do *website* do Manchester United traz várias reformulações que fogem à simples intenção de revitalizar sua apresentação visual. No novo formato, os conteúdos mais recentes que a equipe almeja apresentar aos seus torcedores incluem a divulgação de um aplicativo, que pode ser baixado gratuitamente e oferece informações diárias e atualizadas sobre o clube como uma forma de se manter onipresente. Na subseção *Everything United, now* de seu endereço virtual, a equipe anuncia a novidade e disponibiliza um vídeo com a participação de alguns dos seus atletas para efeito de divulgação da ferramenta. Quando congelado à espera de um clique sobre o ícone *play*, o vídeo em questão apresenta a fotografia abaixo como imagem de apresentação:

Figura 7 - Imagem de apresentação do aplicativo do Manchester United

44 Digital marketing provides the opportunity for teams to put themselves in the middle of the sale of a service or product. It's not simply about using a website or an app to sell fans more jerseys or baseball caps. It's about turning the team into a platform, a way of connecting brands to customers, in the same way as Facebook Inc. and Alphabet Inc. already do.



Fonte: MANCHESTER UNITED (2018).

Os jogadores apresentados na imagem são, respectivamente, em leitura feita da esquerda do leitor para a direita, Paul Pogba (França), Antonio Valencia (Equador) e Juan Mata (Espanha). Sobre a cabeça de cada um dos jogadores há elementos adicionais que remetem a interpretações múltiplas em diferentes culturas. O primeiro atleta tem sobre si uma auréola comumente associada, numa leitura ocidental, a anjos. Ao centro, Valencia está vinculado a tridentes cruzados, enquanto o atleta espanhol tem chifres acima de sua cabeça. Levando em consideração o primeiro símbolo, os cornos remetem a uma oposição entre um ser angelical e seu outro polo, uma criatura diabólica. Segundo Kress e Van Leeuwen (2006), os símbolos ao centro e à margem esquerda da imagem são vetores e se equivalem aos verbos da linguagem escrita ou oral em leituras visuais. Os autores destacam que “quando os participantes estão conectados por vetores, eles são representados como fazendo algo para ou pelo outro” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 59). Assim, o olhar de Pogba para o tridente sobre a cabeça de Valencia, os olhos do equatoriano em direção à tela do celular e a feição de Juan Mata voltada para o horizonte também se configuram como vetores que, em conjunto, são responsáveis por criar uma narrativa.

Os dois autores também estabelecem uma análise que percebe a informação disposta à direita da imagem como sendo “dada”, o meio ocupa

posição intermediária e, por fim, cabe ao canto esquerdo dela uma informação nova. Usando essa leitura, Pobga carrega um valor semântico daquilo que já se sabe sobre o Manchester United, logo a representação de um anjo pela associação com um jogador europeu de ascendência africana desconstrói o senso comum que, de maneira preconceituosa e discriminatória, associa o negro ao mal (ao diabo). Esse artifício simultaneamente consolida o clube inglês como uma instituição que não dissemina e/ou corrobora tais ideias. Na outra ponta, o jogador branco e europeu oferece ao espectador uma leitura fora da zona de conforto. Nela é conveniente enxergá-lo como um membro do mundo civilizado e que emana suas boas ações e costumes para aqueles que ocupam os espaços menos “desenvolvidos”. O Manchester United, porém, se afirma visualmente como um clube ciente de que suas ações podem ser encaradas negativamente pelos seus próprios pares e até mesmo pelos novos adeptos que almeja atingir; contudo, não rejeita esse papel por estar aberto a ampliar seus horizontes como fica latente no olhar de Juan Mata.

A inserção de Valencia justamente ao centro dessa imagem não é, como nenhuma das outras decisões tomadas nesta fotografia, uma escolha neutra. O atleta equatoriano é responsável por estabelecer a ponte entre as duas margens e unificá-los em um ideal em comum: nem anjo, nem (um) diabo (qualquer); todos são diabos vermelhos agora. É essa a concepção implícita no título da subseção que explora o duplo significado de United – nome do time e o substantivo *união* em língua inglesa. A palavra **agora** em *Everything United, now* indica que a frase não se ocupa em apenas descrever o estado da arte em que se encontra o time após o lançamento do aplicativo. A sua aparição logo após uma vírgula aponta o teor imperativo que essa afirmação carrega, soando como um comando para que seus torcedores e simpatizantes façam o *download* do novo recurso. Concomitantemente, convoca seus torcedores a perceber as empreitadas da glocalização como algo que não ameaça a cultura local. Seria ela, na verdade, uma nova chance de se redimir dos erros de um passado de colonização e exploração de outros territórios. Essa interpretação é facilmente visualizada pelo fato de que Valencia é o único dos atletas a segurar um celular, ou seja, além dos tridentes cruzados sobre sua cabeça, há nele a presença de um segundo vetor que guia a leitura sugerida a partir dos direcionamentos

apontados pelo clube, uma vez que, por não haver na imagem um olhar direcionado para o espectador dela, é inexistente a presença de uma demanda de participação de quem a contempla. O que está presente, todavia, é uma oferta impessoal, um convite para acompanhar a narrativa que se desenrola (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), restando ao observador acatá-la ou não.

O *link* entre o global e o local é incorporado em Valencia, por ser o único dos três fora do eixo europeu e oriundo de um país colonizado pela Espanha, país onde nasceu Juan Mata, o “diabo” na imagem. Pogba é o representante daqueles que foram forçados a deixar seus países de origem como escravos ou por motivos bélicos, de vulnerabilidade social ou fatores afins, e hoje têm suas vidas negadas por quem reivindica a legítima posse do território⁴⁵, o que lhe confere a visão de uma vítima que merece o tratamento benevolente dos herdeiros de seus algozes. A imagem, então, colabora para fixar um plano de mudança identitária que permite inclusive a revisão de conceitos já petrificados. No Brasil, por exemplo, as religiões de matriz africana, apesar de estudos e movimentos significativos para sua desmarginalização, ainda encontram na massiva difusão dos preceitos judaico-cristãos, provenientes do continente europeu, uma grande barreira para serem respeitadas como garante a constituição. Comumente associado ao diabo, figura que nem sequer faz parte da crença de religiões como Candomblé e Umbanda, a entidade Exu carrega um tridente e é, em uma explicação simplória, um espírito desmaterializado que muito se aproxima das características humanas. Por isso, perdura fadado a ser visto como bom ou mau a depender das formas de estar no mundo e as narrativas culturais que se confrontam.

Valencia é o sincretismo, carrega a função de ir além do bem ou do mal; do local ou do global; sendo sua presença nessa imagem crucial para determinar a identidade de um legítimo diabo vermelho tal qual prega o novo Manchester United: um indivíduo desprovido de preconceitos, não só de gênero, mas também de raça e disposto a coibir qualquer ação de cunho racista, homo e xenofóbico. Além disso, aberto a deixar para trás os problemas do passado em

45 Paul Pogba é um dos principais jogadores da seleção Francesa campeã do mundo em 2018 que contava com jogadores nascidos ou provenientes de famílias de 17 países diferentes, em sua maioria ex-colônias francesas na África. Para aliviar as críticas racistas entre parte da população francesa, esses atletas precisaram ganhar um título de grande expressão.

prol do futuro, sem necessariamente revisá-los e modificá-los a fim de problematizar os privilégios do presente, sendo circundado ao longo do processo por investidas neoliberais que fornecem os subsídios para definir quem está apto a participar desse grupo. Em outras palavras, o Manchester United promove através de suas ações a manutenção da lógica de império traçada por Hardt e Negri (2001), de modo que seus torcedores são tratados como pessoas que não são obrigadas a estar ali e nem sequer são submetidas a coerções e constrangimentos, comportamentos tradicionais no passado imperialista de países europeus como a própria Inglaterra. Elas são, por outro lado, levadas a se convencerem de que fazer parte dessa identidade é uma grande empreitada pessoal, um item a mais que lhes distingue e possibilita a ocupação de um status cosmopolita.

4.3 GLOCALIZAÇÃO E NEOLIBERALISMO: O LUGAR DA TORCIDA.

Os estudos que estabelecem diálogos entre glocalização e neoliberalismo no futebol ainda são escassos na literatura acadêmica, no entanto, uma pesquisa etnográfica desenvolvida por Dubal (2010) permite uma aproximação entre essas temáticas, tomando como base acontecimentos da primeira década do século XXI em dois grandes centros da modalidade: a Inglaterra, assumida como o berço desse esporte; e o Brasil, país mundialmente reconhecido pela maestria com a qual assimilou sua jogabilidade e aperfeiçoou as técnicas.

O principal mote do autor em questão consiste em repensar a noção de neoliberalismo amplamente difundida pelo conceituado sociólogo David Harvey. Segundo a definição deste estudioso, o neoliberalismo apresenta características que se associam a um plano de amplitude mundial e capaz de se estabelecer como uma lógica universal. Dubal (2010), por outro lado, reivindica que particularidades dos contextos nos quais o neoliberalismo progride podem ser essenciais para sua manutenção e/ou adaptação, investindo, dessa forma, na perspectiva dos fluxos ao invés de uma organização hegemônica. Para demonstrar seu argumento, o pesquisador se inseriu em espaços nos quais houve reações às investidas dos clubes que caminham ou já se consolidaram como

empresas com fins lucrativos. O Manchester United é um dos seus alvos, enquanto o clube brasileiro Sport Club Corinthians Paulista complementa a pesquisa. Com relação ao primeiro, o foco da investigação recai sobre a famigerada venda do clube aos irmãos Glazer, assunto já discutido nesta dissertação. Coube ao autor ouvir aqueles que foram encarados como desertores: os torcedores que abdicaram de manter vínculos com o Manchester United para criar seu próprio time, o FC United de Manchester.

O clube tem um significado que transpõe a competitividade do jogo, pois almeja, sobretudo, suprir a lacuna deixada pelo seu “primo rico” desde sua guinada, com maior ênfase, para o cenário internacional. A equipe atualmente disputa a sexta divisão do campeonato inglês, o que não implica em um demérito para seus apoiadores, e entra em campo com um uniforme praticamente liso, não fosse pelo escudo, a numeração e a logomarca de seu fornecedor de material esportivo, único patrocinador com espaço garantido nas camisas do time. Alguns dos discursos progressistas propagados pelo Manchester United já estão inclusos nas pautas do FC United, mas não são exploradas por seus gestores com ações de marketing de alta amplitude. Jogadores cujos pais são imigrantes estão sendo formados nas divisões de base do clube e um time feminino, ativo desde a temporada 2012/2013, também compõe seu repertório esportivo. Ambas as características colocam em disputa a identidade que o Manchester United começa a explorar como parte do autoproclamado pioneirismo.

Um dos cantos dos torcedores do FC United traz em sua letra os seguintes dizeres: “Glazer, onde quer que você possa estar, você comprou Old Trafford, mas não pode me comprar[...] Nós não nos importamos com Rio! Ele não se importa comigo! Tudo com o que me importo é assistir o FC!” (DUBAL, 2010, p. 134, tradução nossa)⁴⁶. Esse trecho traz à tona a revolta dos torcedores do FC United com o deslumbramento associado ao poder econômico que o Manchester United atingiu, o que gerou eco sobre seus atletas como, por exemplo, o ex-zagueiro Rio Ferdinand que, à época da venda do time para os americanos, exigia um aumento salarial fora dos padrões do mercado. O FC United começa,

46 Glazer, wherever you may be, you bought Old Trafford but you can't buy me [...] We don't care about Rio! He don't care about me! All I care about is watching FC!

dessa forma, a erguer sua identidade a partir das falhas que identificou no seu antecessor e encontra nas questões de classe os motivos para tal separação. Se antes os jogadores faziam parte da comunidade e podiam ser, inclusive, nascidos e criados em Manchester, a transformação do clube em empresa e a virada rumo ao mercado global deixaram os *Mancunians* cada vez mais distantes de um dia vestirem a camisa do time da cidade. Diante do novo cenário, o elenco do Manchester United abriga mais do que atletas, sendo composto por ídolos quase intocáveis e, por consequência, distantes dos torcedores locais.

Ao considerar que o FC United abre espaço para jogadores de origem estrangeira, o que remete a uma posição de repúdio à xenofobia e ao racismo e, ao contrário do seu algoz mais famoso, já tem uma equipe feminina de futebol disputando competições nacionais, atuando, portanto, nas questões de gênero, o que impede que esse clube também se abra ao diálogo no que concerne ao público LGBTQI+? Seria a visão do torcedor que encara a parceria com a Stonewall uma “imoralidade” a opinião que predomina entre os fãs do FC United? Essas são perguntas que, embora não tenham respostas únicas e definitivas, podem encontrar fundamentação a partir do que Lopes e Hollanda (2017) identificam entre membros de torcidas organizadas no Brasil.

Os autores chamam a atenção para um fato interessante ocorrido em uma manifestação da Gaviões da Fiel, torcida organizada corinthiana, no ano de 2013. Naquela época, o Brasil vivia um momento de instabilidade que teve início com a reclamação do Movimento Passe Livre pelo aumento de 20 centavos na tarifa do transporte público rodoviário em São Paulo. Um dos protestos foi violentamente reprimido pela polícia militar, o que gerou a adesão massiva de outros grupos ideológicos ao movimento (CHARLEAUX, 2017). Para Scherer-Warren (2014), a pauta inicial em torno do preço da passagem de transportes rodoviários teve sua demanda ampliada para outras reivindicações no campo dos direitos humanos exatamente após a repressão policial. As ruas de diversas cidades, principalmente capitais, ao longo do território brasileiro viraram o cenário de manifestações com temáticas diversas. A autora destaca que, naquele momento, categorias como a dos médicos saíram as ruas em protestos contra ações do governo federal em relação à saúde. A ação desses

profissionais tomava ares corporativistas e chegou a dividir opiniões dentro da própria classe.

A perda do sentido inicial das manifestações transformou o espaço público brasileiro em um ambiente propício para parte da população (classes médias e elites) usar, de maneira oportuna, o momento para reivindicar interesses pessoais. Alegando apartidarismo, manifestantes trajando camisas da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) como forma de patriotismo, lançavam discursos de repulsa e ódio antipartidário ao governo vigente. No entanto, os vários escândalos envolvendo improbidade administrativa por parte dos dirigentes da CBF indicavam uma contradição nas reivindicações dos manifestantes no que diz respeito à luta contra o enriquecimento ilícito através de cargos em órgãos e entidades políticas. A camisa da seleção brasileira passou a ser encarada como um item de segregação nacional. A aversão ao governo de Dilma Roussef, eleita pelo Partido dos Trabalhadores, cuja cor é vermelha, e que, segundo seus opositores, embasados por teorias conspiracionistas, implantou ideais comunistas no Brasil, transformou o uniforme verde e amarelo da entidade máxima do futebol brasileiro num símbolo da identidade desse grupo. Esse processo deu suporte para a arquitetura de manobras de bastidores que culminaram no impeachment da presidente da república, à época, e acirrou a polarização política no país.

Assim, futebol, neoliberalismo e política se imbricaram ainda mais no cenário brasileiro dos últimos anos e, ainda em 2013, A Gaviões da Fiel também aproveitou o ensejo e promoveu uma reunião em vias públicas para reclamar de questões tais como preços abusivos de ingressos e horários dos jogos determinados pelo canal de televisão que detém o monopólio de transmissões. Aproveitaram também para cobrar ações punitivas contra os envolvidos num esquema de corrupção que envolvia desvio de merenda escolar no estado de São Paulo.

O Corinthians, anos antes, havia sido rebaixado para a segunda divisão do campeonato brasileiro após o fracasso de uma parceria com empresários estrangeiros. Num primeiro momento, os investidores recém-chegados injetaram um grande investimento financeiro no clube e contrataram jogadores renomados, o que rendeu ao time o título nacional de 2005. Adiante, os representantes da

Media Sports Investment (MSI) começaram a vender revelações das divisões de base corinthiana no mercado internacional e lucrar em cima disso. Todo esse processo teve a convivência do então presidente Alberto Dualib, que também se beneficiou financeiramente ao explorar as arrecadações do time ao longo dos seus 14 anos de mandato. A queda para a divisão de acesso culminou com a saída dos empresários e do dirigente. Depois de ficar apenas um ano na segunda divisão, o Corinthians retornou à elite e mudou também a forma de explorar a sua “marca”. O fracasso vivenciado a partir da abertura para o mercado global deixou a torcida dividida. Enquanto alguns vibravam por ter o argentino Carlos Tévez no comando de ataque e o seu compatriota Mascherano resguardando sua defesa, outros entendiam que a chegada de astros dessa magnitude não compensava as consequências dentro (rebaixamento ou risco dele) e fora do campo (crise financeira) que o término dessas parcerias costumeiramente tem gerado no Brasil⁴⁷.

Os líderes do movimento que pedia a saída de Dualib sugeriram que o clube investisse na construção da identidade do “cidadão corinthiano”, o que consiste em um compromisso com o time de futebol que se antepõe, inclusive, à identidade nacional: antes de ser brasileiro, o indivíduo é torcedor do Corinthians. As bases para essa argumentação se amparam exatamente no uso da imagem do time para transformar produtos comuns em mercadorias valorizadas quando associadas ao seu brasão. Logo, Dubal (2010) entende que a reconstrução do Corinthians num movimento de baixo para cima simboliza a participação direta do local na demanda global. Os torcedores, outrora prejudicados pelo neoliberalismo de investidores interessados em lucro predatório, não refutaram a ideia empreendedora ao ponto de fundarem uma nova equipe, mas valeram-se desse raciocínio para reerguer o clube de coração e fazê-lo novamente um representante do povo. A saída encontrada foi a ampliação do sistema de sócios-torcedores com a disponibilização de planos acessíveis para aproximar-se das classes mais baixas. Para o autor, também fica clara a forma como os torcedores corinthianos da Gaviões da Fiel começam a entender o Neoliberalismo por fazer associações entre situações enfrentadas

47 Outros clubes brasileiros passaram por situações parecidas como nos casos de Palmeiras/Parmalat, Flamengo/ISL, Vasco/NationsBank (FOER, 2005) e, mais recentemente, Fluminens/Unimed.

por eles e outras questões que envolvem demandas sociais mais abrangentes. Segundo um dos seus entrevistados, dentro do núcleo da torcida organizada, os torcedores conseguem encontrar a igualdade que lhes falta no cotidiano por ineficiência do estado. A Gaviões da Fiel, a partir desse relato, assume a função de uma ONG, que inclusive realiza ações de caridade, e atua deliberadamente desvinculada de poderes políticos formais.

A igualdade visualizada no testemunho do torcedor mencionado acima está muito mais próxima de uma comunidade inventada, como observa o próprio Dubal (2010). De volta ao protesto testemunhado por Lopes e Hollanda (2017), um novo acontecimento altera a análise do evento. Em determinado momento da reunião, um homem desconhecido lançou de um viaduto folhetos ondera possível ler a indagação “quem vai prender o ladrão de língua?”; essa pergunta é uma referência explícita ao protesto político que a Gaviões da Fiel também incluiu nas suas reivindicações. No entanto, a palavra que substituiu “merenda” atribuiu, como destacam os autores, um teor sexual à sátira que trazia, além dessa pergunta, a foto de um dos líderes da torcida organizada corinthiana cuja sexualidade havia sido alvo de uma discussão interna à época. As folhas foram recolhidas imediatamente pelos membros da torcida que encararam essa atitude como uma provocação. Esse relato traz de volta à baila o debate em torno das identidades de gênero e de orientação sexual. Por mais que a Gaviões da Fiel se aproxime de uma discussão social mais profunda a partir do futebol, a homossexualidade, ainda perdura como um tabu em seu núcleo e é coibida como algo problemático entre seus membros.

A dinâmica de influência/influenciação mútua entre global e local faz com que Gaviões da Fiel e torcedores do FC United se assemelhem e se diferenciem concomitantemente. Enquanto a identidade de classe os aproxima, as políticas de diversidade encontram ecos entre os ingleses no que tange ao binômio masculino/feminino, mas não são aprofundadas ao explorar outras possibilidades. No Brasil, a constante confusão entre gênero e orientação se sexual se unifica na manutenção de um cenário masculinizante dentro dos estádios. A Gaivotas da Fiel, torcida organizada corinthiana que abre espaço para questões dessa magnitude, sofre reiteradas ameaças, inclusive, de outros torcedores do clube paulista, que não admitem a conciliação entre debates

LGBTQI+, futebol e as imagens do clube e da própria torcida Gaviões da Fiel, claramente uma inspiração para o nome Gaivotas e também um símbolo de performatividade por se valer de uma paródia que repete ao mesmo tempo em que difere. O neoliberalismo, no entanto, está presente em ambos: na torcida brasileira por meio do processo já descrito de investir na identidade de cidadão corinthiano; no FC United através das campanhas desenvolvidas pelo clube em seu website para conseguir patrocinadores e doações visando a manutenção de atividades que favoreçam os moradores locais. Quando essas ações de *crowdfunding* são questionadas, um dos argumentos de defesa de seus torcedores está disposto no que Dubal colheu em suas entrevistas:

Embora o United participe em vários eventos de caridade e projetos comunitários, a maioria dos torcedores sentem que esses são gestos simbólicos usados para melhorar a imagem do United. Os projetos do FC, por outro lado, são vistos por muitos torcedores como genuinamente voltados para a inclusão social, respondendo a indisponibilidade do estado para proporcionar apoio ao bem estar de imigrantes e da classe trabalhadora à medida que abismos de riqueza aumentam no país. (2010, p. 137, tradução nossa)⁴⁸.

A fala desse torcedor, assim como o trecho do canto proliferado nas arquibancadas do FC United durante suas partidas, indica que o ponto crítico das práticas neoliberais em torno do Manchester United não são suas corriqueiras ações de caridade, o que já seria suficiente para lhe posicionar como uma instituição que age independentemente de intervenções governamentais. A grande fúria dos “desertores” reside na mudança de teor exploratório de tais atitudes, já que a comunidade tem ficado em segundo plano enquanto os novos dirigentes dos Manchester United se empenham em aprofundar relações que são lucrativas para o clube em primeiro lugar. Medidas como a da criação de uma nova camisa na cor rosa, apresentada discursivamente como uma homenagem a um clássico da imprensa local, já não seduzem os *Mancunians*. Nessa linha de pensamento, Zacchi (2016b) relembra que, no contexto da Revolução Industrial, o Fordismo oferecia apenas uma opção de cor para os carros que fabricava. Já no contexto do neoliberalismo, ressalta o autor, o que

48 Though United participates in various charity events and community projects, most fans feel that these are token gestures used to enhance United's image. FC's projects, on the other hand, are seen by many supporters to genuinely aim at social inclusion, responding to the state's unwillingness to provide welfare support to immigrants and the working class as wealth gaps in the country increase.

“há é uma superespecialização de variedades, e a questão da cor é apenas uma delas” (2016, p. 426). O novo uniforme, um item exclusivo, inédito e limitado, tem seu valor de custo acentuado por se tratar de uma peça única de coleção, segundo a lógica capitalista. Costa (2017) retoma a primeira ministra inglesa Margareth Thatcher ao mencionar a sua célebre ideia de que o pensamento neoliberal viria para causar uma transformação nas almas dos indivíduos, para atingir tal fim, é preciso redefinir a concepção de liberdade.

O pensamento em torno do que é ser livre começa a ser alterado também pela linguagem. A transformação da alma citada por Thatcher requer a mudança de práticas e performances linguísticas que podem ocorrer em situações sutis. Nos seus diálogos com torcedores do FC United, Dubal (2010) ouviu reclamações de ex-adeptos do Manchester United que se sentiam constrangidos pelos olhares reprovadores dos novos torcedores do clube quando ficavam de pé e cantavam em voz alta para incentivar seus atletas. No contexto de transformação de estádios em arenas multiuso, no qual todos assistem aos jogos em seus assentos e têm a disponibilização de uma gama de serviços ao redor, não são necessariamente apenas as ações do clube por intermédio direto de seus dirigentes que afastam parte de seus torcedores. Contribui também para isso a criação de um ambiente propício para o empoderamento de torcedores mais contidos ao demonstrarem seus sentimentos pelo time. A criação de uma atmosfera burguesa no entorno de *Old Trafford* é um fenômeno longínquo, inclusive, alvo de reclamações por parte de dois ícones da história recente do United. Giulianotti (2011) relata que o ex-comandante do clube inglês, Alex Ferguson, comparou o clima no estádio a um funeral e seu ex-capitão Roy Keane referia-se aos fãs de classe média como “torcedores de sanduíche de camarão”, uma forma irônica e crítica de se referir aos modos de torcer pouco comprometidos que têm se tornado constantes nos jogos do clube como mandante.

Entender como a liberdade chega ao ponto de sustentar o consumo neoliberal é a principal intenção de Costa (2017); para isso, a pesquisadora resgata Rousseau e as três categorias elencadas por ele. Num primeiro momento, o filósofo entende que é livre aquela pessoa capaz de lutar contra seus instintos e dominar as próprias vontades. O segundo estágio de liberdade,

para ele, adentra ao âmbito político e permite que um indivíduo não precise se submeter ao desejo de terceiros. A partir desse segundo nível, Rousseau propõe a passagem do âmbito do ser enquanto parte da natureza para o aspecto da vida civil, o que propicia o surgimento de preceitos morais norteadores das condutas humanas em prol da justiça. A conclusão da tríplice noção de liberdade proposta culmina na ascensão de um quarto preceito: agir única e exclusivamente dentro do que prevê a lei. Em uma interpretação desse raciocínio, a liberdade é um direito que passa por pré-determinações antes de chegar ao convívio social. O principal crítico da liberdade como tal foi Foucault (GALVÃO, 2014), por perceber que nessa relação o sujeito é limitado a se inserir em condições estabelecidas anteriormente.

A fim de se contrapor à liberdade pensada por Rousseau, Foucault recorre à Grécia antiga e ao “cuidado de si”. Para ele, o ser humano deixa de olhar para si próprio enquanto aplica seus esforços em outras atividades que lhe impedem de se perceber no seu meio. Após voltar-se para sua condição, esse sujeito seria capaz de retornar ao mundo e experimentar uma certa liberdade amparada em diretrizes éticas que vão sendo experimentadas num traçado de subjetividade particular (GALVÃO, 2014). A possibilidade de estabelecer uma ética pessoal é vista por Harvey (apud Zacchi 2016b) como um fator apropriado pelo neoliberalismo que proporciona a criação de um mercado capaz de direcionar as ações individuais tendo como horizonte a flexibilidade diante das variadas oportunidades que são oferecidas. Zacchi (2016b) é, no entanto, preciso ao notar que o “cuidado de si” não significa, por tabela, fechar-se para o diálogo com o exterior. O pesquisador também se vale do que pensa Yúdice (2004) para ressaltar que, no processo de gestão pessoal, o indivíduo acaba se adequando aos paradigmas disponíveis na sua sociedade. A inserção nesses modelos é, paradoxalmente, o meio pelo qual se pode confrontá-lo.

Se comparado ao que acontece com o Manchester United, a discussão acima aponta para a formação de uma clientela fiel disposta a reivindicar seus direitos, como, por exemplo, assistir ao jogo sentado, dispor de serviços de alimentação individualizado, ter acesso à rede wi-fi e, sobretudo, estar acompanhado de seus pares sem que tenha sua integridade física e seu conforto ameaçados. Baixar o preço dos ingressos desvalorizaria o indivíduo que tem

condições de pagar uma taxa maior para gozar de todos esses privilégios, é o que prega o neoliberalismo. No jogo das identidades, o clube acaba registrando, nas entrelinhas, que questões de gênero e orientação sexual, étnico-raciais, culturais, de idade entre outras possíveis, não são impedimentos para adentrar as dependências de *Old Trafford*. Por outro lado, os torcedores que migraram para o FC United sentem na pele a impossibilidade de desvincular todos esses itens de uma identidade socioeconômica, o que não lhes garante, todavia, uma clara percepção de outras exclusões que eles mesmos podem patrocinar quando se restringem a olhar para o impasse apenas por esse viés.

A fragmentação oriunda de tal disputa é típica do sujeito pós-moderno de Hall (2015). Precedido por outras duas concepções, sujeito do iluminismo e sujeito sociológico, o representante da pós-modernidade supera uma visão racionalista de mundo, centrada em uma identidade única e fixa e, posteriormente, deixa para trás o estágio em que o ser é o resultado de sua essência individual e os confrontos que trava com seu meio. Os embates entre o sujeito na sua individualidade e as referências exteriores encaminham uma série de rupturas, como explica o sociólogo:

As identidades que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades objetivas’ da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2015, p. 12).

Durante muitos anos, o Manchester United foi o “exterior” responsável por nortear adeptos do futebol naquela cidade inglesa. Na função de horizonte a seguir e ajudando na construção do caráter, o clube atribuiu sentido as vidas de muitos membros da classe operária até que suas aventuras globais enfraqueceram os elos que constituíra ao longo de anos com os torcedores locais. A decisão de formar um novo time que os representasse confere aos torcedores do FC United de Manchester uma realidade difícil de assimilar. Diferentemente dos torcedores da Gaviões da fiel, seus membros não tentaram resgatar à instituição a qual estiveram filiados durante toda a vida. O divórcio em relação ao Manchester United revela as múltiplas vias que essa escolha oferece. Não continuar a dar suporte para o “time do coração” era uma, senão a última,

opção disponível para os fãs ressentidos. Ao desvincular-se daqueles que não queriam como seus representantes, os criadores do novo clube local se valem da apropriação neoliberal do “cuidado de si” e recusam-se a serem associados com um time que explora sua imagem economicamente, negligencia sua *performance* em campo e toma decisões que divergem das opiniões da massa que o acompanha. Assim, o Manchester United ganha subsídios suficientes para reverter a interpretação dos acontecimentos e lançar sobre os seus ex-torcedores e possíveis desertores a alcunha de radicais, anti-democratas e quiçá preconceituosos – basta lembrar do *tweet* que envolveu o Bolton depois da parceria do United com a Stonewall.

O atrito criado por narrativas divergentes é o motor que conduz aos movimentos de oposição ao “negócio futebol” cujas práticas despertam sensações controversas. Sob o lema de “ódio eterno ao futebol moderno”, os Ultras começaram sua atuação na Itália e se espalharam por outras partes do planeta como contracultura da globalização. Seus membros são o exemplo mais clássico de como a gentrificação no futebol e suas derivações têm gerado grupos de resistência entre torcedores mundo afora. Ancorados num discurso que exalta o passado glorioso do esporte, quando o amor à camisa se sobressaía em detrimento aos grandes salários e transações envolvendo atletas, e os estádios abrigavam os espectadores das partidas em grandes terraços chamados de “geral” em vez de cadeiras cativas, os Ultras reforçam seus ideais também através do símbolo que escolheram para os representar: uma bola de couro semelhante as que se jogava em meados do século XX (LOPES; HOLLANDA, 2017), período em que grande parte dos seus componentes nem sequer haviam nascido.

Na linha oposta à dos Hooligans, os Ultras não vão aos jogos com o intuito de incitar e provocar atos de vandalismo, embora o lema do grupo aponte o contrário. De acordo com o que apresentam os autores supracitados, o propósito principal desses torcedores é lutar contra a comodificação do futebol e, diferentemente, do que ocorreu em Manchester, seus membros não abdicam de torcer pelos clubes que já apoiam. Em vez disso, se agrupam em coletivos facilmente identificáveis dentro dos estádios por se posicionarem sempre nos mesmos locais, geralmente atrás das balizas do gramado e incentivarem o time

durante a partida inteira com cantos e espetáculos visuais envolvendo pirotecnia, mosaicos, entre outros recursos. É na rua, no entanto, que esses grupos conseguem seus maiores êxitos. Lopes e Hollanda (2017) relembram um ato ocorrido no início da década atual que concentrou, em Berlim, cerca de 5000 torcedores de diversos times da Alemanha unificados pela bandeira dos Ultras. Naquela oportunidade, os manifestantes incluíram em suas pautas reclamações que parecem ser uníssonas, como a constante pedida pela redução de preços de ingressos. Naquele país, tanto quanto em outras ligas europeias, o neoliberalismo tem encontrado outras formas ainda mais parasitárias de fixar raízes e incomodar torcedores locais. O Bayern de Munique, time alemão de maior expressão em níveis nacional e internacional, por exemplo, rebatizou a sua arena com o nome de um patrocinador⁴⁹, de modo que as memórias das conquistas do clube em sua história futura estarão ligadas a uma empresa.

Ainda que exerça intensa influência na Bundesliga⁵⁰, a propaganda neoliberal encontra na atuação dos Ultras um sério impedimento a sua tendência monopolizante, o que torna a Alemanha uma referência para pequenos e grandes centros do futebol:

Enquanto neoliberais além-mar podem enxergar a EPL⁵¹ como um 'negócio' altamente lucrativo para se copiar, os movimentos de torcedores do Reino Unido apontam para a liga de futebol alemã na qualidade de oferecer modelos sociais inclusivos e informais que devem ser seguidos. Os estádios alemães, por exemplo, mantiveram grandes áreas para assistir aos jogos em pé e preços para lugares sentados sob controle (variando de 8.50 até o preço mais alto €40), aumentando assim o tamanho do público, a diversidade social e a atmosfera. Portanto, os clubes alemães têm em média 7000 torcedores a mais em jogos do que a EPL e inclui mais mulheres e torcedores jovens. Além do mais, os laços comunitários dos clubes alemães têm um ritmo mais profundo do que o modelo neoliberal da EPL, eles são dominados em sua maioria por sócios-torcedores em vez de investidores individuais (GIULIANOTTI, 2011, p. 17, tradução nossa).⁵²

49 A mesma empresa, não por coincidência, utilizou a mesma estratégia de marketing com o clube brasileiro Sociedade Esportiva Palmeiras.

50 Campeonato alemão da primeira divisão.

51 English Premier League.

52 While neo-liberalists overseas may view the EPL as a highly profitable 'business' to be emulated, UK fan movements point at German football's Bundesliga as offering inclusive, informal social models that should be followed. German stadia, for example, have retained large standing areas and controlled seat prices (ranging from e8.50 to the highest price €40), thereby increasing crowd sizes, social diversity and atmosphere. Thus, German clubs average 7000 more fans at games than the EPL and feature more women and young supporters.¹⁵ Moreover, the urban community ties of German clubs are deeper: pace the

Os ultras, portanto, carregam o DNA do sujeito pós-moderno. As rivalidades, que por ventura poderiam funcionar como empecilhos para ações integradas, acabam assumindo um papel essencial para que as fragmentações dos envolvidos os encaminhem a uma aproximação, ainda que temporária. Como parte da dinâmica de influência/influenciação a qual recorro constantemente para compreender os fluxos transgressores da glocalização, é possível visualizar no Brasil focos de organização coletiva que se inspiram, modificam e reorganizam o legado dos Ultras. Lopes e Hollanda (2017) traçam um paralelo entre as torcidas organizadas e as fundações que mesclam apoiadores de clubes diversos integrados em prol de causas que superam a importância do jogo. Conscientes de que o futebol emula conflitos e negociações pertinentes a outros cenários da vida diária, os torcedores organizados em coletivos encontram barreiras para ganhar força nos estádios – sua maior atuação é nas redes sociais e em reuniões feitas fora do recinto futebolístico – diante dos interesses das torcidas organizadas. De modo geral, já se faz nítido que, em núcleos como o da Gaviões da Fiel, por mais que as questões de classe sejam bem-vindas, as discussões em torno de outras identidades, também negligenciadas e colocadas à margem no cotidiano, têm pouca aceitação. Menções a elementos de cunho sociocultural tendem a ser consideradas pautas políticas entre essas torcidas, o que coloca em risco a sua identidade com traços messiânicos: o clube acima de tudo, a independência em relação a representantes fora de seu núcleo (o que permite um passe livre para criticar dirigentes e autoridades⁵³), e hierarquias muito bem definidas por cargos administrativos.

O ponto crítico desse duelo reside na contradição do que diz Dubal (2010) ao afirmar que, nas torcidas organizadas, é possível se conquistar a igualdade ainda distante no dia a dia, ao passo que uma organização interna menos verticalizada não faz parte da configuração desses espaços. Ao negar medidas

EPL neo-liberal model, they are majority-owned by member-supporters rather than by individual investors.

53 Essa característica faz com que as torcidas organizadas sejam usadas em muitas oportunidades como massa de manobra para pressionar diretores e atletas em momentos de crise administrativa recebendo incentivos financeiros de membros de chapas de oposição.

que visem o enfrentamento das exclusões no que tange às identidades de gênero, a Gaviões da Fiel fornece subsídios para se questionar o que é entendido por seus afiliados como “interesses políticos”. O assunto ganha ainda mais vazão ao se revisar o passado do Corinthians e percebê-lo como um time que levou aos estádios, através de líderes como Sócrates, a defesa pelo fim da ditadura militar e retorno da democracia ao Brasil na década de 1980 (OLIVEIRA, 2018). O fenômeno aqui presente faz lembrar a menção ao *Englishness* trazida por Hall, o surgimento de uma identidade inglesa legítima:

O fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros de grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas. [...] Isso frequentemente está baseado no que chamei de ‘racismo cultural’ e é evidente, atualmente, em partidos políticos legais, tanto de direita quanto de esquerda, e em movimentos políticos extremistas em toda a Europa Ocidental (2016, p. 85).

Não só na Europa Ocidental se apresentam as reações descritas pelo sociólogo citado. A adoção da camisa da CBF, citada anteriormente, como um símbolo nacionalista é um dos marcos que inauguram no Brasil uma guinada em retomada de um pensamento conservador radical que reage de maneira hostil à chegada de imigrantes oriundos de partes do globo que gozam de menor prestígio entre as elites sociais, além de intimidar e ameaçar outros grupos marginalizados (população negra, moradores de áreas periféricas, pobres e pessoas com alinhamentos político-ideológicos opostos e/ou divergentes em relação aos grupos dominantes). Diante das imbricações que assemelham o futebol a outros aspectos da vida em sociedades, é isso que mostram tanto a Gaviões da Fiel como os próprios dissidentes do Manchester United que encaminharam a criação do FC United de Manchester. Hall (2015) observa ainda que, na contrarreação a essa identidade, grupos com demandas divergentes acabam se aproximando para enfrentar um adversário em comum. Assim, os coletivos que surgem no Brasil geram alianças que permitem a ascensão de novas identidades e um movimento semelhante emerge diante da abertura do Manchester United para as identidades de gênero. Gaviões da Fiel e FC United, amparados em anseios clássicos de atuar em prol do desenvolvimento local, não corroboram as ideias que são lançadas por esses grupos e tendem a cair no ostracismo por não alinharem sua linguagem às demandas da época. É nítido,

perceber, no entanto, que dentro desse fluxo identitário, o neoliberalismo dita o que é aceitável e o que não é condizente com o comportamento do sujeito que deseja pertencer e participar do espetáculo de maneira integral. Perder algum detalhe pode acarretar danos para o empreendedor de si.

Mais uma vez emerge da Alemanha um ponto de referência para entender as idas e vindas que perpassam a relação futebol/ identidades / neoliberalismo. Um clube da cidade portuária de Hamburgo chamado FC St. Pauli é, globalmente, reconhecido na atualidade como um time de futebol que abdica de se associar a qualquer instituição partidária, mas entende política como um fazer cidadão. Amparado na identidade de ser uma equipe que representa sua população e os interesses locais, a entidade tem seu nome associado a um bairro do município onde está sediado. Entre as suas pautas estão o combate à homofobia, ao fascismo, o sexismo e o rascismo. Se hoje não há questionamentos em torno das convicções que tanto o clube como aqueles que se alinham a ele defendem, o passado do FC St. Pauli remete ao flerte com o nazismo e a burguesia. Como, então, a equipe conseguiu mudar de patamar e vincular sua imagem a ideias contraditórias ao seu *status* anterior? A mudança se aproxima, em partes, do que propõe o Manchester United. Para que uma virada de pensamento pudesse ganhar eco no entorno de Millerntor, seu estádio, um novo público precisou ocupar seus espaços.

As investigações de Davidson (2014) confirmam a adesão do FC St. Pauli às práticas de exclusão de judeus durante o governo de Hitler. No entanto, o autor destaca que, embora alguns dos integrantes do time (jogadores e dirigentes) fossem realmente adeptos do nazismo, não há registros de que o clube fosse ideologicamente ligado ao regime, de modo que a exclusão de judeus de suas dependências estava muito mais ligada ao cumprimento de exigências por parte da Federação Alemã de Futebol (DFB). Na linha oposta ao histórico do United, seus torcedores eram naquele momento representantes da burguesia, mas seu percurso tomou outro rumo após o fim da segunda guerra mundial e uma crise financeira que levou a Alemanha ao estado de recessão. O autor ressalva que as classes já bem estabelecidas conseguiram reagir bem ao colapso da economia.

Entretanto, os jovens prestes a iniciar suas carreiras encontraram grandes dificuldades para sobreviver em um país onde as oportunidades eram raras. Áreas do distrito de St. Pauli, repletas de espaços abandonados devido ao intenso movimento de chegadas e partidas no porto de Hamburgo, viraram alvo do emergente fenômeno punk que dava sentido aos adolescentes desamparados pelo Estado. O clube de futebol daquela região não gozava da sua melhor fase dentro dos gramados, porém oferecia aos novos moradores uma opção de lazer regado a bebidas alcóolicas e à companhia de amigos.

A presença de punks no estádio não incomodava os diretores do clube, uma vez que a ausência de público nas suas partidas começava a ser suprida pela presença de jovens que entoavam nas arquibancadas cantos nos quais se afirmavam politicamente e demonstravam seu amor pelo time – “Fascismo nunca mais! Guerra nunca mais! Terceira divisão nunca mais! [...] Quem são os ratos traidores? Os sociais democratas! De quem é a traição que nunca veremos? Certamente a do St. Pauli”⁵⁴ (DAVIDSON, 2014, p. 81, tradução nossa). A presença dos punks e suas menções à anarquia começaram a despertar os interesses de intelectuais, até então alheios ao futebol por considerá-lo um braço da religião visto pela ótica marxista como ópio do povo. Aos poucos, não só o time de futebol, mas também todo o distrito de St. Pauli teve sua ambiência transformada, muito embora o processo não tenha ocorrido de maneira pacífica. Os estádios de futebol eram explorados por *skinheads* munidos de heranças nostálgicas do nazismo e decididos a explorar os momentos de incerteza alemã com promessas de alento aos jovens. No lado externo de Millerntor, a polícia invadia os prédios ocupados por aqueles que buscavam em St. Pauli um recomeço e forçavam sua retirada com batidas violentas nas quais os pertences dos moradores eram destruídos. Davidson (2014) observa que a ação truculenta dos policiais mobilizou a população que foi às ruas em crescentes protestos que exigiam o fim da ação bruta dos oficiais. As manifestações ganharam eco, cruzaram as fronteiras alemãs e ressoaram nas realidades locais de países como Holanda e Dinamarca.

54 Never again fascism! Never again war! Never again the third division! [...] who are the betraying rats? Social Democrats! Whose betrayal will we never see? Surely it is St. Pauli.

A pressão popular encaminhou, não sem revelias, a negociação entre estado e manifestantes, resultando em acordos entre as partes para evitar despejos arbitrários. Ao colocar St. Pauli no mapa do mundo, os punks atraíram também os olhares das empresas imobiliárias que viam no distrito a possibilidade de expansão dos seus negócios. A gentrificação do bairro se tornou inevitável e atingiu também o time. Em 2002, após o clube quase declarar falência, a “marca” St. Pauli e o *Totenkopf*⁵⁵ passaram a ser comercializadas em produtos licenciados disponíveis para venda na loja do time. Essa atitude por parte dos dirigentes se opõe à conduta anticosumista de seus torcedores que também presenciaram a venda de espaços no estádio para patrocinadores e empresas, inclusive, do ramo de entretenimento adulto (DANIEL; KASSIMERIS, 2013). Em repúdio à comodificação do clube e de seu local de jogo, um coletivo de torcedores iniciou um movimento chamado *Sozialromantiker*⁵⁶ cujo símbolo é o *Totenkopf* em uma bandeira com o fundo vermelho, ao contrário da anterior que tinha uma moldura preta. Um manifesto escrito por eles também foi lançado para demonstrar a insatisfação da torcida com os rumos que a diretoria passou a adotar para o St. Pauli (SANKT PAULI NU, 2011). No documento, os torcedores se mostram conscientes de que uma renda financeira é necessária para a manutenção de um time de futebol, mas deixam claro que no outro extremo das bases que sustentam o clube alemão estão os ideais e valores que eles buscam fortalecer em Millerntor. O equilíbrio entre esses dois pilares é o que mantém a identidade do time e, em face das investidas neoliberais as quais seus administradores se renderam, os fãs reivindicam a manutenção daquilo que levou o St. Pauli a ser reconhecido mundialmente como um símbolo de resistência ao *establishment*.

Alguns anos após a inserção do St. Pauli no mercado global, o distrito alemão foi sede de um evento esportivo chamado The Wild Cup (PULHAM, 2006). Naquela oportunidade, a copa do mundo da FIFA estava prestes a acontecer no país germânico e trazia consigo toda a atmosfera neoliberal que

55 O St. Pauli adotou, a partir dos seus torcedores anarquistas, a bandeira dos piratas como seu mascote. Nela, o Totenkopf, crânio humano com ossos cruzados em formato de espadas, aparece disposto ao centro de um fundo preto. Esse símbolo remete tanto à origem portuária do clube, lugar propício para saques de piratas, e também à história dos punks que ocuparam os prédios desocupados do distrito mesmo sem autorização estatal.

56 Românticos sociais, quando traduzido para o português.

esse evento carrega. Como uma forma de rebater o evento de magnitude internacional, a Wild Cup propunha a reunião de alguns territórios não-reconhecidos por grandes potências mundiais e, conseqüentemente, excluídas do quadro de representantes da entidade máxima do futebol. Realizada com o patrocínio de uma empresa de apostas que cobriu os jogos em transmissões *online*, o torneio alternativo contava com a participação de Gilbratar, Groelândia, Tibete, Zanzibar e Chipre. Daniel e Kassimeris (2013) informam que o principado de Mônaco também foi convidado para o evento, porém não pôde participar, deixando uma lacuna a ser preenchida pela organização do campeonato. Por ter um número ímpar de competidores, a formação de dois grupos distintos se tornava inviável. Os anfitriões então criaram a República de St. Pauli, um time formado por atletas do elenco não-principal do clube homônimo, e realizaram os jogos como uma afronta aos atos de negligência de instituições internacionais diante dos conflitos políticos que permeiam o esporte. O período escolhido para o acontecimento das partidas denota uma tentativa de manutenção da identidade que os moradores do distrito ajudaram a erguer em época de políticas de austeridade e repressão de manifestações populares. As exigências dos Sozialromantiker para o reconhecimento de seu papel na construção de um time que sobrevive, apesar do fraco desempenho em campo, se ampara em boicotes e na negociação direta com os dirigentes para que as ações presentes, envolvendo o nome da equipe se sustentem através de um diálogo coerente com o legado e a memória recente de seus cidadãos/torcedores.

Assim como o Manchester United, o FC. St. Pauli não se fecha ao mundo externo e combate ideais discriminatórios de gênero, raça, etnia além de se opor drasticamente a valores neonazifascistas. O que difere ambos, por outro lado, é o que o torcedor do FC United trouxe à tona no depoimento dado a Dubal (2010): o Manchester United legisla em causa própria e uma mudança significativa dessa identidade é algo pouco provável diante dos caminhos que o clube tem traçado. Bem distante dos filhos da nação corinthiana, os românticos de St. Pauli não aceitam nenhum tipo de reconciliação quando seus ideais estão envolvidos. Diferentemente dos adeptos do FC United, eles não se veem apartados do clube que amam. Entre a paz e a indiferença, escolheram o conflito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, não tenho por intenção me desvincular do meu espaço para emergir no terreno de uma realidade fisicamente distante da minha. Na verdade, como friso ao longo das páginas anteriores, me debruço sobre as particularidades de um clube que, num contexto de globalização, transgride fronteiras. Nesse mesmo raciocínio, o Manchester United não só estende pontes como também é responsável por criar barreiras. Na posição de clube a ser copiado, o gigante inglês pode ampliar seu repertório de atuação e, implicitamente, exigir que seus pares locais e mundo afora se adaptem às empreitadas, investidas e quiçá modismos nos quais se engaja.

Ao longo da dissertação, demonstro como o clube se modificou e busca afirmar uma nova identidade sempre recorrendo à manutenção de uma boa imagem aos olhos sociais, mas, dessa mesma forma, torno lúcida suas intenções neoliberais e analiso como essa agenda é capaz de gerar exclusões ainda que se ampare em discursos que seguem uma lógica inversa. Não almejo aqui fazer uma avaliação simplória da equipe como uma instituição que domina a arte da segregação e, portanto, é dotada para o mal. Não são análises dessa magnitude que proponho com o presente texto. É inegável, no entanto, retomar a visão acerca do time mais rico do mundo como uma empresa muito bem estabelecida na modalidade futebol e que ainda angaria saltos maiores no contexto esportivo como um todo. A partir do momento em que expande sua atuação para além dos campos de futebol, o Manchester United abdica de carregar consigo uma identidade de classe que fez parte da sua história inicial. Ao selar uma parceria com a *Stonewall*, o aparente engajamento com políticas de diversidade também não se sustenta. A união entre ambas as instituições se assemelha muito mais a um trampolim mútuo, uma oportunidade de unir projetos em comum em que cada um, com seus objetivos específicos, se coloca em evidência naquilo que lhe diz respeito.

Num contexto neoliberal em que tudo vira mercadoria, se inserir em políticas de gênero é, para o Manchester United, uma forma de estar em consonância com discursos que circundam os debates progressistas. Em contrapartida, nem todas as pessoas estão dispostas a corroborar campanhas que visam combater a homo, lesbo, bi, transfobia; o torcedor que em seu Twitter

ameaça torcer pelo rival Bolton e foi rechaçado, não só pelo Manchester United, mas também pelo próprio oponente, é um exemplo do que pode acontecer a quem se manifesta contra a união entre o clube e a ONG autoproclamada LGBT. No entanto, os fundadores e adeptos do FC United of Manchester não, necessariamente, englobam esse grupo, mas também foram deixados à margem na era Glazer. Esse é um fato que requer muita atenção por parte, principalmente, de quem abraça campanhas dessa magnitude. A ampliação dos debates em torno das identidades pode, por um lado, dar visibilidade a discussões de gênero, raciais, étnicas, linguísticas (que perpassam todas elas), entre outras, mas, quando desenvolvidas por companhias e corporações, tendem a anular questões de classe. Suprimir uma dessas categorias para elevar as demais pode levar a uma assimilação desigual do grau de importância que todas representam no equilíbrio de ações que visam a justiça social o invés da boa ação, assim como esperar que tal justiça seja liderada por essas empresas é uma concepção ingênua a ser evitada.

Se, no caso Manchester United, o neoliberalismo já se encontra em um estágio avançado de funcionamento e transcende os limites do gramado, no Brasil, os principais times de futebol ainda encontram no esporte em si seu grande trunfo. O Clube de Regatas do Flamengo, por exemplo, passou por diversos problemas financeiros frutos de más gestões nas últimas duas décadas. Em contrapartida, tem sido, em anos recentes, modelo para outros times da primeira divisão do campeonato brasileiro por ter se reestabelecido economicamente e apresentar grande potencial de compra de jogadores no mercado nacional e sul-americano, além de um radar de oportunidades de contratações no contexto global. No entanto, todo esse poderio não tem se convertido em desempenho capaz de trazer títulos ao clube, o que torna seus torcedores alvos de brincadeiras e galhofas dos adversários. Em situação parecida com a do clube carioca, no que concerne ao *status* financeiro, a Sociedade Esportiva Palmeiras, que inclusive esteve na segunda divisão do futebol nacional em 2014, é hoje o clube em situação mais confortável no Brasil. Munido pelo poder aquisitivo de seu patrocinador, o Palmeiras não é um clube/empresa como o Manchester United, mas sim um clube mantido por uma empresa. A investidora, que injeta dinheiro na formação de um plantel invejável,

alega ser uma aficionada pelo time, como na época em que o Manchester United era sustentado por comerciantes locais, mas também não esconde seu interesse em se tornar dirigente do time paulista em um futuro breve, o que pode vincular ainda mais as ações de marketing de suas empresas à imagem da equipe. Todo o capital investido por ela até aqui tem despertado, inclusive, discussões sobre *fair play* financeiro no futebol brasileiro. A prática já é adotada na Europa e limita a quantia que pode ser gasta por cada time nas janelas de transferência, a fim de impedir disparidades de grande proporção na formação dos elencos.

Ao olhar por essa ótica, uma intervenção desse tipo se assemelharia à crítica que Butler faz quando diz que o uso da lei para coibir aquilo que se quer combater acaba retomando o caráter de interdição, impedindo que clubes como o Palmeiras usufruam de todo o poder econômico que dispõem. É óbvio que essa comparação merece suas ressalvas, afinal, estou falando aqui de intervir na realidade de um clube, o que ativa imediatamente o discurso neoliberal que suplanta aos poucos uma preocupação coletiva para desenvolver as potencialidades individuais. No entanto, se trouxer da filósofa norte-americana a ideia de lançar sobre as relações sociais - e o futebol é uma delas - um olhar *queer*, é possível perceber que os clubes de menor porte, os mais prejudicados na ausência do *fair play* financeiro, têm encontrado meios de resistir, com todas as limitações imagináveis, ao abismo que os separa dos times cujas camisas carregam maior peso historicamente falando. Das quatro equipes do nordeste que estarão na primeira divisão nacional em 2019, por exemplo, três (CSA - AL, Fortaleza - CE, Bahia - BA) romperam com as empresas que lhes forneciam materiais esportivos e agora investem em uma marca própria, diretamente integrada ao programa de sócios-torcedores, para aumentar suas arrecadações. Os rivais Atlético - PR e Coritiba - PR entraram em acordo para transmitir as finais do campeonato estadual de 2017 via internet, desafiando o monopólio da TV Globo nas transmissões dos jogos e obtendo um lucro maior com essa iniciativa.

Ambos os casos mencionados acima mostram como times sem tanto apelo midiático acabam explorando as próprias condutas neoliberais para sobreviver. Para isso, todavia, precisam do engajamento maciço dos clientes/torcedores, o que ressalta a consolidação desse fenômeno como um

movimento, sobretudo, da linguagem: é preciso convencer os indivíduos a adotarem ao estilo de vida que o neoliberalismo proporciona. Em contrapartida, é através dessa mesma observação que se faz notável o papel de protagonismo que o público consumidor de futebol pode exercer na problematização das ações que vão sendo normalizadas nos cenários em que as partidas ocorrem. Nesse sentido, identifico também a importância de trabalhos como este, que se propõem a lançar contradiscursos em relação às ações que vão sendo normalizadas pelo neoliberalismo - como no caso da gentrificação, sobre a qual me debrucei no corpo deste trabalho, e os valores exorbitantes pagos em transferências e salários de atletas/ mercadorias, por exemplo.

É perceptível que, ao fazer o deslocamento para o meu local, a identidade de gênero fica em segundo plano. Ao contrário da Inglaterra, onde não só o Manchester United tem divulgado a associação com a campanha *Rainbow Laces*, no Brasil, as ações visando a diversidade por parte de clubes e entidades ligadas ao futebol são ainda muito raras. Relações de dependência financeira em relação a órgãos governamentais podem ser visualizadas como um dos fatores que impedem uma participação maciça dessas entidades em políticas de gênero que exijam de seus dirigentes posicionamentos firmes e consistentes. Tendo em vista a ascensão de pensamentos conservadores, descrito na subseção 4.3, e a emergência de governantes que proliferam discursos abertamente homo/bi/transfóbicos assumindo cargos do alto-escalão nacional, o ato de assumir uma agenda engajada com ações de gênero pode resultar em prejuízos econômicos aos grandes clubes do cenário nacional.

Diante dessa afirmação, o caráter neoliberal da união entre o clube inglês e a *Stonewall* parece até ser elevado a um grau maior de relevância. Seria um erro, em contrapartida, não destacar a ação dos coletivos independentes, mencionadas na seção 3 deste trabalho, que surgem com o propósito de questionar as exclusões e normatizações de gênero nessa modalidade esportiva, assim como aqueles grupos de torcidas organizadas que já estão há anos lançando nos estádios de futebol e seus espaços adjacentes problematizações que se ampliam para além do jogo e colocam o respeito à diferença no centro da disputa.

As *performances* do Manchester United têm encaminhado o clube para uma ressignificação da identidade que um dia já assumiu. É possível que, ao longo do tempo, a imagem que o clube reivindica para si se estabilize de uma maneira que as gerações futuras comecem a pensar que o engajamento do clube para com as questões de gênero sempre foi uma realidade. Além disso, um dos efeitos da globalização no futebol é a criação de ídolos sem bandeiras. A contratação de atletas de sucesso internacional, aliada a um discurso que conquiste o público consumidor da época, abre vários caminhos de lucro para o time. No passado, o contexto em que estava inserido lhe associava a uma identidade de classe e nacional muito bem definidas; na atualidade, essa roupagem já não lhe serve e constitui uma legião de torcedores órfãos. Se já não é mais uma novidade que o diálogo entre futebol e sociedade é pertinente, performatividade e neoliberalismo são dois jogadores que exigem a titularidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Pedro. **Futebol, identidade e resistência no século XXI: a política de governação do Athletic de Bilbao**. VIII congresso português de sociologia. Évora, 2015a.

_____. Futebol, mercantilismo e identidade no século XXI: hegemonia e contra-hegemonia. **Fórum Sociológico**, n.26, dez. 2015b.

ARNOLD, Richard. United partner with LGBT inclusion charity In: MANCHESTER UNITED. United partner with LGBT inclusion charity. 2017. Disponível em: <<http://www.manutd.com/en/News-And-Features/Club-News/2017/Mar/Manchester-United-becomes-first-club-officially-to-support-Stonewall-charity.aspx>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes médicas, 1990.

AZEVEDO, Rogério Tenório de Azevedo. **Identidade de gênero, futebol e videogames**. 2014. 105f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

BAJOIT, Guy. **Tudo muda**: proposta teórica e análise da mudança sociocultural nas sociedades contemporâneas. Injuí: Unijuí, 2006.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades no estádio de futebol. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 44, maio/ago. 2010.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, ano XIV, n. 29, 2º Semestre, 2013, p. 246-270, ISSN 1981-478X, 2013.

BARROS, José D'Assunção. Igualdade, desigualdade e diferença: contribuições para uma abordagem semiótica das três noções. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 199-218, 2006.

_____. **Igualdade e diferença**: construções históricas e imaginárias em torno da desigualdade humana. Petrópolis: Vozes, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Zahar: Rio de Janeiro, 1999.

BBC, **Ranking dos 30 clubes mais ricos do mundo tem 14 ingleses e nenhum brasileiro**. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-42783303>. Acesso em: 28 abr. 2018.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BOLAÑOS, César. (org.). **Comunicação e a crítica da economia política: perspectivas teóricas e epistemológicas**. São Cristóvão: Editoria UFS, 2008.

BOULTON, George. **What is the rainbow lace campaign, why are the players wearing them and where can you buy them?**. 2017. Disponível em: <https://www.thesun.co.uk/sport/football/premierleague/2269576/rainbow-lace-campaign-premier-league-lgbt/>. Acesso em: 28 abr. 2018.

BRICK, C. Can't live with them, can't live without them: reflections on Manchester United. In: ARMSTRONG, G.; GIULIANOT, R. (orgs.). **Fear and loathing in world football**. Oxford: Berg, 2001.

BROWN, Gavin. Pensando além da homonormatividade: explorações performativas de economias gays diversificadas. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, 2013.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter: on the discursive limits of 'sex'**. New York, Routledge, 1993.

_____. **Excitable speech: a politics of the performative**. New York: Routledge, 1997.

_____. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"**. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Desdiagnosticando o gênero. Tradução de André Rios. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 19 [1]: 95-126, 2009.

_____. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Civilização brasileira: Rio de Janeiro, 2017.

BUTLER, Judith; SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Who sings the nation-state?** Language, politics, belonging. New York: Seagull Books, 2007.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; RABAY, Gloria; BRABO, Tania Suely Antonelli Marcelinho et al. **Direitos humanos das mulheres e das pessoas LGBTQI: inclusão da perspectiva da diversidade sexual e de gênero na educação e na formação docente**. João Pessoa: Editora UFPB, 2016.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 2.ed. Tradução de Roneide V. Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade: a era da informação**. 9.ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2018.

CHARLEAUX, João Paulo. O que foram, afinal, as jornadas de junho de 2013 e no que elas deram. **Nexo Jornal**, 2017. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/17/O-que-foram-afinal-as-Jornadas-de-Junho-de-2013.-E-no-que-elas-deram?fbclid=IwAR1PNEtmD7BSkaWXjJhei7MQjm_eE5FGHxIHcog5uL7PgWAvPZue2uiUH9M. Acesso em: 20 dez. 2018.

COLLIN, Françoise. **Textualidade da liberação**: Liberdade do texto. Estudos feministas, nº especial, Rio de Janeiro, outubro 1994, pp.142-150.

CONTINENTINO, Ana Maria Amado. **A Alteridade no pensamento de Jacques Derrida**: Escritura, Meio-Luto, Aporia. 2006. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

COSTA, Marta Nunes da. (Des)Construindo o sujeito neoliberal a partir de Foucault. **Veritas**, Revista de Filosofia da PUCRS, Porto Alegre, v. 62, n. 2, maio-ago. 2017.

DAVIDSON. **Pirates, punks & politics**. Sports Books, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1997.

DERRIDA, Jacques. **Limited Inc**, trans. Chicago: Chicago University Press, 1988.

_____. **Of grammatology**. Baltimore: Johns hopikins, 1997.

_____. **Negotiations**, trans. Stanford: Stanford, University Press, 2002.

DUBAL, Sam. The neoliberalization of football: Rethinking neoliberalism through the commercialization of the beautiful game. **International Review for the Sociology of Sport**, n.45, v.2, 2010.

EDENSOR, Tim; MILLINGTON, Steve. 'This is Our City': branding football and local Embeddedness. **Global Networks**, n.8, v.2, 2008.

EXTRA. Copa 2014: jogador do México defende grito da torcida que está sendo investigado pela FIFA. 2014. Disponível em: <https://extra.globo.com/esporte/copa-2014/copa-2014-jogador-do-mexico-defende-grito-da-torcida-que-esta-sendo-investigado-pela-fifa-12958771.html>. Acesso em: 20 abr. 2018.

FAVERO, Paulo Miranda. **Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização no futebol**. 2009. 117f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo**: um olhar inesperado sobre a globalização. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque, J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Graal: Rio de Janeiro, 1988.

GALVÃO, Bruno Abílio. **A ética em Michel Foucault**: do cuidado de si à estética da existência. **Intuitio**, Porto Alegre, n.1, v.7, jun. 2014.

GERCHMANN, Leo. **Coligay**: tricolor e todas as cores. Porto Alegre: Libretos, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIULIANOTTI, Richard. **Sport Mega Events, Urban Football Carnivals and Securitised Commodification**: The Case of the English Premier League. *Urban Studies*, 48:15, 2011.

GONÇALVES, Mariana Barbosa. **As personagens LGBTQ+ no universo das novelas de Aguinaldo Silva**: autoria e representação em três décadas de TV. 2018. 213f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Ouro Preto.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 12.ed. Rio de Janeiro: Lamparina. 2015.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HOBBSAWN, Eric. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

JORDÃO, Clarissa Menezes. **ILA - ILF - ILE - ILG**: quem dá conta?. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 14, p. 13-40, 2014.

KOHLER, David. Kohler deal is a huge moment. 2018. Disponível em: <https://www.manutd.com/en/search?q=kohler&tbm=all>. Acesso em: 30 dez. 2018.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images**: the grammar of visual design. 2.ed. Routledg: Estados Unidos; Canadá, 2006

KRESS, Gunther. **Multiliteracies in the new media age**. New York; London: Routledge, 2003.

LAMBOURNE, Jake. **Pretty in Pink**: Manchester United set to unveil first pink kit next week in homage to local newspaper. 2018. Disponível em: <https://www.thesun.co.uk/sport/football/7090511/manchester-united-pink-kit-football-pink-newspaper/>. Acesso em: 30 dez. 2018.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. **New literacies**: Changing knowledge and classroom learning. UK: Open University, 2005.

_____. **New literacies**: everyday practices and classroom learning. 2. ed. UK: Open University Press, 2006.

LEONCINI, Marvio Pereira. **Entendendo o negócio futebol**: um estudo sobre a transformação do modelo de gestão estratégica nos clubes de futebol. 2001. 168f. Tese (doutorado) – Escola politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LIMA, Luiz Henrique Magnani Xavier de. **Isto não é só um jogo**: videogames e construção de sentidos. 2014. 299f. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LOPES, Carlos Renato. **Complexidade, diferença e genealogia**: para uma educação como conflito. In: CARMAGNANI, A M. G. & GRIGOLETTO, M. (org.). Língua, discurso e processos de subjetivação na contemporaneidade. São Paulo: Humanitas, 2013, p. 163-186.

LOPES, Felipe Tavares Paes; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **“Ódio eterno ao futebol moderno”**: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. Tempo, n.2, v.24, Niteroi, mai./ago. 2017.

LOXLEY, James. **Performativity**. Nova York: Routledge, 2007.

MANCHESTER EVENING NEWS. Bolton Wanderers' perfect response to homophobic United fan on Twitter. 2017. Disponível em: <https://www.manchestereveningnews.co.uk/sport/football/football-news/bolton-wanderers-perfect-response-homophobic-12711575?fbclid=IwAR1dWN1c2U4kjDBTY6XXGbZwFYJYmYIFI-WrKq-vqTiwkJ6eqhu7Hg7eDp0>. Acesso em: 30 dez. 2018.

MANCHESTER UNITED, United partner with LGBT inclusion charity. 2017. Disponível em: <<http://www.manutd.com/en/News-And-Features/Club-News/2017/Mar/Manchester-United-becomes-first-club-officially-to-support-Stonewall-charity.aspx>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

MATOS, Marcos Paulo Santa Rosa. Palavra, ação e intenção: o confronto pós-austiniano entre Derrida e Searle. **Revista PROMETEUS**, ano 10, n. 24, 2017.

MENESES, R. D. B. A desconstrução em Jacques Derrida: o que é e o que não é pela estratégia. **Universitas Philosophicas** 60, ano 30, Bogotá, 2013.

MENEZES DE SOUZA, L. M. Para uma definição de letramento crítico: conflito e produção de significação. In: MACIEL, R.F.; ARAUJO, V. A. **Formação de professores de línguas**: ampliando perspectivas. Jundiaí: Paco Editorial, 2011, p. 128-140.

MEYER, David S. Protest and political opportunities. **Annu. Rev. Sociol.** First published online as a Review in Advance on February 10, 2004.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer**: um aprendizado pela diferença. 2. ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2016.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Gênero, sexualidade e raça em contextos de letramentos escolares**. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo. (Org.). Linguística aplicada na modernidade Recente. Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013, p. 227-248.

_____. **Introdução**: uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: _____. Por uma linguística aplicada indisciplinar. Parábola: São Paulo, 2014.

MONTE MOR, W. 'Multi', 'Trans' e 'Plural': discutindo paradigmas. In: TAKAKI, Nara Hiroko (org.). **Letramentos em terra de Paulo Freire**. 3. ed. ampl. Campinas-SP: Pontes Editores, 2017. (Prefácio, Pós-facio/Prefácio).

OLIVEIRA, Jonas Jandson Alves. **Letramento visual, produção escrita e língua inglesa**: se fala sobre tudo na aula, até inglês!. Conexões, ciência e tecnologia, Fortaleza/CE, v.12, n. 2, p. 28 - 34, nov. 2018.

OLIVEIRA, Pedro Muxfeldt. **A modernização pela metade do futebol brasileiro**: gentrificação e ataque à cultura torcedora. 2015. 49f. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

OTTONI, Paulo. **Visão performativa da linguagem**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

PENNYCOOK, Alastair. **Performativity and language studies**. Critical inquiry in language studies: an international journal, 1(1), 2004, p. 1-19.

_____. **Global Englishes and transcultural flows**. Nova York: Routledge, 2009.

_____. **Uma linguística aplicada transgressiva**. In: MOITA LOPES, L. P. (org.) Por uma linguística aplicada indisciplinar. Parábola: São Paulo, 2014. p. 67-84.

PEREIRA, Maria do Mar. Fronteiras negociáveis: analisar o gênero numa perspectiva performativa. In: _____. **Fazendo gênero no recreio: a negociação do gênero em espaço escolar**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

PINTO, Mauricio Rodrigues. **As torcidas queer em campo: a emergência de grupos que questionam a homofobia e o machismo no futebol**. Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Belo Horizonte, v. 1, n. 2, 2014, p.105-116.

_____. **Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários, ao machismo e à homofobia no futebol**. 2017. 128f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo.

PINTO, Mauricio Rodrigues; ALMEIDA, Marco Bettine. As torcidas *queer* em campo: a emergência de grupos que questionam a homofobia e o machismo no futebol. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 105-116, 2014.

PRONI, Marcelo Weishaupt; LIBANIO, João Pedro Marchiore. O futebol brasileiro na Bolsa de Valores?. **Texto para Discussão**. Unicamp. IE, Campinas, n. 274, jun. 2016.

PULHAM, Sheila. The Wild Cup. 2006. Disponível em: https://www.theguardian.com/football/worldcup2006blog/2006/jun/05/thewildcup?fbclid=IwAR3luWtux_JSbvCnEBJyAOVCd6DCjLEEDKXsJP2y2s5Nd8msVswWZgzeYFQ. Acesso em: 30 dez. 2018.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

SANTOS, Irlan Simões. O futuro da torcida: midiatização, mercantilização do futebol e resistência torcedora. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, nov. 2015.

SANKT PAULI NU. What this “Sozialromantiker”- Protest and “Jolly Rouge”- Stuff is all about. 2011. Disponível em: <https://www.stpaulinu.de/international-st-pauli/what-this-sozialromantiker-protest-and-jolly-rouge-stuff-is-all-about?fbclid=IwAR3eHpvY6puv6y4cAEtMB1DO4aYvzXv-sSblS3zHNHeFNZxDXEv6qYB9Mjl>. Acesso em: 30 dez. 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000, 133p.

SKY SPORTS. Rainbow Laces wins Campaign of the Year at Sport Industry Awards. 2018. Disponível em: <http://www.skysports.com/football/news/11095/11348254/rainbow-laces-wins-campaign-of-the-year-at-sport-industry-awards>. Acesso em: 15 jul. 2018.

SIQUEIRA, Sávio. Inglês como Língua Franca: o desafio de ensinar um idioma desterritorializado. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S; EL KADRI; M. S. **Ensino como língua franca**: ensino – aprendizagem e formação de professores. Campinas: Pontes, 2011.

STONEWALL. Liverpool FC join Stonewall Diversity Champions programme. 2017. Disponível em: https://www.stonewall.org.uk/news/liverpool-fc-join-stonewall-diversity-champions-programme?fbclid=IwAR3NsBryfQr5DP_Oyv0zy1zSOANpEOVt2epYbfE3hNsa6qcf_stJVS4q8bQ. Acesso em: 30 dez. 2018.

STONEWALL. TimePrime: Promoting equality for LGBT fans and players in sport. 2018. Disponível em: < <https://www.stonewall.org.uk/teampride>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

SUÁREZ-OROZCO, Carola. Formulating Identity in a Globalized World. In: M. M. SUÁREZ-OROZCO & D. B. QIN-HILLIARD. **Globalization**: Culture & Education in the New Millennium. Berkeley, CA, US: University of California Press, 2004.

TAKAKI, Nara Hiroko. Futebol, linguagens e sociedade. In: TAKAKI, Nara Hiroko (org.). **Letramentos em terra de Paulo Freire**. 3. ed. ampl. Campinas-SP: Pontes Editores, 2017.

UOL, Torcedora do Grêmio admite ter chamado Aranha de ‘macaco’, mas nega racismo. 2014. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/09/04/torcedora-do-gremio-admite-ter-chamado-aranha-de-macaco-mas-nega-racismo.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

WEBB, Alex. Soccer Fans, Your Team Is Coming After You. 2018. Disponível em: https://www.bloomberg.com/opinion/articles/2018-09-03/soccer-fans-your-team-is-coming-after-you?utm_medium=social&utm_content=business&utm_campaign=socialflow-organic&cmpid=socialflow-twitter-business&utm_source=twitter&fbclid=IwAR2UM1vN8uoJCY4Q1Qfukh7c1aAyafNqK8mATWMEq-OKDSbYOTjlaZ8l-Vg. Acesso em: 30 dez. 2018.

WHITE, Jim. Once the country's best stadium, tired Old Trafford is now showing its age. 2017. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/football/2017/12/06/countrys-best-stadium-tired-old-trafford-now-showing-age/?fbclid=IwAR2fBushxAv6zKGDetjPXjITNBPQPANQY0DwzsNFZylpsyx4YvPrVMV29MQ> . Acesso em: 30 dez. 2018.

YUDICE, George. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global. Tradução de Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: UFMG, 2004

ZACCHI, Vanderlei José. **A enxada e a caneta**: linguagem e cultura na construção da identidade do sem-terra. São Paulo: Humanitas; FAPESP, 2016a.

ZACCHI, Vanderlei J. Neoliberalismo, ensino de língua inglesa e o livro didático. In: JORDÃO, Clarissa Menezes (Org.). **A linguística aplicada no Brasil**: rumos e passagens. 1aed.Campinas: Pontes, 2016b.